Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

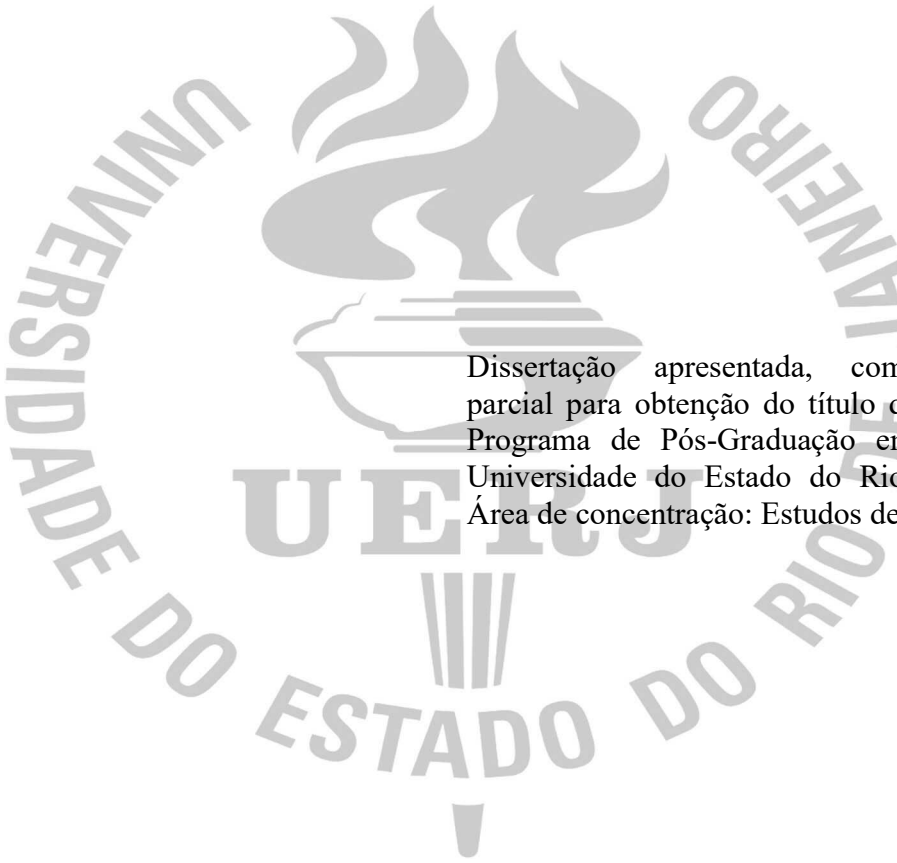
Aline Fernandes da Silva

O lirismo e a sátira na obra de Manuel Antônio de Almeida

Rio de Janeiro
2021

Aline Fernandes da Silva

O lirismo e a sátira na obra de Manuel Antônio de Almeida



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Nogueira Soares

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A447 Silva, Aline Fernandes da.
O lirismo e a sátira na obra de Manuel Antônio de Almeida / Aline Fernandes da Silva. – 2021.
85 f.: il.

Orientador: Marcus Vinícius Nogueira Soares.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Almeida, Manuel Antônio de, 1831-1861 – Crítica e interpretação - Teses. 2. Almeida, Manuel Antônio de, 1831-1861. Memórias de um sargento de milícias - Teses. 3. Sátira brasileira – Séc. XIX – Teses. 4. Poesia brasileira – Séc. XIX – Teses. I. Soares, Marcus Vinícius Nogueira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Aline Fernandes da Silva

O lirismo e a sátira na obra de Manuel Antônio de Almeida

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 22 de outubro de 2021.

Banca Examinadora:

_____

Prof. Dr. Marcus Vinicius Nogueira Soares (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry

Instituto de Letras - UERJ

_____

Profª. Dra. Claudete Daflon dos Santos

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Jorge Fernandes (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Jesus, meu melhor amigo.

Ao meu orientador Marcus Vinicius Nogueira Soares, que desde a especialização tem me ajudado a trilhar este caminho desafiador da pós-graduação. Obrigada pela dedicação e compreensão.

À minha família, que sempre me ajuda a garimpar novas edições das *Memórias de um sargento de milícias*.

Aos meus amigos, em especial à Solange Melo, pelas palavras de encorajamento.

Todos os homens públicos pagam tributo à malignidade; mas são pagos em dinheiro e em honras. O homem de letras paga igual tributo sem nada receber; desceu à arena por prazer, a si mesmo se condenou às feras.

Voltaire

RESUMO

SILVA, Aline Fernandes da. *O lirismo e a sátira na obra de Manuel Antônio de Almeida*. 2021. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O presente trabalho busca identificar o lirismo e a sátira presentes na obra de Manuel Antônio de Almeida. Durante muito tempo, Almeida foi considerado pela crítica um autor deslocado no movimento romântico por causa das *Memórias de um sargento de milícias*. O que os críticos não atentaram, contudo, é que Almeida nada tinha de deslocado. Um estudo mais aprofundado de seus poemas e de seu único romance mostraria que o jornalista foi um autor romântico genuíno. Sua obra retrata não apenas o humor e a sátira presentes nas *Memórias*, mas também um lirismo que a crítica, desde o século XIX, pouco evidenciou. Este trabalho, portanto, busca refletir sobre o lirismo e a sátira presentes em sua obra, bem como o olhar da crítica em relação às publicações de Almeida.

Palavras-chave: Literatura oitocentista. Lirismo. Sátira. Imprensa do século XIX.

ABSTRACT

SILVA, Aline Fernandes da. *Lyricism and satire in Manuel Antônio de Almeida's works*. 2021. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The aim of this study is to identify lyricism and satire present in Manuel Antônio de Almeida's works. For a long time, Almeida was considered by the critic a displaced author in the romantic movement because the book *Memoirs of a militia sergeant*. What the critics did not notice, however, was that Almeida was not displaced. A deep study on his poems and his single novel shows that the journalist was a genuine romantic author. His book portrays not only the humor and satire present in *Memoirs*, but also a lyricism that the critic hás barely shown since the 19th Century. This work, therefore, seeks to reflect on the lyricism and satire present in his work, as well as the critical eye in relation to Almeida's publications.

Keywords: 19th Century Literature. Lyricism. Satire. 19th Century Press.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Poema “Recordação 21
Figura 2 — Poema “A melancólica” 27
Figura 3 — Primeira publicação de *A Carapuça* 36
Figura 4 — Primeira publicação da *Revista Illustrada* 37
Figura 5 — Pedro-Caju: o monarca ineficiente 39
Figura 6 — Primeira publicação da “Pacotilha” 46
Figura 7— O “Escritório da Pacotilha” 53
Figura 8 — 1° capítulo das *Memórias* na “Pacotilha” 57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 **O POETA MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA** 13

1.1 **O poeta por trás do romancista** 13

1.2 **Os primeiros poemas** 15

1.3 **A figura feminina nos poemas de Almeida** 21

2 **A SÁTIRA NAS *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS*** 32

2.1 **A sátira e a imprensa brasileira do século XIX** 32

2.2 **A sátira na seção humorística "Pacotilha", do *Correio Mercantil*** 40

2.3 **A "Pacotilha" e as *Memórias*: uma questão de homologia** 47

3 **AS *MEMÓRIAS* E O OLHAR DA CRÍTICA: UMA RETROSPECTIVA** 59

3.1 **Inicialmente, um romance de costumes**. 61

3.2 **Romance pré-realista** 66

3.3 **As *Memórias* e a classificação picaresca** 69

3.4 **Um romance "malandro"?** 72

3.4.1 A malandragem como forma de sobrevivência 74

3.4.2 A malandragem como traço cultural brasileiro 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS 78

REFERÊNCIAS 80

INTRODUÇÃO

Manuel Antônio de Almeida é um dos raros escritores brasileiros que obteve a façanha de ser eternizado em nossa literatura com apenas um romance. Romance este, inclusive, detentor de um feito literário: desde a sua primeira publicação em livro, em 1854 e 1855, até os dias atuais, as *Memórias de um sargento de milícias* já foram publicadas por mais de três dezenas de editoras. Contudo, sabemos que o reconhecimento da obra foi póstumo e até hoje o restante da produção literária do autor tem sido pouco evidenciado.

Filho de imigrantes portugueses, Manuel Antônio de Almeida nasceu em 17 de novembro de 1831 na cidade do Rio de Janeiro. Aos dez anos, ficou órfão de pai, o tenente Antônio de Almeida. Com poucos recursos, sua mãe, dona Josefina Maria de Almeida, criou os quatro filhos, sendo Almeida o mais promissor da prole. Dona Josefina via na inteligência e na determinação do filho a esperança de um futuro melhor.

Na adolescência, Almeida passou a frequentar o Colégio São Pedro de Alcântara. Como a situação financeira era precária, estudou algumas disciplinas por conta própria, mas isso não foi empecilho para que obtivesse uma boa formação. Datam dessa época suas primeiras publicações literárias: "O morrer da virgem" e "A uma jovem espanhola", publicadas na revista literária *Harpejos Poéticos*, e "Recordação", publicada no jornal *O Beija-Flor*.

Por volta de 1852, Almeida, então com vinte anos, consegue um emprego na redação do jornal *Correio Mercantil.* O jovem redator passou a contribuir com uma nova seção humorística: A "Pacotilha". Esta era publicada aos domingos em clima de muita galhofa e durou de 1851 a 1854. Tanto os textos em prosa quanto em versos da "Pacotilha" eram de cunho satírico. Foi dentro desse universo de sátira liberal que Almeida publicou pela primeira vez, em folhetim e anonimamente, as *Memórias de um sargento de milícias*, de 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853.

Com o fim da "Pacotilha", Almeida passou a contribuir com outra seção — as "Páginas menores" —, ao lado de José de Alencar e Francisco Otaviano. Embora essa nova seção não possuísse a veia satírica que tanto caracterizara a "Pacotilha", Almeida permaneceu satírico em algumas crônicas, como "Fisiologia da voz" e "O nome", ambas de 1854. Ainda no *Correio Mercantil*, contribuiu como crítico literário na *Revista Bibliográfica* até 1856.

Ausentando-se do jornalismo, em 1857, foi nomeado administrador da Tipografia Nacional, onde conheceu Machado de Assis. Mais adiante, em 1859, foi nomeado segundo oficial da Secretaria dos Negócios da Fazenda, cargo que não o animava muito. Numa carta escrita em Friburgo cinco meses antes de sua morte, lamentava a José de Alencar a questão de seus cargos públicos o afastarem do jornalismo, além de oferecerem baixos salários. Contudo, as dificuldades financeiras obrigavam Almeida a buscar outras formas de sustento longe das redações dos jornais, permanecendo apenas com a tradução de alguns folhetins, como *O Rei dos Mendigos*, de Paul Féval.

Em 28 de novembro de 1861, quando se dirigia a Campos para tratar de sua candidatura a deputado, faleceu no naufrágio do vapor *Hermes*, nos arredores de Macaé. Alguns dias depois, em 5 de dezembro, o *Correio Mercantil* noticiou a morte daquele que fora um de seus jornalistas mais brilhantes.

Este estudo propõe identificar e analisar o lirismo e a sátira na obra de Almeida, mais especificamente em seus poemas e nas *Memórias de um sargento de milícias*. Para tanto, compararemos os seus poemas com os de outros poetas contemporâneos a ele, apontando o lirismo por meio de um estudo comparativo. Em relação à sátira, evidenciaremos a homologia que há entre a "Pacotilha", seção humorística do jornal *Correio Mercantil*, com as *Memórias*, publicadas na mesma seção, de 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853. A sátira contida nas *Memórias* tem suas origens na "Pacotilha", sua progenitora.

A relevância deste trabalho está na exposição e análise dos poemas de Almeida, raramente comentados pela crítica literária. Pouco se escreveu sobre a faceta poética do autor das *Memórias*, que começou a publicar os seus poemas ainda na adolescência. Ademais, trata da sátira em seu único romance, um dos mais importantes da imprensa satírica do século XIX.

O Objetivo geral deste trabalho é identificar o lirismo e a sátira presentes na obra de Manuel Antônio de Almeida. Já os objetivos específicos são analisar de que forma o lirismo é evidenciado em seus poemas e comparar a homologia existente entre a sátira na seção "Pacotilha" e nas *Memórias de um sargento de milícias*.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de internet. A primeira foi enriquecida com obras como: *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*, de Marques Rebelo, As edições críticas das *Memórias de um sargento de Milícias*, de Terezinha Marinho, Cecília

de Lara e Mamede Mustafa Jarouche. Já a pesquisa de internet proporcionou revistas eletrônicas sobre o tema e o acervo digital da Biblioteca Nacional, com diversos periódicos do século XIX.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro trata da identificação do lirismo nos poemas de Almeida. Como há pouco material crítico sobre o tema, foi realizado um estudo comparativo dos poemas do poeta com os de outros de seu tempo. Também são abordados os temas recorrentes na poesia de Almeida e a visão da crítica sobre os seus poucos poemas.

O segundo capítulo identifica e analisa a sátira nas *Memórias de um sargento de milícias*, único romance escrito pelo autor e publicado em folhetim no jornal *Correio Mercantil*. Dentro do jornal havia a seção "Pacotilha", famosa por sua veia satírica e primeiro canal de veiculação das *Memórias*. Por meio de uma análise comparativa, mostramos que há uma homologia entre a "Pacotilha" e as *Memórias*, apontando de que forma a sátira se apresenta em ambas.

O terceiro e último capítulo aborda a visão da crítica sobre as *Memórias de um sargento de milícias*. O percurso do romance desde os primórdios, quando foi considerado um romance de costumes, até o ensaio "Dialética da malandragem", de Antonio Candido. Este viu nas *Memórias* um romance "malandro". O capítulo aborda também as divergências em relação a Almeida, que ora era tratado como um romântico, ora como um pré-realista.

Fosse como poeta ou romancista, Manuel Antônio de Almeida teve a sua participação no movimento romântico. Contribuiu como redator, de 1852 a 1856, no *Correio Mercantil*, escrevendo crônicas, poemas, crítica literária e as *Memórias*, sua obra-prima. Embora tenha se formado em medicina, nunca exercera a profissão. Sua paixão era a pena. A morte prematura aos trinta anos, porém, interrompeu a escrita. Felizmente, seu único romance sobreviveu ao tempo, compensando, talvez, os anos abreviados de seu autor.

1 **O POETA MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA**

1.1 **O poeta por trás do romancista**

Embora seja conhecido como o autor das *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Almeida também escreveu poemas. Fosse publicando em revistas literárias, fosse em jornais como o *Correio Mercantil* — periódico em que sua produção literária foi mais profícua —, seus poemas evidenciam um autor desejoso de participar do movimento romântico da época.

Apesar de ser um poeta mediano, a ênfase em seus poemas importa à medida que evidencia um Almeida para além das *Memórias*, colocando um pouco de luz sobre o restante de sua obra que ainda se encontra obscura, esquecida.

Seus poucos poemas, quase sempre, retratam a musa etérea e o amor impossível, com acentuado tom de melancolia. Isso difere bastante do que parte da crítica sempre pontuou: que Almeida foi um autor deslocado no movimento romântico e que as *Memórias*, um romance de costumes bastante peculiar, não refletiam a atmosfera romântica tão bem representada por José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.

Eugênio Gomes, em sua obra *Aspectos do Romance Brasileiro*, reuniu as conferências que realizou, em 1953, na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, cujo tema era a estética do romance brasileiro. No capítulo que dedica a Manuel Antônio de Almeida, enfatiza que o romancista nunca teve a intenção de "nadar contra a maré do Romantismo". Pelo contrário:

> Não se deve, entretanto, atribuir a Manuel Antônio de Almeida o propósito deliberado de combater o Romantismo ou de querer sobrepor sua narrativa sabidamente circunstancial à detestável literatura de pura sentimentalidade, que era absorvida então em nosso país. (GOMES, 1958, p.55).

Possivelmente, por falta de aprofundamento ou desconhecimento do conjunto da obra do autor, a crítica atribuísse a ele o perfil de deslocado ou precursor: "Em plena voga da novela romântica (Macedo) foi um antirromântico, um precursor do Realismo". (LUFT, 1967, apud REBELO, 1973, p. 46-47). Obviamente, os poemas de Almeida ratificam o oposto: que o autor foi genuinamente um romântico. Aliás, até mesmo as *Memórias*, quando atentamente analisadas, evidenciam o caráter romântico de seu autor. Como observa Afrânio Coutinho:

> A tradição a que parece ligarem-se mais adequadamente as *Memórias* ainda é à romântica. Não há uma só família romântica: há a do romance pessoal, a do romance histórico, a do romance da aventura, a do romance filosófico, a do romance campestre, ora tendências pessoais e íntimas, ora históricas e pitorescas, ora sentimentais, ora naturalistas, ora líricas, ora dramáticas, ora épicas. Não se pode recusar a filiação romântica das *Memórias* só porque elas não se enquadram no tipo do romance vigente na época de seu aparecimento e representado fosse pelos livros de Macedo, de romantismo sentimentalesco, fosse pelo romantismo alencariano de cunho indianista ou regionalista ou de costumes urbanos pequeno-burgueses. (COUTINHO, 1999, p.7).

Dessa forma, quando grande parte da crítica considerou Almeida um antirromântico, não avaliou atentamente o conjunto de sua obra. Aliás, nem mesmo seu único romance. Como já mencionado, as *Memórias* pertencem ao movimento romântico da mesma forma que *A carteira de meu tio*, de Macedo, ou *O garatuja*, de Alencar. A sátira presente nessas três obras não as exclui do movimento romântico. Apenas retrata uma de suas facetas. Ademais, essa insistência da crítica em, por vezes, focar apenas em uma parte da obra de autores românticos não é benéfica. De acordo com Maria José da Trindade Negrão:

> O Romantismo foi um movimento de envergadura muito mais ampla e mais rica do que, em geral, as nossas histórias de literatura fazem supor. Mesmo entre nós: um Gonçalves Dias ou um Álvares de Azevedo, para não citar outros menos populares, jamais foram estudados em **todos** os aspectos de sua obra. Isso acontece não sei se por pressa, certa preguiça mental, estreiteza de vistas ou se por falta de objetividade. (NEGRÃO, 1966, p.14, grifo nosso).

Segundo Eugênio Gomes, "os poucos versos de sua autoria que se conhecem podiam ser atribuídos a qualquer poeta langoroso da época" (GOMES, 1958, p. 56). Sendo assim, a teoria de "autor antirromântico" ou "precursor do Realismo" não se sustenta, uma vez que a obra de Manuel Antônio atesta o contrário: tanto os seus poemas quanto o seu romance estão em consonância com o movimento romântico. Os poemas por não serem diferentes dos escritos por poetas contemporâneos a ele e o seu único romance estava devidamente inserido na produção satírica romântica.

Seus poemas publicados são poucos, pelo menos os que se pode legitimar a sua autoria. Lembremos que o uso de pseudônimos era comum no século XIX, o que também dificulta a identificação. Como redator do *Correio Mercantil*, por exemplo, Almeida provavelmente escrevera muito mais do que supomos, mas sem identificação ou se utilizando de pseudônimos, algo corriqueiro nos jornais da época. A respeito disto, Brito Broca, em sua obra *Horas de Leitura*, comenta:

> [...] Já se tem dito que Manuel Antônio de Almeida publicou as *Memórias de um Sargento de Milícias* sob o pseudônimo de "Um Brasileiro" porque não dera nenhuma importância à novela, alinhavada em folhetins; com o objetivo único de divertir o

> público, estivera longe de imaginar o alcance literário da obra que realizava. Talvez não seja bem isso. Aceita essa versão, poderíamos por aí concluir que José de Alencar, ao lançar sem assinatura, primeiro no *Diário do Rio*, depois em livro, em 1857, a primeira edição de *O Guarani*, assim o fizera por não emprestar mérito à obra. E bem sabemos que ele estava ciente do contrário. [...] Por que então essa insistência no anonimato? Porque se tratava de romance, de novela, gênero considerado de categoria secundária, principalmente no Brasil, onde a literatura, nessa época, já constituía em si mesma um mister secundário. (BROCA, 1992, p. 119-120).

Neste capítulo, abordaremos os seus poemas por meio de uma ordem cronológica. Também iremos compará-los aos de outros poetas de seu tempo. Procuraremos evidenciar de que forma a figura feminina, seu principal tema, se apresenta. Além das características tipicamente românticas que seus poemas retratam.

1.2 Os primeiros poemas

As primeiras publicações de Almeida datam de 1849, com os poemas "A uma jovem espanhola", "O morrer da virgem" e "Recordação". Nesse ano, segundo Rebelo (2012), o poeta de dezessete anos dava início à sua jornada literária.

Esses primeiros poemas, apesar de modestos, retratam um Manuel Antônio adolescente e já ansioso por compartilhar do ideal romântico de sua época. Leitor fervoroso de Gonçalves Dias e de Manuel Araújo Porto Alegre, provavelmente buscou inspiração nesses poetas para compor seus primeiros versos.

O poema "O morrer da virgem", publicado em 20 de junho, traz a figura feminina que Almeida buscou enfatizar na maioria de seus poemas: a virgem doce, inocente e quase sempre inalcançável para o poeta. Algo muito explorado pelos românticos:

O morrer da virgem
Já viste alguma vez ao romper d'alva
Da lua que se esconde no ocidente
Os derradeiros pálidos reflexos
Que se apagam no mar?...

Ouviste alguma vez no fim da tarde,
Já quando vem caindo a muda noite
Do sabiá o canto que se extingue,
Nos ramos da palmeira?...

Já viste um lírio branco na campina
Crestado ao forte ardor do sol estivo,
Triste exalar o derradeiro eflúvio
Do seu odor suave?...

– Do astro o raio tênue que se apaga
Sem deixar um vestígio à flor das águas,
Da ave e triste canto que se perde
Com os vapores da tarde,

E o perfume da flor que se esvanece
No meio da campina, são imagens
De casta virgem inocente
No seu primeiro amor!...

E assim a vi morrer... e assisti-lhe
Aos preciosos últimos momentos...
E neles eu bebi porção bem grande
De bem doce poesia!...

Foi seu último olhar o raio frouxo
Do astro a sepultar-se no ocidente;
Seu último pensar foi qual o canto
Do sabiá do vale,

E o extremo suspiro que escapou-lhe
Da linda boca que sorria à morte
Foi doce extremo aroma que exalara
A bela flor do prado!

– Seu derradeiro olhar eu trago n'alma
Seu último pensar trago na mente,
E o extremo suspiro perfumado
Guardo dentro do peito!...

A capela de rosas que adornou-lhe
A linda fronte, quando o belo corpo
Foi esconder-se na profunda terra,
Eu pra mim a tomei!

Com ela engrinaldei a triste lira
E vim sentar-me junto ao seu sepulcro
E daqui fui soltando os tristes carmes
Que a triste me inspirou!... (ALMEIDA, 1991, p. 175-176).

Assim como o canto do sabiá que se extingue ou o derradeiro eflúvio de um lírio, a amada também tem o seu fim. Dessa forma, o poeta, de modo introdutório, esboça a efemeridade de alguns elementos da natureza para chegar ao ponto desejado: a morte da amada.

Notamos que em "O morrer da virgem" há elementos românticos inegáveis, por exemplo, a exaltação da natureza em substantivos como: lua, mar, palmeira, lírio, flor, sabiá. Além disso, a temática da morte que sempre rodeia a mulher amada, dificultando a concretização do amor idealizado pelo poeta e tornando essa figura feminina quase sempre inalcançável.

Ademais, esse poema também apresenta, como bem observa Bernardo de Mendonça (1991), semelhanças com a famosa "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias:

Canção do Exílio

> Minha terra tem palmeiras,
> Onde canta o Sabiá;
> As aves, que aqui gorjeiam,
> Não gorjeiam como lá.
>
> Nosso céu tem mais estrelas,
> Nossas várzeas têm mais flores,
> Nossos bosques têm mais vida,
> Nossa vida mais amores.
>
> Em cismar, sozinho, à noite,
> Mais prazer encontro eu lá;
> Minha terra tem palmeiras,
> Onde canta o Sabiá.
>
> Minha terra tem primores,
> Que tais não encontro eu cá;
> Em cismar – sozinho, à noite –
> Mais prazer encontro eu lá;
> Minha terra tem palmeiras,
> Onde canta o Sabiá.
>
> Não permita Deus que eu morra,
> Sem que eu volte para lá;
> Sem que desfrute os primores
> Que não encontro por cá;
> Sem qu'inda aviste as palmeiras,
> Onde canta o Sabiá. (DIAS, 2001, p. 18).

Almeida, provavelmente por ser leitor de Gonçalves Dias, em "O morrer da virgem", valeu-se de termos similares aos do famoso poema, tais como: palmeira e sabiá. A exaltação aos elementos da natureza é nítida e sendo essa uma das características da poesia de Gonçalves Dias é compreensível encontrarmos semelhanças na poesia de Almeida. "Em Gonçalves Dias, finalmente, o Brasil-nação encontrava seu primeiro grande poeta" (SECCHIN, 2007, p. 8). Vale ressaltar que "Canção do Exílio" data de 1843 e que Gonçalves Dias, com a publicação de *Primeiros Cantos* em 1847, abriu caminho para as gerações seguintes.

> A menção ao mais popular poema de Gonçalves Dias já permite falar do seu nacionalismo literário, dentro das propostas do romantismo brasileiro. Embora o indianismo constitua a parte mais representativa dessa tendência, com mais numerosos e conhecidos poemas, é preciso não esquecer que as formas de representação da natureza ocupam parte substancial de sua poesia. Além de fazer seu registro, o poeta cria algumas imagens que depois se convertem em padrão de referência, em símbolo evocador do espaço e da paisagem brasileiros. Bastaria lembrar, de pronto, palmeira e sabiá, sem maiores alongamentos. Embora se saiba que ambos penetraram a literatura antes dele, foi Gonçalves Dias que lhes infundiu densidade poética e simbólica e lhe deu aquele especial poder de encanto e sedução. (GARBUGLIO, 2001, p. 8).

Nos passos de Gonçalves Dias com a sua poesia nacionalista, muitos poetas e aspirantes surgiam, influenciados pelo movimento romântico que fervilhava. Junto a isso, muitas revistas literárias abriam espaço para publicarem novos talentos da poesia, sobretudo no Rio de Janeiro.

A *Harpejos poéticos* – editada na Tipografia Francesa, à rua São José –, era uma delas, o que proporcionou a estreia de Almeida.

Um pouco antes da publicação de "O morrer da virgem", Almeida já havia publicado, na mesma revista, "A uma jovem espanhola", em 3 de maio de 1849. Esse poema, diferentemente da melancolia presente em "O morrer da virgem", evidencia um trovador enamorado, ansioso por um olhar apaixonado de sua amada:

A uma jovem espanhola
És tão mimosa e tão bela,
Como a estrela,
Que desponta rutilante,
E que se mira luzente
Na corrente,
Que retrata deslumbrante.

És airosa, qual palmeira
Que altaneira
Sua coma eleva ao ar,
Ou qual batel enfunado, que apressado
Desliza à face do mar.

Esses teus olhos brilhantes,
Fulgurantes
Tem um quê, que diz – amor –;
Eu que os buscava evitar
Sem pensar
Me queimei no seu calor.

Esses lábios teus corados,
Engraçados,
E teus dentes de marfim,
São dotes que te invejara
O mais lindo querubim.

A ti, virgem tão formosa,
Tão donosa
Votei santo e puro amor;
E tu serás insensível,
Impassível
Aos votos do Trovador?

Ah! Não o sejas, Deidade,
Tem piedade
Deste mísero cantor;
Com teus olhos brilhantes,
Fulgurantes
Dá-lhe doce olhar de amor;

Com teus lábios tão corados,
Engraçados,
Dize um – sim – que lhe dê vida,
E serás na lira amada
Decantada
E no seu peito querida. (ALMEIDA, 1991, p. 173-174).

Novamente, encontramos os elementos românticos de exaltação da natureza. Aqui, a virgem donosa, que se mostra indiferente aos apelos do poeta, recebe adjetivos como mimosa e bela. Usando de comparação, o poeta assemelha sua amada a uma estrela, uma palmeira, um batel enfunado. Ressalta também a figura da mulher hispânica que se mostra com lábios corados, dentes de marfim e olhos brilhantes.

O eu lírico se define como um Trovador. Fazendo um paralelo com as *Memórias de um sargento de milícias*, poderíamos encontrar na pessoa de Leonardo o trovador apaixonado por Luisinha¸ que a princípio se mostra indiferente aos sentimentos do herói. Mais adiante, o protagonista se apaixona por Vidinha, que poderia corresponder aos "olhos brilhantes", aos "lábios corados" e "dentes de marfim". Vale relembrar que no romance Vidinha é descrita como uma mulata de "altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito preto e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos [...]" (ALMEIDA, 2015, p.164).

Do ponto de vista estrutural, o poema possui versos trissílabos e heptassílabos, com rimas paralelas, cruzadas e interpoladas. Curiosamente, "A uma jovem espanhola" também traz semelhanças com outro poema de Gonçalves Dias: "A leviana".

A leviana
És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'Abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil.

Tu és vária e melindrosa,
Qual formosa
Borboleta num jardim,
Que as flores todas afaga,
E divaga
Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrela
Doce e bela,
Que treme incerta no mar:
Mostras nos olhos tua alma
Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,
Tão airosas,
Formas da terra não são;
Pareces anjo formoso,
Vaporoso,
Vindo da etérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
Contra o seio

Eu tremo de te apertar:
Pois me parece que um beijo
É sobejo
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que és só minha!
Passa asinha
A vida, como a ventura;
Que te não vejam brincando,
E folgando
Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
Bela aurora
De fulgores radiante;
Tal a vaga mariposa
Brinca e pousa
Dum cadáver no semblante. (DIAS, 2001, p. 32-33).

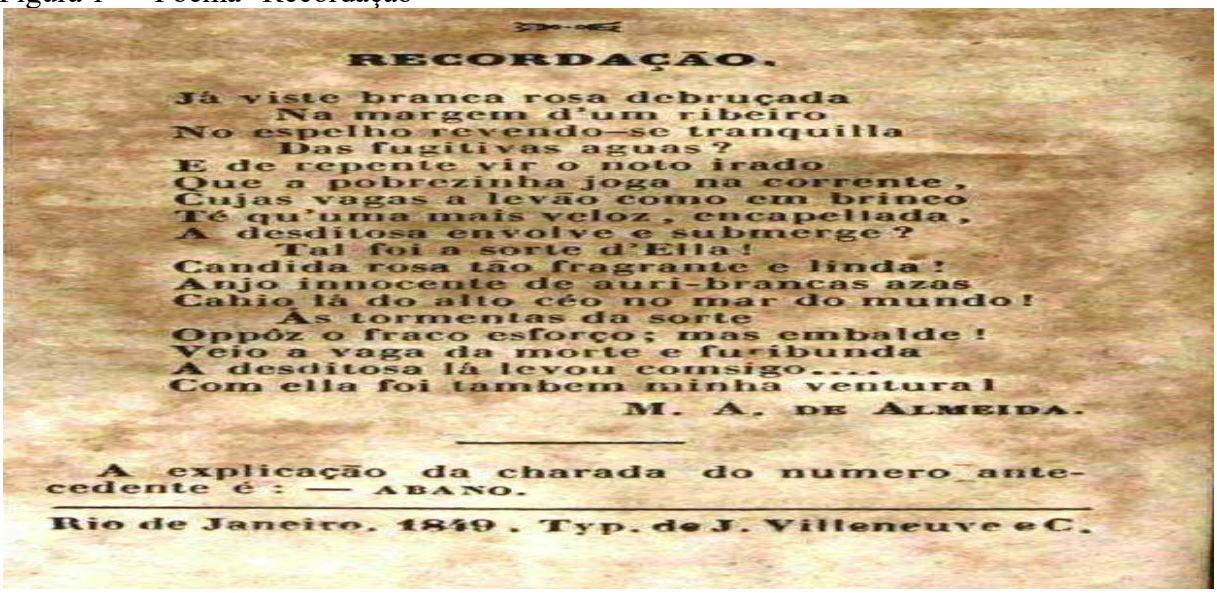
Escrito também em versos heterométricos de sete e três sílabas, o poema "A leviana" certamente serviu de inspiração para que Almeida escrevesse "A uma jovem espanhola". Além do ponto de vista métrico, o uso dos substantivos e adjetivos são extremamente semelhantes nos dois poemas. Termos como donosa, airosa, radiante, formosa e estrela, por exemplo, estão presentes em ambos. Evidentemente, a poesia romântica é recheada de termos como esses, mas fica claro neste caso que Almeida valeu-se do poema de seu poeta favorito para se inspirar e compor seus versos.

O periódico *O Beija-Flor* — jornal de instrução e recreio —, em sua estreia, no dia 7 de abril de 1849, procurou desculpar-se com a ave que lhe inspirou o nome e evidenciar o seu propósito:

> Perdoa se te roubam o nome para o darem a um papel, se tintas negras tentar assemelhar-se a tuas cores variadas, se sob o mesmo sol que te ilumina, os escritores que te invocam, ambicionem que seus escritos vaguem por aí tão bem recebidos pelas suas flores, como tu és pelas tuas, mimoso BEIJA-FLOR... Pequeno e humilde, de instrução e recreio, e mais de recreio que de instrução, nasce este papel; não promete muito, mas se ele ao menos tiver o poder de distrair, não faz de certo um mal. (O BEIJA-FLOR, 1849, p.1).

E foi nesse periódico, "pequeno e humilde", que no dia 9 de setembro foi publicado "Recordação". Nesse poema, encontramos novamente a temática da morte (ainda que metaforicamente) e do amor inacessível. Temas recorrentes na poesia de Almeida.

Figura 1 — Poema "Recordação"



RECORDAÇÃO.

Já viste branca rosa debruçada
Na margem d'um ribeiro
No espelho revendo-se tranquilla
Das fugitivas aguas?
E de repente vir o noto irado
Que a pobrezinha joga na corrente,
Cujas vagas a levão como em brinco
Té qu'uma mais veloz, encapellada,
A desditosa envolve e submerge?
Tal foi a sorte d'Ella!
Candida rosa tão fragrante e linda!
Anjo innocente de auri-brancas azas
Cahio lá do alto céo no mar do mundo!
As tormentas da sorte
Oppóz o fraco esforço; mas embalde!
Veio a vaga da morte e furibunda
A desditosa lá levou comsigo....
Com ella foi tambem minha ventura!

M. A. DE ALMEIDA.

A explicação da charada do numero antecedente é: — ABANO.

Rio de Janeiro. 1849. Typ. de J. Villeneuve e C.

Fonte: O BEIJA-FLOR*: Jornal de Instrução e Recreio*, n. 23, p.8, 08 set. 1849. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

Notamos que nesses três poemas publicados há uma forte influência da poesia de Gonçalves Dias sobre Manuel Antônio de Almeida. A partir dessas primeiras publicações, Almeida dá início a sua caminhada pelo mundo das letras.

1.3 **A figura feminina nos poemas de Almeida**

A figura feminina presente nos poemas de Almeida, como já mencionado, costuma apresentar-se sem muitas variações. O poeta quase sempre segue um padrão: retrata a doce virgem que lhe inspira amor e carinho, embora esse amor nunca se concretize de fato. Há uma áurea de mistério em relação a essa virgem que apresenta "um riso de anjo", mas que também "é pálida e triste". E o poeta embora se mostre apaixonado e esperançoso em relação à realização desse amor, por vezes, teme os encantos dessa virgem. É o que verificamos em "Escuta", datado de 1851.

Escuta!
Escrevo para ti pensando n'ela.
(Dr. Ernesto)

Escuta, virgem! Tens um riso de anjo
que infunde n'alma singular quebranto:
belo qual sonho que na doce infância,
nos roça a mente no dormir de rosas.

Escuta ainda: — teu olhar fagueiro
espelho ingênuo de tu'alma pura,
semelha o lago tranqüilo e manso,
mostra no fundo as pérolas lustrosas!

Mas eu não quero que me infundas n'alma
Doce quebranto de teu riso d'anjo:
Mas eu não quero que me dês fagueiro,
Volver donoso de teus lindos olhos.

Que se me deras um teu doce riso,
Que se me deras um olhar dos teus,
Pudera cego, desvairado e louco,
Morrer de gozo de ventura tanta.

Também não quero aventurada rosa
que entre teus dedos, amorosa, afagas,
que descuidada, por teus lábios passas,
e que perfumas de teus doces beijos!

Quero somente que uma vez na vida,
Digas meu nome; que me dês já murcha
a triste flor que desbotada arrancas
de teus cabelos e que ao chão arrojas...

Quero somente que por meu sepulcro
um dia passes; que meu nome leias...
que — amou-me —digas; isto só me basta
por prêmio caro de um amor tamanho... (ALMEIDA, 2012, p. 35-36).

Esse poema, que nunca foi publicado por Almeida, foi escrito por ele em um livro íntimo pertencente a Francisco Joaquim de Bethencourt da Silva, seu amigo de infância. Este o guardou como um presente precioso, vindo a publicá-lo somente em 1876, quando o colocou como parte da introdução que escrevera para a quarta edição das *Memórias*. "Escuta" nos lembra, devido à sua temática, outro poema de um contemporâneo de Almeida: Casimiro de Abreu. O poema "Amor e medo", publicado em 1859, também trata de um poeta apaixonado, porém receoso em relação a esse amor:

Amor e medo

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, Oh! Bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
"—Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"

Como te enganas! Meu amor é chama

Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela — eu moço; tens amor — eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incêndio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! Se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que à sombra dele tão feliz crescia?
A labareda que se enrosca ao tronco
Torrara a planta qual queimara o galho,
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!

Ai, se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
— Tu te queimaras, a pisar descalça,
—Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos pauis da terra.

> Depois... desperta no febril delírio,
> — Olhos pisados — como um vão lamento,
> Tu perguntaras: —qu'é da minha c'roa?...
> Eu te diria: — desfolhou-a o vento!...
>
> Oh! Não me chames coração de gelo!
> Bem vês: traí-me no fatal segredo.
> Se de ti fujo é que te adoro e muito,
> És bela — eu moço; tens amor, eu — medo!... (ABREU, 2007, p.169-171).

Assim como em "Escuta", o eu lírico em "Amor e medo" procura afastar-se da concretização do amor que retrata e sente. Aparentemente, há um receio em profanar esse amor que se mostra tão puro. Além disso, a expectativa da concretização desse amor parece satisfazer mais que a concretização em si. E a virgem, sempre tão idealizada pelo poeta, precisa manter-se pura como condição para que o amor permaneça imaculado e inalcançável, daí a interdição do desejo:

> Desejar a virgem é desejar o impossível, uma vez que a perda dessa condição implicaria a inexistência do atributo básico que levou o poeta à declaração do seu desejo. Há, implícito, o desejo de que ela não ceda ao desejo dele, para, só assim, poder permanecer desejada. [...] Ele se aproxima, ela desfalece; ela se aproxima, ele tem medo; ele suplica, e ela lhe concede a dádiva do não. (SECCHIN, 2018, p. 80-81).

Marques Rebelo, ao citar o poema "Escuta" em sua biografia, não apresenta entusiasmo. Observa a semelhança existente entre ele e os três primeiros poemas publicados de Almeida. O biógrafo nada enxerga de excepcional, relatando que os poemas apresentavam um "tom romântico e de sensível mediocridade".

> Intitulada "Escuta", é um idílio suspiroso e apaixonado, como a classifica com bondade o dono do álbum, álbum este perdido num incêndio que, no princípio do século, destruiu totalmente o prédio do Liceu de Artes e Ofícios, e trazia uma epígrafe: "Escrevo para ti pensando nela", atribuída a um dr. Ernesto, em tom evidente de gracejo, pessoa essa que não conseguimos identificar. (REBELO, 2012, p. 34-35).

Rebelo viu na epígrafe um tom de gracejo, mas talvez não se tratasse disso. O uso de epígrafes em poemas era uma prática comum no século XIX. O poeta Cinasto Lúcio (pseudônimo de Anastácio Luiz de Bonsucesso), por exemplo, utilizou-se de uma epígrafe de Almeida para iniciar seus versos: "A quem tem seus amores no céu: Que lhe importam amores da terra?!". O poema de Cinasto, intitulado "À morte de uma jovem", foi publicado em 10 de julho de 1855, pela *Marmota Fluminense*:

À morte de uma jovem

A quem tem seus amores no céu:
Que lhe importam amores da terra?!
(M. A. de Almeida)

Corina, minha flor, nos tenros anos
Pela morte me foi roubada;
Sem ela, em minha vida desgraçada
Da dor pude sondar tristes arcanos.

Com mil rogos aos Deuses soberanos
Eu pedi minha prenda idolatrada;
Mas a prece do peito foi baldada,
E os Céus se mostraram desumanos.

Da descrença nascendo a impiedade,
Blasfêmias a minha alma ia soltando
Contra Deus, contra a terra, ou imensidade.

Quando um anjo me diz suave e brando:
Corina está no Céu — a virgindade
No regaço da Virgem repousando. (BONSUCESSO, 1855, p.4).

O dr. Ernesto, citado por Almeida na epígrafe de "Escuta", possivelmente, refere-se a Ernesto Alves Branco Muniz Barreto, parente de Francisco Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, o proprietário do *Correio Mercantil*. Ernesto, assim como Almeida e Bethencourt da Silva, era membro da Sociedade Contra o Tráfico de Escravos e Promotora da Colonização e Civilização dos Indígenas. A Sociedade, inclusive, possuía um periódico: *O Philanthropo*. Estreando em 6 de abril de 1849, o periódico distribuía as suas matérias em três partes: humanitária, científica e literária; era publicado às sextas-feiras, na Typografia Philanthropica, localizada à rua do Lavradio, n°44.

Em 1851, além de "Escuta", Almeida também escreveu um artigo: "Civilização dos Indígenas: duas palavras ao autor do Memorial Orgânico". Publicado em 13 de dezembro de 1851, pelo *Correio Mercantil*, o artigo era uma resposta a algumas ideias propostas por Francisco Adolfo Varnhagen em seu artigo "Memorial Orgânico". Entre outras coisas, o historiador propunha civilizar todo o império, incluindo os índios. E que estes constituíam, dentro do império, uma rebelião armada. Indignado, Almeida escreveu em seu artigo:

> [...] Não serve para justificar a guerra aos indígenas o alegar-se que são gente nômade e sem assento fixo, porque enfim, ainda que isso fosse absolutamente verdadeiro, há de haver na terra um lugar para eles, que como nós têm direito à vida e à subsistência. É também sofisma dizer-se que eles constituem uma revolução armada dentro do império, desobedecendo ao nosso chefe e à nossa lei! Quando se criou o império, o chefe e a lei, já eles ocupavam os lugares que ocupam e viviam a vida que vivem; o

> império, o chefe e a lei foram criados debaixo dessas condições. Como pois pode dizer-se que eles constituem uma revolução dentro do império? As nossas leis nem eles as juraram, nem mesmo sabiam delas, mas o autor diz que para o crime não vale em direito a alegação de ignorância. Ora, não há compêndio de moral que não consagre este princípio: — quando um indivíduo não sabe o que faz, o ato não lhe é imputável. (ALMEIDA, 1851, p.2).

A repercussão desse artigo foi muito favorável, animando a Sociedade Contra o Tráfico de Escravos e Promotora na Colonização e Civilização dos Indígenas. *O Philanthropo*, em 13 de fevereiro de 1852, publicou:

> 1- Que se agradeça ao Sr. Almeida os seus filantrópicos sentimentos em prol dos nossos indígenas, e que seja convidado para sócio desta sociedade.
> 2 – Que se reimprima o artigo do *Mercantil* que respeita as ideias do Memorial Orgânico acerca dos indígenas do Brasil. (ACTAS..., 1852, p.4).

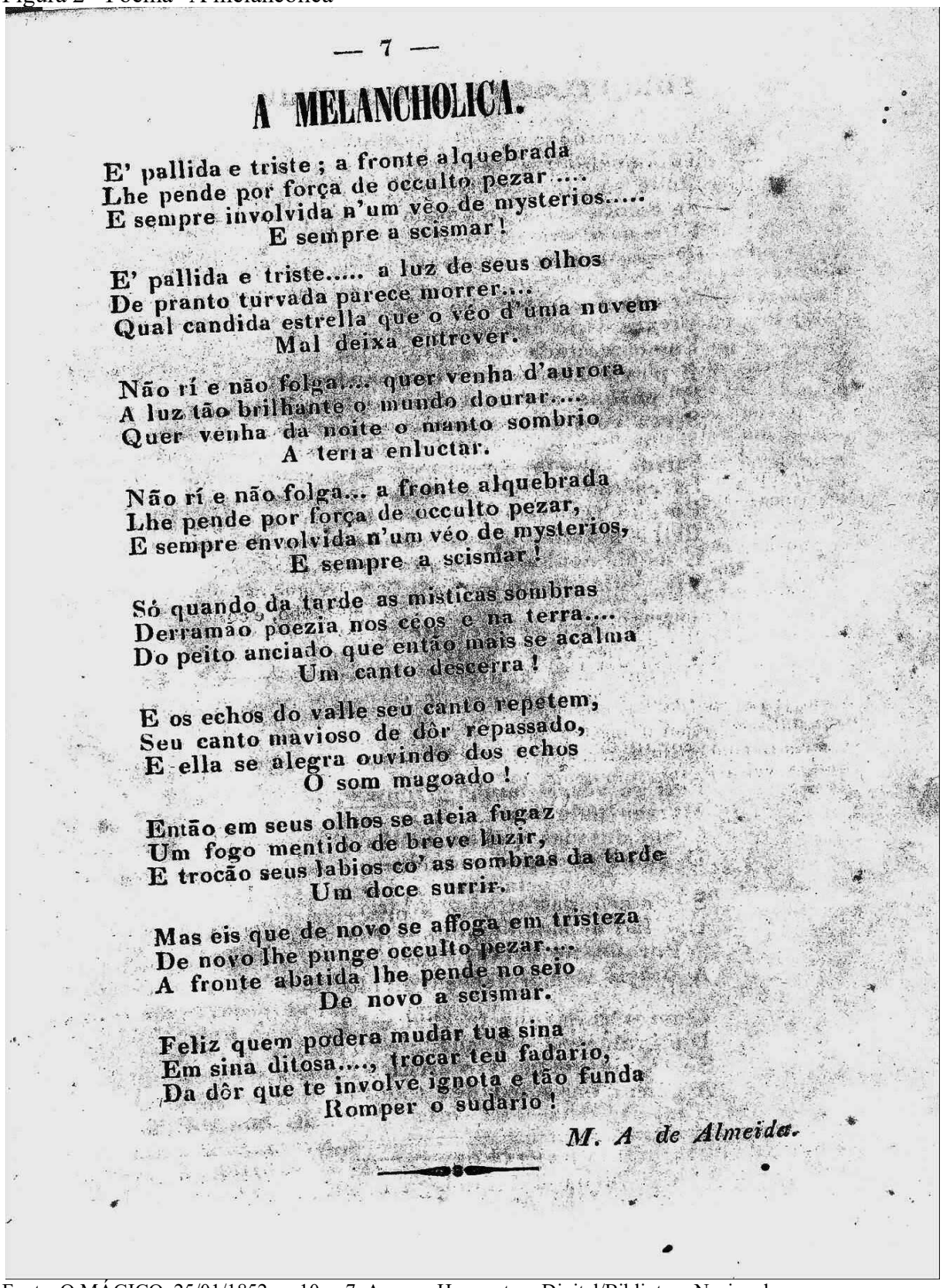
Almeida, que já frequentava a Sociedade, alcança a efetividade como sócio. Em 30 de abril, foi publicado o seu agradecimento: "O Sr. Manoel Antônio de Almeida agradece à sociedade o ter sido por ela considerado seu sócio efetivo" (ACTAS..., 1852, p.3). Os elogios ao seu artigo publicado e sua participação na Sociedade ao lado de Ernesto Alves Branco Muniz Barreto possibilitaram, possivelmente, sua entrada no *Correio Mercantil*, em 1852.

O jornal *O Mágico*, publicado aos domingos e impresso na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres — à rua da Alfândega, n°135 —, trazia em sua estreia, em 23 de novembro de 1851, a seguinte mensagem:

> [...] Darei a conhecer da melhor forma, e com maneiras agradáveis o poder do meu condão, e por meio dos meus agentes invisíveis procurarei sustentar o equilíbrio deste meu edifício. Como pensador, amigo do talento e das boas ideias, aceito tudo o que me remeterem escrito, e publicarei o que for de interesse e agrado geral: é esta a missão do *Mágico*. (ALGUMAS..., 1851, p.1).

Uma dessas publicações, "de interesse e agrado geral", foi o poema de Almeida "A melancólica", publicado em 25 de janeiro de 1852. Nele, a figura feminina aparece "envolvida num véu de mistérios", repleta de melancolia e dor. E o poeta, novamente valendo-se de elementos da natureza, expressa a tristeza da dama que possui a luz de seus olhos "pálida e triste", "qual cândida estrela que o véu duma nuvem mal deixa entrever".

Figura 2 - Poema "A melancólica"



— 7 —

A MELANCHOLICA.

E' pallida e triste ; a fronte alquebrada
Lhe pende por força de occulto pezar....
E sempre involvida n'um véo de mysterios.....
E sempre a scismar !

E' pallida e triste..... a luz de seus olhos
De pranto turvada parece morrer....
Qual candida estrella que o véo d'uma nuvem
Mal deixa entrever.

Não rí e não folga.... quer venha d'aurora
A luz tão brilhante o mundo dourar....
Quer venha da noite o manto sombrio
A terra enluctar.

Não rí e não folga... a fronte alquebrada
Lhe pende por força de occulto pezar,
E sempre envolvida n'um véo de mysterios,
E sempre a scismar !

Só quando da tarde as misticas sombras
Derramão poezia nos céos e na terra....
Do peito anciado que então mais se acalma
Um canto descerra !

E os echos do valle seu canto repetem,
Seu canto mavioso de dôr repassado,
E ella se alegra ouvindo dos echos
O som magoado !

Então em seus olhos se ateia fugaz
Um fogo mentido de breve luzir,
E trocão seus labios co' as sombras da tarde
Um doce surrir.

Mas eis que de novo se affoga em tristeza
De novo lhe punge occulto pezar....
A fronte abatida lhe pende no seio
De novo a scismar.

Feliz quem podera mudar tua sina
Em sina ditosa...., trocar teu fadario,
Da dôr que te involve ignota e tão funda
Romper o sudario !

M. A de Almeida.

Fonte: O MÁGICO, 25/01/1852, n. 10, p.7. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

Poema semelhante foi publicado pelo mesmo periódico em 7 de março de 1852: “A pensativa”, de autoria de J.M.O.P.:

A pensativa
No que pensas descontente,
Tristemente?
Tu és bela, és tão garbosa,
Como a rosa,
És por todos desejada!
Queres pois a tua vida,
Passar triste e aborrecida,
Com tua alma magoada?

Mesmo aqui entre os primores,
Dessas flores,
Do botânico jardim
Queres assim
Entregar-te a só tristeza.
Tu não vês todos folgando,
E da virgem festejando,
O seu dia de grandeza?

Tu não vês a formosura
Da natura.
Não ouves o mavioso,
Cant’amoroso,
Das aves no seu trinar?
Tu não sentes nessas salas,
Entre as risonhas galas,
O prazer te convidar?

Aqui onde estás, donzelas
Castas, belas,
Mostram doce singeleza,
És a princesa!
Aqui tens por simpatia
Quem muito e muito te adora,
Quem de joelhos te implora
Um sorriso de alegria!

Sim, que venha um sorriso donoso
Mais ainda teus lábios doirar,
Que essa dura e acerba tristeza
Pode em breve, cruel, desbotar.
Tu que és tão gentil, tão insonte,
Donde nasce esse triste cismar?
Tu não podes d’um mundo perverso
Nos enganos ainda cuidar!

Tu não deves da avara fortuna
Os terríveis reveses sentir,
Nessa idade, tão bela de ouro
Ninguém pensa; nem lembra o porvir.
Dizes pois que te falta no mundo
Que promove esse teu padecer,
Que te obriga a fugir dos folguedos,
E à sozinha contigo gemer? (J.M.O.P., 1852, p.6).

Observamos que do ponto de vista não apenas estrutural, mas também temático, os poemas de Almeida são extremamente semelhantes aos poemas de seus contemporâneos. De fato, como bem pontuou Eugênio Gomes, "os poucos versos de sua autoria que se conhecem podiam ser atribuídos a qualquer poeta langoroso da época" (GOMES, 1958, p.56). Em "A melancólica", a temática da virgem triste que comove o eu lírico é a mesma de "A pensativa". Os temas abordados por Almeida, quando comparados com os de outros poetas de seu tempo, reforçam a ideia de que o autor foi genuinamente um romântico.

Por fim, em 16 de julho de 1854, quando já atuava como redator do *Correio Mercantil*, Almeida publicou o poema "Amor de Criança", na seção "Páginas menores":

Amor de criança
Era um amor de criança
Puro como a luz! Que amor!
Que perfume de inocência
Daquela alma aberta em flor!
Inda era um anjo...pecou
No momento em que me amou!

Aquele amor foi a crença
Mais doce da minha vida;
Tive outras depois... nenhuma
Chorarei de ver perdida.
Enquanto dure a lembrança
Daquele amor de criança!

Quando ela me via triste
A olhá-la estático e mudo
Tinha dó de mim, e aflita
Jurava por Deus, por tudo,
Amar-me sempre... mentia,
Mas sua alma é que a iludia!

Uma vez de fatigada
Junto a mim adormeceu;
Entre um beijo e um sorriso
Um sonho me prometeu,
Mas quando voltou à vida...
De tudo estava esquecida...

Do roto colar as pérolas
Procurei ver se juntava;
Quis colher na brisa a flor
Que esfolhando-se voava...
O amor que um riso criara
N'um leve sonho acabara!

Inundei-lhe as mãos com pranto
Que a dor funda me arrancava;
Sorriu-se... já não sabia
Que por amor se chorava!
Perdi de todo a esperança:
Já não era mais criança. (ALMEIDA, 1991, p. 179-180).

Sobre o poema, Marques Rebelo apenas concluiu que era “duma desimportância a toda prova” (REBELO, 2012, p. 90). Obviamente, o biógrafo não enxergava nos poemas de Almeida a mesma criatividade das *Memórias*. Aliás, Rebelo mostrou-se decepcionado não apenas com “Amor de criança”, mas também com as crônicas sentimentalistas que Almeida publicou nas “Páginas menores”, como “Uma história triste” e “As flores e os perfumes”, ambas também de 1854.

De fato, os poemas de Almeida não apresentam a mesma qualidade das *Memórias*, escritas de uma forma divertida, mas que conquistou um caráter atemporal, agradando diferentes gerações. Talvez, a sua veia satírica pulsasse bem mais que a poética, o que fez com que o seu único romance sobrevivesse. Por outro lado, se o foco estivesse em seus poemas, é provável que a obra do escritor não resistisse ao tempo.

As “Páginas menores” eram escritas por Almeida, José de Alencar e Francisco Otaviano, que formavam uma tríade promissora dentro do *Correio Mercantil*. A decepção de Rebelo por não encontrar nas publicações de Almeida algo similar às *Memórias* não desqualifica a obra do autor, apenas demonstra a sua inclinação para os temas mais sentimentalistas.

Embora não seja amplamente divulgado, Francisco Otaviano, assim como Almeida, também escreveu poemas. Sua poesia foi reunida, segundo Secchin (2007), postumamente, em 1925, tendo o escritor falecido em 28 de maio de 1889. Dentre os seus poemas, destacamos “Recordações”, que retrata saudosamente um amor perdido, tal como em “Amor de criança”.

Recordações
Oh! se te amei! Toda a manhã da vida
Gastei-a em sonhos que de ti falavam!
Nas estrelas do céu via o teu rosto,
Ouvia-te nas brisas que passavam.
Oh! se te amei! Do fundo de minh’alma
Imenso, eterno amor te consagrei...
Era um viver em cisma de futuro!
Mulher! Oh! se te amei!

Quando um sorriso os lábios te roçava,
Meu Deus! que entusiasmo que sentia!
Láurea coroa de virente rama,
Inglório bardo, a fronte me cingia;
À estrela d’alva, às nuvens do Ocidente,
Em meiga voz teu nome confiei.
Estrela e nuvens bem no seio o guardam;
Mulher! Oh! se te amei!

Oh! se te amei! As lágrimas vertidas,
Alta noite por ti; atroz tortura
Do desespero d’alma, e além, no tempo,
Uma vida a sumir-se na loucura...

> Nem aragem, nem sol, nem céu, nem flores,
> Nem a sombra das glórias que sonhei...
> Tudo desfez-se em sonhos e quimeras...
> Mulher! Oh! se te amei! (ROSA, 1911, p.140-141).

Em “Recordações”, há a nostalgia de um amor perdido, assim como em “Amor de criança”. Entretanto, esse amor nunca deixou de ser puro, sublime, assim como a virgem que o inspirou. Mais uma vez, observamos a interdição do desejo, de modo que a pureza tanto da virgem como do próprio amor foi mantida.

Como a maioria dos poetas de sua época, Almeida manteve-se dentro desse contexto: a interdição do desejo, o amor inatingível e a virgem donosa que lhe inspirava os mais sublimes sentimentos. Havia também um nacionalismo que se mostrava por meio de símbolos, como a natureza, o índio e uma linguagem tipicamente brasileira. De acordo com Dante Moreira Leite:

> O sentimento nacional — apesar de exceções evidentes, facilmente enumeráveis — depende da identificação com um território, com uma história, com uma linguagem. Por meio da criação das imagens da natureza brasileira e de modelos de homens heróicos como ascendentes dos brasileiros; mediante a elaboração de nossas peculiaridades linguísticas, os românticos conseguiram impor símbolos até hoje aceito para a nacionalidade. Sobretudo, conseguiram impor uma imagem positiva da nação brasileira. (LEITE, 2007, p.69).

Embora não tenha sido, segundo a crítica, um poeta de alto nível como Gonçalves Dias ou Álvares de Azevedo, Almeida também teve a sua participação na poesia romântica do século XIX. Seus poemas, ainda que singelos, constituem um novo olhar em relação à sua obra.

2 A SÁTIRA NAS MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

2.1 A sátira e a imprensa brasileira do século XIX

Antes de adentrarmos no estudo da sátira nas *Memórias de um sargento de milícias*, no *Correio Mercantil*, convém esboçarmos brevemente como ela se dava na imprensa brasileira do século XIX. Antonio Candido (1978), em seu ensaio "Dialética da malandragem", ressaltou a afinidade do romance de Almeida com a produção cômica e satírica da imprensa no período regencial e início do Segundo Reinado.

Para João Adolfo Hansen (2004), a sátira pode ser considerada uma subdivisão do cômico, e seu foco não está em ridicularizar para provocar o riso. Na verdade, a sua intenção seria mais profunda, utilizando a depreciação com um intuito moralizante.

Sabemos que o advento da imprensa em terras brasileiras teve início com a chegada da família real portuguesa, em 1808, ao Rio de Janeiro. A fim de alocar os portugueses, essa chegada à colônia provocou inúmeras transformações, como a criação de academias, fábricas, do Jardim Botânico e a instalação da Impressão Régia.

Com a Impressão Régia, houve uma propagação nas províncias de revistas e periódicos. Desse modo, a atividade tipográfica não fervilhava apenas no Rio de Janeiro, local em que a Corte portuguesa se estabeleceu, mas também em outros estados, como em Pernambuco. Entre os periódicos pernambucanos, por exemplo, havia *O Diário de Pernambuco* e *O Carapuceiro*. O segundo, inclusive, merece destaque por ter sido um dos principais periódicos satíricos do século XIX.

O Diário de Pernambuco foi fundado em 1825, em Recife, como folha de anúncios, por Antonino José de Miranda Falcão. É o maior em longevidade, visto que é o jornal em circulação mais antigo do Brasil. Em sua primeira publicação, em 7 de novembro, havia anúncios de vendas, leilões, perdas, roubos, etc. Além disso, registrava também a entrada e saída das embarcações. Nos anos seguintes, outros conteúdos foram incorporados ao periódico, passando os anúncios a ocupar as páginas finais. Em 1° de fevereiro, por exemplo, encontramos um artigo sobre a liberdade de imprensa. Já em 13 de janeiro de 1830, as "Correspondências", cartas endereçadas ao editor.

Já *O Carapuceiro* era escrito e dirigido pelo padre Miguel do Sacramento Lopes da Gama, tendo início em 1832. Atuando em áreas de educação e política, o padre Lopes da Gama

também exerceu o jornalismo, “onde realizou um trabalho de brilhante crítica social, através dos periódicos que ele mesmo publicava, editava e redigia” (SILVEIRA, 2007, p.9). Inconformado com questões morais e políticas, Lopes da Gama, em *O Carapuceiro*, “apresentava sua crítica ao comportamento, principalmente moral, da sociedade brasileira, além de discussões sobre política, tudo isso através de textos fortemente marcados por sua veia satírica” (SILVEIRA, 2007, p.9).

Hodgart (1969) cita como técnicas da sátira: a invectiva, a redução e a ironia. Essas duas últimas eram as favoritas do padre Lopes da Gama. A redução “consiste em mostrar os aspectos mais baixos do homem para ridicularizá-lo e denunciar seus vícios” (HOFFMANN, 2008, p.26). Já a ironia se caracteriza por sugerir o oposto daquilo que se afirma, gerando dessa forma um tom de comicidade.

Como exemplo de redução, no dia 22 de abril de 1837, Lopes da Gama elogiou as mulheres de conduta ilibada, chamando-as de “mulheres salamandras”. A figura da salamandra fora escolhida pelo padre por se tratar de um animal “que segundo a opinião vulgar d’Antiguidade vivia, e se sustentava no fogo [...]” (GAMA, 1837, p.2). Dessa forma, o padre “explica o significado do vocábulo ‘salamandra’ para depois caracterizar aquelas mulheres que têm a virtude à prova de fogo [...]” (SILVEIRA, 2007, p. 103-104).

Um exemplo de ironia, segundo Elza Maria Gonçalves da Silveira, estaria no exemplar de 19 de agosto de 1837. Apesar da proibição do tráfico de escravos, os comerciantes permaneceram com o tráfico, alegando transportarem apenas água salgada nos navios. Lopes da Gama, então, escreve um artigo ironizando a questão.

> [...] Em 19 de agosto de 1837, *O Carapuceiro* traz um artigo sobre o tráfico de escravos no Brasil, intitulado “Grande, e feliz descoberta em o nosso comércio”, em que encontramos o uso constante da ironia. Nele, o autor fala sobre o comércio das pipas de água salgada, que havia começado justamente depois do surgimento das primeiras medidas de proibição do tráfico, que se iniciaram em 1831. A verdade é que o tráfico continuava, e para burlar as autoridades, os comerciantes declaravam que traziam água salgada em vez de escravos. (SILVEIRA, 2007, p. 119).

O periódico de Lopes da Gama perdurou até 1846. Hoje, é considerado uma das principais fontes para estudarmos a imprensa satírica oitocentista. O padre, alicerçado em seus preceitos morais, procurou por meio de sua pena denunciar as mazelas sociais.

> O padre carapuceiro teve o privilégio de presenciar o fim do período colonial e a instalação do novo império. Participou ativamente das lides políticas que sacudiram as províncias, amedrontadas com o novo jogo de forças, com a aproximação dos liberais ao núcleo do poder, enfim, com as intempéries que uma separação política radical causa a sociedade de modo geral. Esse painel não passou em vão diante de seus olhos: de tudo falou, sobre quase tudo opôs a pena da crítica [...]. (PERIOTTO, s.d., p. 4).

Seguindo a mesma linha satírica de *O Carapuceiro*, outros peródicos, já no Segundo Reinado, também merecem destaque, entre eles: *A Carapuça*, a *Revista Illustrada* e *O Mequetrefe*. *A Carapuça* era muito similar à "Pacotilha", escrita por Manuel Antônio de Almeida. Já a *Revista Illustrada* tratava-se de "um dos mais preciosos mananciais para o estudo de uma época de nossa história [...]" (SODRÉ, 1999, p.220); *O Mequetrefe*, segundo Capelotti e Lobo (2014), foi um periódico pouco estudado, mas de grande relevância em relação à sátira política da época.

Estreando em 19 de abril de 1857, *A Carapuça* — jornal satírico, para recreio das famílias —, possuía uma estrutura muito semelhante à da "Pacotilha", no *Correio Mercantil*. Era de igual modo publicada aos domingos, no Rio de Janeiro, pela tipografia Americana, de Soares de Pinho. O redator, para justificar o nome de seu periódico, revela: "A minha *Carapuça* foi talhada pelas mãos de uma delicada feiticeira, e, assim, goza de certas propriedades, tais como de corrigir abusos, sem que ninguém se ofenda com a correção" (A CARAPUÇA, 1857, p.1).

Dessa forma, esse periódico utilizava de sua "carapuça" para criticar os problemas da cidade, bem como as pessoas que agiam com improbidade. Além disso, havia a "palmatória", instrumento indispensável para o redator-chefe Pancrácio corrigir os que "andavam fora da linha". Em ambos os periódicos, há claramente uma denúncia dos problemas cotidianos da sociedade por meio da sátira.

No dia 20 de setembro de 1857, Pancrácio anuncia ironicamente:

> As coisas não vão boas, meu amigo, é preciso que nos proponhamos a chamar de hoje em diante ao cumprimento dos seus deveres aqueles que já tem saído fora do sério, isto é, da linha marcada à sua conduta. Arvorei-me, portanto, em mestre de escola; hei de dar palmatoadas por aí em quem merecer, já se sabe. Serei justo, mas severo; livrem-se de mim aqueles que tem culpas no cartório [...]. (PALMATOADAS, 1857, p.1).

Mais adiante, em 24 de outubro, ele alerta: "Ao gigante batoque que não continue a falar mal da vida alheia, quando não arriscar-se-á a levar uma dúzia de bolos, sem dó nem compaixão" (A CARAPUÇA, 1857, p.1). Deste modo, o periódico denunciava injustiça, fofocas, corrupção, além de problemas como a falta de higiene na cidade.

Já a *Revista Illustrada*, iniciada pelo caricaturista italiano Angelo Agostini, em janeiro de 1876, tinha como propósito utilizar o humor como forma de crítica, uma vez que "os periódicos do século XIX se caracterizavam por sua vertente de humor, que satirizava tudo e,

neste sentido, a política da época não passou despercebida" (LOPES, 2015, p.2). Grande parte da crítica realizada pela *Revista* era voltada ao Imperador Dom Pedro II e seus ministros.

De acordo com Aristeu Elisandro Machado Lopes, "os ministros compunham um Gabinete que deveria desempenhar as funções administrativas do império, enquanto o Imperador desempenhava o Poder Moderador..." (LOPES, 2015, p.3). Dom Pedro II, por sua vez, fazendo uso do Poder Moderador, poderia demitir o presidente do conselho, pondo outro em seu lugar e formando, dessa forma, um novo gabinete. A troca desses presidentes do conselho, inclusive, provocava uma alternância entre os partidos Liberal e Conservador. A crítica da *Revista Illustrada* consistia em apontar e satirizar as incoerências e os desajustes deste cenário político.

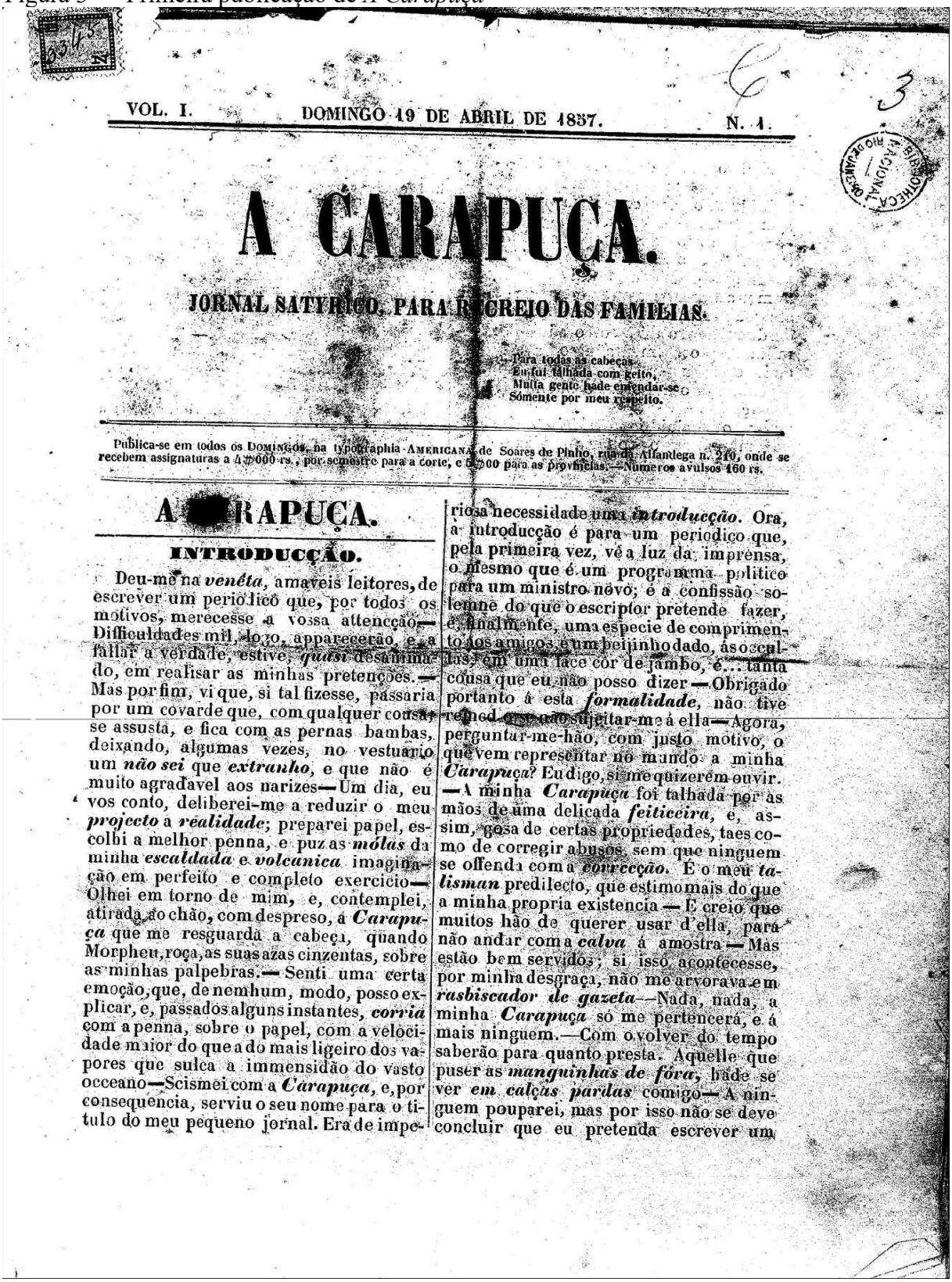
> Apesar de estampar continuadamente temas do cotidiano da cidade — como a falta de água, as epidemias de febre amarela e os problemas decorrentes dos transportes, notadamente os bondes —, na revista há nítida supremacia dos temas associados, sobretudo, ao parlamento, ao poder executivo e ao imperador. E evidentemente a escolha desses temas, bem como o tratamento dispensado a eles, é determinado pelo interesse pela política e pelo conhecimento que os leitores possuem desses assuntos. (BARBOSA, 2010, p.100).

Se comparado aos outros periódicos da época, o preço da *Revista Illustrada* era elevado. No entanto, seu público era composto por grupos dominantes da sociedade. Dessa forma, o periódico "era comprado por aqueles que tinham recursos suficientes para que essa quantia não pesasse em seus bolsos" (BARBOSA, 2010, p.101). Além disso, utilizando a política como tema principal, Agostini possuía diversos meios de cativar o seu público, de modo que a *Revista* tornou-se "o maior documentário ilustrado que qualquer período de nossa história conheceu, só comparável ao que, de outra época, deixaram Rugendas e Debret [...]" (SODRÉ, 1999, p.218).

Um exemplo de sátira, mais especificamente de redução, publicada em 4 de maio de 1878, fora dirigida ao Presidente do Conselho de Ministros: o mineiro Lafayette Rodrigues Pereira. A figura de Lafayette tornou-se uma das mais perseguidas pelo periódico. O motivo seria as mudanças de posicionamento político do então Presidente. Antes, integrante do Partido Republicano; depois, do Liberal, Lafayette foi chamado de "cavalo de Troia" pela *Revista*:

> [...] O texto da *Revista* foi escrito num tom irônico para satirizar o ministro e suas mudanças de posição política: antes republicano e agora liberal. Comparado com o cavalo de Troia, o ministro surge como um presente para o Imperador Dom Pedro II, o qual aceitou a regalia; uma vez dentro do governo, o "republicano" Lafayette iria usar de todos os seus recursos para acabar com a Monarquia e implantar em seu lugar a República. A sátira ainda salientava que há dez anos os republicanos tentavam dar fim à Monarquia; mesma quantidade de anos que a Guerra de Troia durou até a entrada do cavalo na cidade. (LOPES, 2015, p.6).

Figura 3 — Primeira publicação de *A Carapuça*



VOL. I. DOMINGO 19 DE ABRIL DE 1857. N. 1.

A CARAPUÇA.

JORNAL SATYRICO, PARA RECREIO DAS FAMILIAS.

Para todas as cabeças.
Eu fui talhada com geito,
Muita gente hade emendar-se
Sómente por meu respeito.

Publica-se em todos os DOMINGOS, na typographia AMERICANA de Soares de Pinho, rua da Alfandega n. 210, onde se recebem assignaturas a 4$000 rs., por semestre para a corte, e 5$000 para as provincias. —Numeros avulsos 160 rs.

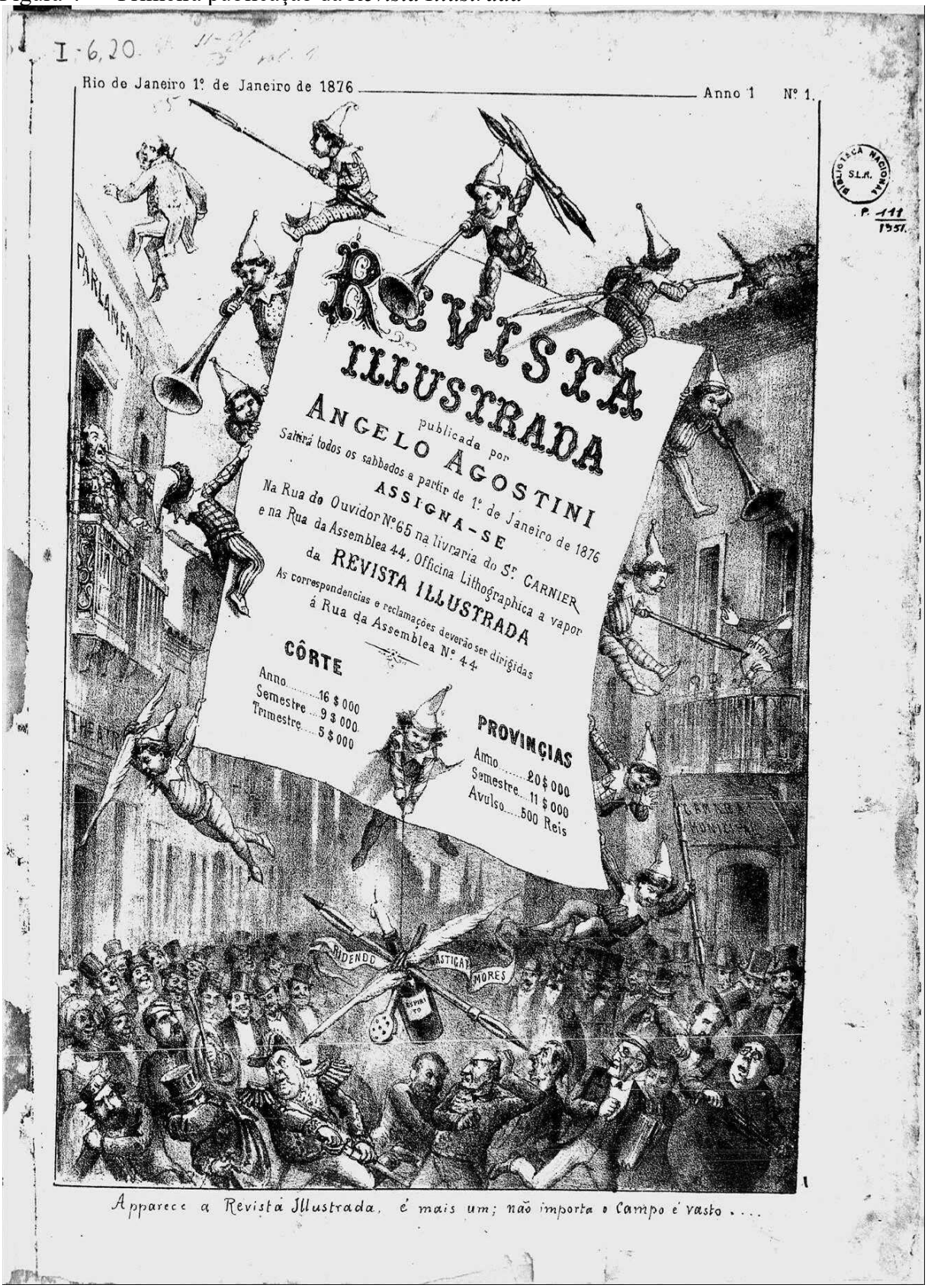
A CARAPUÇA.

INTRODUCÇÃO.

Deu-me na *venéta*, amaveis leitores, de escrever um periodico que, por todos os motivos, merecesse a vossa attencção— Difficuldades mil, logo, appareceráo, e, a fallar a verdade, estive, *quasi* desanimado, em realisar as minhas pretenções.— Mas por fim, vi que, si tal fizesse, passaria por um covarde que, com qualquer cousa se assusta, e fica com as pernas bambas, deixando, algumas vezes, no vestuario um *não sei* que *extranho*, e que não é muito agradavel aos narizes—Um dia, eu vos conto, deliberei-me a reduzir o meu *projecto* a *realidade*; preparei papel, escolbi a melhor penna, e puz as *mólas* da minha *escaldada* e *volcanica* imaginação em perfeito e completo exercicio— Olhei em torno de mim, e, contemplei, atirada ao chão, com despreso, a *Carapuça* que me resguarda a cabeça, quando Morpheu, roça, as suas azas cinzentas, sobre as minhas palpebras.— Senti uma certa emoção, que, de nemhum, modo, posso explicar, e, passados alguns instantes, *corria* com a penna, sobre o papel, com a velocidade maior do que a do mais ligeiro dos vapores que sulca a immensidão do vasto occeano—Scismei com a *Carapuça*, e, por consequencia, serviu o seu nome para o titulo do meu pequeno jornal. Era de imperiosa necessidade uma *introducção*. Ora, a introducção é para um periodico que, pela primeira vez, vê a luz da imprensa, o mesmo que é um programma politico para um ministro novo; é a confissão solemne do que o escriptor pretende fazer, e, finalmente, uma especie de comprimento aos amigos, e um beijinho dado, ás occultas, em uma face cor de jambo, é... tanta cousa que eu não posso dizer—Obrigado portanto á esta *formalidade*, não tive remedio senão sujeitar-me á ella—Agora, perguntar-me-hão, com justo motivo, o que vem representar no mundo a minha *Carapuça*? Eu digo, si me quizerem ouvir. —A minha *Carapuça* foi talhada por as mãos de uma delicada *feiticeira*, e, assim, gosa de certas propriedades, taes como de corregir abusos, sem que ninguem se offenda com a *correcção*. É o meu *talisman* predilecto, que estimo mais do que a minha propria existencia — E creio que muitos hão de querer usar d'ella, para não andar com a *calva* á amostra — Mas estão bem servidos; si isso acontecesse, por minha desgraça, não me arvorava em *rasbiscador de gazeta*—Nada, nada, a minha *Carapuça* só me pertencerá, e á mais ninguem.—Com o volver do tempo saberão para quanto presta. Aquelle que puser as *manguinhas de fóra*, hade se ver *em calças pardas* comigo— A ninguem pouparei, mas por isso não se deve concluir que eu pretenda escrever um

Fonte: A CARAPUÇA, 19/04/1857, n.1, p.1. Acervo: Hemeroteca Digital / Biblioteca Nacional

Figura 4 — Primeira publicação da *Revista Illustrada*



Fonte: AGOSTINI, Angelo, 01/01/1876, n° 1, p.1. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

O periódico de Agostini teve sua trajetória encerrada em 1898, após vinte e dois anos de existência, passando pela Abolição da Escravatura (1888) e pela Proclamação da República (1889). Paralelamente à *Revista Illustrada*, havia também *O Mequetrefe*.

Circulando no Rio de Janeiro de 1875 a 1893, *O Mequetrefe* destacou-se pela crítica ferrenha à política imperial. Gozando da liberdade de imprensa que no Segundo Reinado "pareceu receber maior proteção do que nas conjunturas antecedentes" (CAPELOTTI; LOBO, 2014, p.4), o periódico idealizado por Pedro Lima e Eduardo Joaquim Correa contou com nomes ilustres em sua composição:

> [...] Começou a circular em 1875, sob a direção de Lins de Albuquerque, com alguns dos mestres da caricatura brasileira do tempo: Cândido de Faria, Antônio Alves do Vale, Pereira Neto, Joseph Mill, Aluísio Azevedo, que trocaria o lápis de desenhista pela pena de escritor, vindo a ser a maior figura do Naturalismo, e, a partir de 1891, Artur Lucas (Bambino); na redação, formavam Olavo Bilac, Artur Azevedo, Henrique Lopes de Mendonça, Raimundo Correia, Filinto de Almeida. (SODRÉ, 1999, p.217).

Embora não se considerasse republicano ou monarquista, era notável o ideário republicano do periódico desde as suas primeiras publicações. "Em outras palavras, enquanto asseguravam na parte textual que não professavam do ideário republicano, suas ilustrações indicavam um tom simpático em relação aos republicanos" (LOPES, 2011, p.10). Dessa forma, eram constantes as críticas à Monarquia, principalmente à figura do Imperador. O apreço de D. Pedro II pela arte e pela ciência era frequentemente satirizado. O mesmo se dava em relação à sua aparência:

> [...] Tampouco era poupado o formato de seu perfil, caracterizado pelo prognatismo que as barbas procuravam disfarçar. A testa e a ponta da longa barba formavam as extremidades de um semblante quase sempre retratado de modo semelhante a uma letra "C", dando-lhe, segundo os humoristas, aspecto de uma castanha de caju ou de uma banana. Daí os correntes apelidos "Pedro Caju" e "Pedro Banana". Insinuava-se também, acerca de seus casos extraconjugais — sendo o mais famoso e duradouro deles o mantido com a Condessa do Barral. (CAPELOTTI; LOBO, 2014, p.18).

Em 6 de julho de 1877, por exemplo, ao retratar a viagem de D. Pedro II à França, *O Mequetrefe* fez alguns elogios ao monarca, mas também acrescentou: "Tem os pés grandes, enormemente grandes; calça 42 ou 43, e o sapateiro de S. M. sua o topete para acomodar-lhe a planta bragantina" (CORRESPONDÊNCIA..., 1877, p.1). Mais adiante, em 10 de janeiro de 1880, o noticiário comentou a respeito de uma suposta vaia que o Imperador recebera do povo: "O povo chamou-o de tipo, sábio de contrabando, caju, banana e outras poucas vergonhas deste jaez" (NOTICIÁRIO, 1880, p.5). Pela ironia com que o periódico teceu o comentário, ficou clara a sua satisfação com o ocorrido.

Figura 5 — Pedro-Caju: o monarca ineficiente

Fonte: O MEQUETREFE, 06/08/1877, n° 108, p.2. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

Como podemos observar, a sátira e o humor eram recursos frequentemente utilizados pela imprensa do século XIX. De uma forma irreverente, a sátira (tanto social quanto política) buscava chamar a atenção do público para determinados assuntos, levando-o à reflexão. Com a "Pacotilha", no *Correio Mercantil*, não era diferente. Por meio de uma crítica satírica, os redatores pacotilheiros procuravam conscientizar seus leitores, fazendo da seção um instrumento de denúncia.

2.2 **A sátira na seção humorística "Pacotilha", do *Correio Mercantil*.**

O jornal *Correio Mercantil*, um dos mais proeminentes da Corte, era conhecido por ser um jornal tipicamente liberal, vinculado ao partido dos Luzias. Perdurou de 1848 a 1868, formando com o *Jornal do Comércio* e com o *Diário do Rio de Janeiro* a tríade jornalística mais importante da Corte. A respeito da estrutura do jornal, José Alcides Ribeiro ressalta:

> Um exemplar característico do *Correio Mercantil* possuía quatro páginas com textos ligados a gêneros jornalísticos informativos e literários bastante variados. Cada página era organizada geralmente em cinco colunas separadas por filetes pretos. Os textos ligados aos gêneros informativos apareciam em todas as páginas. Na primeira e na segunda página, eram inseridas geralmente as seções denominadas Exterior, Interior, Variedades, Rio de Janeiro — Notícias e fatos diversos, Folhetim do *Correio Mercantil*. Os textos pertencentes aos gêneros literários eram veiculados na primeira e na segunda página, muito raramente na terceira e apareciam nas seções Folhetim do *Correio Mercantil* e "Pacotilha". Na terceira página, apareciam as seções Correspondências, Publicações a Pedido, Avisos, Leilões e Anúncios. Na quarta página, os anúncios ocupavam a quase totalidade do espaço gráfico. (RIBEIRO, 2005, p.2).

Dentro dessa estrutura do *Correio Mercantil*, foi criada, em 1851, a seção humorística "Pacotilha", perdurando até 1854. A seção era publicada geralmente aos domingos, em uma atmosfera de muita galhofa. Obviamente, por se tratar de um jornal aliado ao partido Liberal, havia críticas constantes ao partido Conservador. Além disso, havia denúncias de maus-tratos contra escravos, zombaria em relação aos portugueses, falta de comprometimento por parte da polícia etc.. Portanto, "vale registrar que os pontos de vista do *Correio Mercantil* eram os mesmos da 'Pacotilha'. De terça à sábado, eram escritos em tom sério; aos domingos, em tom de gozação..." (JAROUCHE, 2016, p. 20).

No interior da "Pacotilha", havia uma subseção chamada "Escritório da Pacotilha", com três personagens: Carijó, Gregório e Antônio. Liderados por Carijó, que atuava como uma

espécie de juiz, os três recebiam as queixas das pessoas da cidade e procuravam denunciá-las em suas publicações. O personagem Carijó, inclusive, era o responsável por assinar os textos da "Pacotilha". "E o mais divertido é que tais notícias, escritas em tom ora irônico, ora sarcástico, eram quase todas inventadas; quem quisesse, que vestisse a carapuça" (JAROUCHE, 2016, p. 20).

No dia 15 de junho de 1851, por exemplo, o "Escritório" publicou uma denúncia a respeito de um escravo que sofrera um grave acidente, quebrando a perna. O escravo acidentou-se por desespero, argumentando que estava sendo ameaçado de morte. À vista disso, o seu dono procurou a polícia para registrar o fato, mas não a encontrou. Todos os policiais estavam na festa do Divino, aproveitando a diversão:

> O seu dono acudiu imediatamente, e mandou chamar as autoridades daquele distrito para fazer o corpo de delito, e darem as providências a cerca do que convinha fazer ao pobre preto. Mas qual história! Autoridade nenhuma apareceu; tinham ido para o fogo, estavam divertindo-se! [...] Parece incrível que o desmazelo da polícia se esqueça por semelhante modo dos seus deveres, e deixe uma população inteira entregue ao abandono e à impunidade dos maiores crimes por falta de vigilância e cumprimento das suas obrigações! (ESCRITÓRIO..., 1851, p.2).

Segundo Mamede Mustafa Jarouche, há uma relação de homologia entre o "Escritório da Pacotilha" e as *Memórias de um sargento de milícias*. "O 'Escritório' falava de mazelas e problemas do presente; as *Memórias* evocavam mazelas e problemas do passado. Quem ler com atenção, no entanto, notará que os problemas são fundamentalmente os mesmos" (JAROUCHE, 2016, p.40). De igual modo, a sátira contida nas *Memórias* é oriunda dos textos satíricos da "Pacotilha". A respeito desta questão, José Alcides Ribeiro comenta:

> [...] A seção "Pacotilha" distinguiu-se das outras seções do *Correio Mercantil* pela genialidade da mistura do jornalístico e do literário e pelo tom extremamente satírico. O tipo de linguagem da seção era extremamente próximo ao estilo de Manuel Antônio de Almeida, que deve ter escrito para ela um grande número de textos. (RIBEIRO, 2005, p.7).

José Alcides Ribeiro também destaca os gêneros existentes na "Pacotilha": jornalístico e híbrido. Dentro do gênero jornalístico, havia o "comunicado opinativo", enquanto que no híbrido, o "diálogo alegórico" e as "cartas enviadas".

O comunicado opinativo "apresentava um fato noticioso com comentário do redator que no final da seção utilizava o pseudônimo Carijó e Comp." (RIBEIRO, 2006, p. 50). Como exemplo, destacamos o comunicado sobre o Cassino Fluminense, em 31 de outubro de 1852.

Neste, o autor inicia discorrendo sobre a moda da época e a importância da figura feminina nos bailes. Contudo, após tecer inúmeros elogios, ele observa:

> É também um salão de baile um lugar onde a harpia, que o acaso fez mãe de uma bela mulher, vai mostrar a formosura de sua filha para arranjar-lhe o que se chama na língua do mundo um bom casamento, e na língua dos homens honestos — venda infame; [...] onde o marido incauto e parvo atira aos braços do sedutor a mulher a quem deu a sua fortuna e o seu nome, [...] onde todos vão mascarados; onde todos se riem e onde a maior parte está triste; onde o inimigo aperta a mão do outro inimigo; onde se calunia rindo e se intriga dançando [...]. (ESCRITÓRIO..., 1852, p.2).

Percebemos, portanto, que no "comunicado opinativo", além da notícia, há um juízo de valor. No exemplo acima, ficou claro que por trás de todo o glamour existente nos bailes da Corte, especialmente os do Cassino Fluminense, havia uma hipocrisia dissimulada por parte de seus frequentadores e devidamente ressaltada pelo autor, valendo-se das técnicas da mordacidade e da redução.

De acordo com Ferros (2017), a mordacidade consiste em combinar ou contrastar ideias, para gerar satisfação. No comentário sobre o Cassino Fluminense, o autor inicia descrevendo a moda na corte, além da importância das mulheres nos bailes, o que poderia levar o leitor a acreditar que assim permaneceria até a conclusão de seu texto. No entanto, o autor mostra o outro lado da moeda, revelando a hipocrisia dos frequentadores do Cassino.

Além disso, faz uso da redução, ao comparar as mães casamenteiras às harpias. Como sabemos, no século XIX, os casamentos eram vistos por muitos como um negócio lucrativo. Romances como *Senhora*, de José de Alencar, abordaram com maestria o assunto. E assim como as harpias, que na mitologia grega eram representadas como grandes aves com rosto de mulher e garras assustadoras, essas mães se mostravam verdadeiras aves de rapina, procurando arrebatar os pretendentes mais vantajosos para suas filhas.

Já os "diálogos alegóricos" consistiam em "audiências" presididas pelo Carijó, ou conversas que chegavam aos ouvidos de Gregório e Antônio, sendo publicadas por estes. Esses diálogos fictícios eram de assuntos diversos, geralmente relacionados ao cotidiano da cidade e seus respectivos problemas. Era, portanto, uma crítica social que a "Pacotilha" buscava fazer com humor e ironia.

Dessa forma, havia as "audiências", onde o juiz Carijó recebia diversas pessoas que buscavam soluções para os mais variados problemas. No dia 19 de janeiro de 1852, por exemplo, observamos o seguinte diálogo:

> Antonio: — Cabe agora a vez a um menino que está muito maltratado e chora desapiedadamente.
> Carijó: — Entre.
> Menino: — Fugi agora mesmo da casa de meu mestre, e venho-me apresentar a V. Ex. para ver o estado deplorável em que me puseram! Meu pai mandou-me para a oficina do Sr. Souza para aprender o ofício de ferreiro, mas o contramestre, que ali dispõe de tudo a seu bel-prazer, obriga-me a ir para a cozinha fazer a comida dos oficiais, e até hoje é o ofício que ali tenho aprendido. Há poucas horas quis ele que eu lhe desse contas de duas rosetas de ferro que ele mesmo perdera [...]. Mandou-me agarrar por dois negros, e com um chicote deu-me ele uma tão grande surra que caí sem sentidos.
> Dr. Miguel: — Que malvado!
> Carijó: — Mas quem é seu amo, aonde mora?
> Menino: — Meu amo é o Sr. João Coelho de Souza, ferreiro, na rua de S. Clemente.
> Carijó: — E ele não soube ou não presenciou este fato.
> Menino: — Soube, sim, senhor; ele estava presente e viu tudo, mas nada dizia, porque o contramestre é lá da mesma terra que o viu nascer, e eu tenho a desgraça de ser mulato.
> Carijó: — Menino, espere aí; Sr. Gregório, acabando a audiência, conduza este menino à presença do Exmo. Sr. chefe de polícia, faça-lhe ver todos os ferimentos e contusões que tem, e peça-lhe de minha parte que fazendo citar as pessoas referidas por ele como testemunhas, proceda regularmente, tanto contra o contramestre, como contra o dono da ferraria [...]. (ESCRITÓRIO...,1852, p.2).

No diálogo acima, salta aos olhos três grandes críticas: exploração infantil, mau-caratismo dos portugueses e racismo, algo corriqueiro no século XIX. A exploração infantil, por exemplo, pode ser evidenciada com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil. Para abrigar a nobreza, uma série de mudanças foi feita em relação à segurança, à ordem e à limpeza. Além da mão de obra escrava, já que "a escravidão africana contribuiu de forma determinante para a realização das obras necessárias para abrigar a nobreza e o aparato estatal que acompanhou a aventura da Família Real portuguesa no país" (ARAÚJO, 2008, p. 97), também havia o recrutamento de crianças. Consta que "centenas de crianças sem eira foram recrutadas pelas autoridades, que, além de encetarem 'limpar' as vias públicas, tinham na mão de obra dos menores uma força de trabalho muito pouco onerosa [...]" (MALERBA, 2000, p.33).

Ademais, a questão do mau-caratismo de muitos portugueses era motivo constante de revolta entre os brasileiros. Marques Rebelo, ao comentar sobre Almeida e as *Memórias*, observa: "A ascendência portuguesa não coibiu em Manuel Antônio de Almeida o tema da lusofobia várias vezes acentuado no romance [...]" (REBELO, 2012, p. 179). O biógrafo de Almeida também ressalta o comentário de Jamil Almansur Haddad sobre o autor das *Memórias*: "Pai lusitano não deu nunca ao Brasil filho lusófilo; pelo contrário, deu-o lusófobo, como entre numerosos casos o de nosso romancista pode evidenciar (HADDAD, 1954 apud REBELO, 2012, p. 180). Jarouche (2016) também comenta sobre a rivalidade entre os liberais e os conservadores, de modo que os primeiros acusavam os segundos de estarem aliados aos

portugueses, que pretendiam recolonizar o Brasil. O *Correio Mercantil* constituía, desse modo, uma das grandes vozes do partido Liberal para denunciar tal absurdo.

Junto a isso, havia o racismo, que infelizmente ainda persiste em nossa sociedade. O negro carregou e carrega um estereótipo de inferioridade. No século XIX, ainda que fosse liberto, sofria o estigma de pertencer a um povo que era visivelmente rebaixado por causa da cor de sua pele. "O estereótipo de que somos capazes apenas de 'tocar tambor' e o da hipersexualidade nos foram atribuídos historicamente, inclusive sobre legitimação pretensamente científica" (NENU, 2008).

Como podemos observar, nesses diálogos "há uma mistura de ficção e fatos noticiosos, os redatores configuram um processo de construção por hipertexto, no qual se misturam a notícia e a ficção" (RIBEIRO, 2006, p.52). Do mesmo modo, havia também as "cartas enviadas", que eram separadas graficamente dos outros gêneros pelo título "Escritório da Pacotilha". Sobre as cartas, José Alcides Ribeiro observa:

> Os comentários do redator giram em torno dos fatos noticiosos ligados à vida quotidiana dos moradores da cidade. É uma técnica de composição muito interessante, utilizada para apresentar juízos sobre os problemas da cidade e da população com uma visão satírica, humorística e sarcástica. O Carijó emprega uma linguagem informal, com inúmeras gírias e explora um humorismo absolutamente próximo da atmosfera dos pasquins. (RIBEIRO, 2006, p. 52-53).

Assim, da mesma forma que os pasquins — jornais que surgiram na primeira metade do século XIX, em meio a um período conturbado que durou desde a Independência até o Golpe da Maioridade —, a "Pacotilha" procurou denunciar os problemas sociais, com uma linguagem informal e insultuosa, procurando também manter o anonimato. De fato, não seria um equívoco supor que a seção humorística do *Correio Mercantil* possuía suas raízes também nesses jornais, que foram tão relevantes para o conhecimento dos problemas sociais e políticos da época. A respeito do pasquim, Nelson Werneck Sodré pontua:

> Ele foi, realmente, representação extraordinariamente rica do ambiente brasileiro, em sua inequívoca autenticidade. Tomado no conjunto de suas características — a virulência de linguagem não foi senão uma dessas características — revela as peculiaridades nacionais e conserva o conteúdo democrático que constitui o seu traço mais admirável. Sua forma plebeia desperta, naturalmente, aversão à inteligência de timbre aristocrático que o julga e condena. A referida forma traduz, entretanto, com exemplar fidelidade, o que a época tinha de melhor, de mais expressivo, de mais genuíno, de mais popular, de mais democrático. (SODRÉ, 1999, p. 180).

Nas “cartas enviadas”, o Carijó pedia aos seus auxiliares, Gregório e Antonio, que remetessem cartas em resposta às denúncias recebidas da população. No primeiro ano da “Pacotilha”, por exemplo, observamos a seguinte publicação:

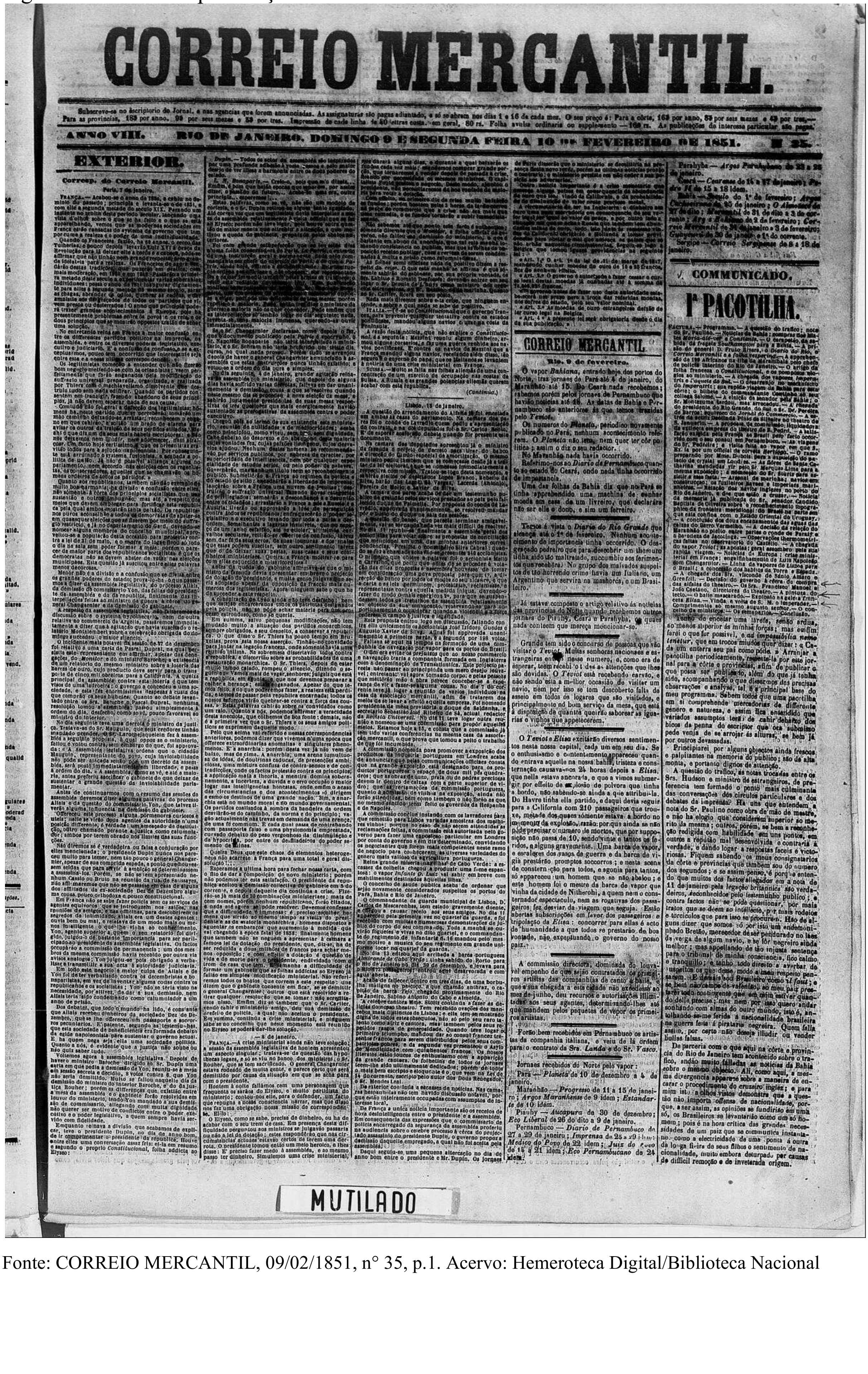
> Sobre o que mandaram dizer daquele comandante nada mais faça que pedir-lhe que não grite tanto com os que com ele tratam, seja mais moderado; e que para aplacar a irritação do seu gênero, use de orchata, que é receita de um conselheiro de estado, ou da erva-de-bicho, pois quer parecer-me que padece das ilustríssimas: depois seus inimigos hão de sacar-lhe baldas, se continuar da mesma maneira, sobre tratamento de recrutas, e outras coisitas mais.” (ESCRITÓRIO...,1851, p.3).

Comentários como o de cima eram corriqueiros acerca do abuso das autoridades. Também eram costumeiros os de maus-tratos contra os escravos, os de corrupção, de barulhos abusivos que perturbavam a vizinhança, de sujeira e má-conservação das vias públicas. Em um mesmo comentário, inclusive, não era incomum haver mais de uma crítica, mostrando que muitas vezes esses problemas estavam relacionados. No dia 4 de maio de 1851, por exemplo, observamos duas críticas em um único comentário: a falta de asseio nas ruas e maus-tratos contra uma escrava:

> Ao inspetor do quarteirão, na rua do Sabão da Cidade Nova, e que também compreende a rua Formosa e a das Flores, se os moradores da rua que em primeiro lugar designei hão de ficar expostos a sofrer à noite o cheiro de águas podres; e se além de parecer que não tem nariz, não tem olhos para ver o mísero estado da preta toda alanhada de chicote, e denotando sevícias, encarregada dessa imunda inundação noturna.” (ESCRITÓRIO..., 1851, p.4).

Dessa forma, as “cartas enviadas”, assim como os outros gêneros da “Pacotilha”, funcionavam como “uma vigorosa crítica aos costumes de vários grupos do campo social, com denúncias sobre as arbitrariedades, violências e abusos. Pode-se notar que a seção funciona como uma tribuna dos vários segmentos do campo social” (RIBEIRO, 2006, p. 53-54).

Figura 6 — Primeira publicação da "Pacotilha"



CORREIO MERCANTIL.

Subscreve-se no escriptorio do Jornal, e nas agencias que forem annunciadas. As assignaturas são pagas adiantado, e só se abrem nos dias 1 e 16 de cada mez. O seu preço é: Para a côrte, 16$ por anno, 8$ por seis mezes e 4$ por tres.— Para as provincias, 18$ por anno, 9$ por seis mezes e 5$ por tres. Impressão de cada linha de 40 lettras custa, em geral, 80 rs. Folha avulsa ordinaria ou supplemento — 160 rs. As publicações de interesse particular são pagas.

ANNO VIII. RIO DE JANEIRO. DOMINGO 9 E SEGUNDA FEIRA 10 DE FEVEREIRO DE 1851. N. 35.

EXTERIOR.

Corresp. do Correio Mercantil.

Paris, 7 de janeiro.

FRANÇA. — Acabou-se o anno de 1850, e cahiu no dominio do passado; principia e levanta-se o de 1851, e com elle a segunda metade do seculo XIX. ...

CORREIO MERCANTIL.

Rio, 9 de fevereiro.

O vapor *Bahiana*, entrado hoje dos portos do Norte, traz jornaes do Pará até 4 de janeiro, do Maranhão até 15. Do Ceará nada recebemos; sabemos porém pelos jornaes de Pernambuco que havião noticias até 18. As datas da Bahia e Pernambuco são anteriores ás que temos trazidas pelo *Teviot*.

Os numeros do *Planeta*, periodico novamente publicado no Pará, nenhum acontecimento referem. O *Planeta* não tem, nem quer ter côr politica; assim o diz o seu redactor.

No Maranhão nada havia occorrido.

Referimo-nos ao *Diario de Pernambuco* quanto ao estado do Ceará, onde nada tinha occorrido de importancia.

Uma das folhas da Bahia diz que no Pará se tinha apprehendido uma machina de cunhar moeda em casa de um livreiro, que declarára não ser elle o dono, e sim um ferreiro.

Temos á vista o *Diario do Rio Grande* que alcança até o 1º de fevereiro. Nenhum acontecimento de importancia tinha occorrido. O desgraçado pedreiro que para descobrir um thesouro tinha sido tão maltratado, succumbiu aos ferimentos que recebêra. No grupo dos malvados suspeitos de tão horrendo crime havia um Italiano, um Argentino que servira na mashorca, e um Brasileiro.

Já estava composto o artigo relativo ás noticias das provincias do Norte quando recebemos outros jornaes do Piauhy, Ceará e Parahyba, os quaes nada conteem que mereça mencionar-se.

Grande tem sido o concurso de pessoas que vão visitar o *Teviot*. Muitas senhoras nacionaes e estrangeiras entrão nesse numero, e, como era de esperar, teem recebido as attenções que lhes são devidas. O *Teviot* está recebendo carvão, e não sendo esta a melhor occasião de visitar um navio, nem por isso se tem descoberto falta de asseio em todos os logares que são visitados, e principalmente no bom serviço da mesa, que está á disposição de quantos queirão saborear as iguarias e vinhos que appetecerem.

O *Teviot* e *Elisa* excitárão diversos sentimentos nesta nossa capital, cada um em seu dia. Se o enthusiasmo e contentamento appareceu quando entrava aquelle na nossa bahia, tristeza e consternação causava-nos 24 horas depois a *Elisa*, que nella estava ancorada, e que a vimos submergir por effeito de explosão de polvora que tinha a bordo, não sabendo-se ainda a que attribui-la. Do Havre tinha ella partido, e daqui devia seguir para a California com 210 passageiros que trouxe, metade dos quaes sómente estava a bordo no momento da explosão, razão por que ainda se não póde precisar o numero de mortos, que por supposição não passa de 10, sendo vinte e tantos os feridos, e alguns gravemente. Uma barca de vapor, e escaleres dos vasos de guerra e da barca de vigia prestárão promptos soccorros; e nesta scena de consternação para todos, e agonia para tantos, só appareceu um homem que se não abalou; e este homem foi o mestre da barca de vapor que vinha da cidade de Nitherohi, a quem nem o consternador espectaculo, nem as rogativas dos passageiros fez desviar da viagem que seguia. Estão abertas subscripções em favor dos passageiros e tripolação da *Elisa*: concorrer para ellas é acto de humanidade a que todos se prestarão de boa vontade, não exceptuando o governo do nosso paiz.

A commissão directora, dominada do louvavel empenho de que sejão contratados os primeiros artistas das companhias de canto e baile, e que a sua chegada a esta cidade não excedesse ao mez de junho, deu recursos e autorisações illimitadas aos seus agentes, determinando-lhes até que mandem pelos paquetes de vapor os primeiros artistas.

Forão bem recebidos em Pernambuco os artistas da companhia italiana, e veiu de lá ordem para o contrato da Sra. *Landa* e do Sr. *Vasco*.

Jornaes recebidos do Norte pelo vapor:

Pará — *Planeta* de 10 de dezembro a 4 de janeiro.

Maranhão — *Progresso* de 11 a 15 de janeiro; *Argos Maranhense* de 9 idem; *Estandarte* de 10 idem.

Piauhy — *Aticapura* de 30 de dezembro; *Eco Liberal* de 26 do dito a 9 de janeiro.

Pernambuco — *Diario de Pernambuco* de 27 a 29 de janeiro; *Imprensa* de 25 a 29 idem; *Medico do Povo* de 22 idem; *Juiz do Povo* de 14 a 21 idem; *Eco Pernambucano* de 24 idem.

Parahyba — *Argos Parahybano* de 23 a 28 de janeiro.

Ceará — *Cearense* de 14 a 17 de janeiro; *Pedro II* de 15 a 18 idem.

Bahia — *Seculo* do 1º de fevereiro; *Argos Cachoeirano* de 25 de janeiro; *O Almotacé* de 27 de dito; *Mercantil* de 31 de dito a 3 do corrente; *Argos Bahiano* de 2 de fevereiro; *Correio Mercantil* de 31 de janeiro a 3 de fevereiro; *Guaycurú* de 30 de janeiro e 1º do corrente.

Sergipe — *Correio Sergipense* de 8 a 18 de janeiro.

COMMUNICADO.

Iª PACOTILHA.

FACTURA. — Programma. — A questão do trafico; nota do Sr. Paulino. — Noticias da Bahia; compras dos hiates *Maria-até-ver* e *Constante*. — O carapetão da sahida da fragata *Southampton* para a Bahia. — A prisão do general D. Fruto Rivera, o *Diario do Rio*, o *Correio Mercantil* e a *folha vespertina*. — A apprehensão de 199 Africanos na ilha da Marambaia pelo chefe de policia interino do Rio de Janeiro. — O artigo da folha franceza o *Constitucional*, e os pomposos elogios ao ministerio. — A chegada dos vapores *Imperatriz* e *Paquete do Sul*. — O desarranjo no machinismo do *Imperatriz*; sua rapida viagem da Bahia para esta côrte; o bilhete do commandante ... — A eleição de senador pela Bahia; o Sr. Montezuma tardou, mas arrecadou. — A chegada do presidente do Rio Grande do Sul o Sr. Dr. Pereira de Barros; equivoco do *Jornal do Commercio*. — A estréa da actriz Deolinda Pinto de Silveira no theatro de S. Januario. — A proposta da commissão liquidadora da extincta empreza do theatro de S. Pedro. — A satisfação exigida pela França ao Brasil pelo facto occorrido com o seu consul em Pernambuco. — As viagens do Sr. Pedreira; a visita feita ao vapor em que S. Ex. ia por um official da corveta *Bertioga*. — O ramo preparado por Mme. Dubois para a exposição do palacio de crystal em Londres. — As flôres de Santa Catharina mandadas vir pelo Sr. Marques Lima para a mesma exposição; á nomeação do Sr. Stertz para assistir a essa festa. — Arsenal de marinha; navios em construcção; os fuzileiros navaes e imperiaes marinheiros. — Relação dos navios inglezes no porto do Rio de Janeiro, e dos que estão a cruzar. — Noticia da memoria já publicada do Sr. senador Candido Baptista de Oliveira sobre o reconhecimento topographico da fronteira meridional do Brasil na parte em que esta confina com o Estado Oriental do Uruguay. — A conclusão dos dous encanamentos das aguas das caixas do Barro Vermelho. — A decisão da relação do Maranhão no pleito entre partes o conde de Paraty e a baroneza de Jacotinga. — Observações thermometricas feitas no observatorio do Castello. — A chegada do vapor *Teviot*; as apostas; geral assombro pela sua rapida viagem. — Noticias da Europa; crise ministerial em França; engalfinhamento de Luiz Napoleão com Changarnier. — Linha de vapores de Lisboa para o Brasil; a concessão dos habitos da Torre e Espada. — A chegada dos Srs. visconde de Santo Amaro e Grenfell. — Decisão do governo á cêrca da compra das alfaias do theatro. — Os Srs. Francisco Manoel e João Caetano, directores do theatro. — A pintura do tecto. — O baile mascarado. — Explosão na galera franceza *Elisa*. — Vinda e volta de S. M. o Imperador. — Comprimentos ao mesmo augusto senhor. — O conselho de ministros. — Os semaparios. — Conclusão.

Tenho de encetar uma tarefa, senão ardua, ao menos superior ás minhas forças; mas emfim farei o que for possivel, e *ad impossibilia nemo tenetur*, que em trocos miudos quer dizer: « Cada um enterra seu pai como póde. » Arranjar a pacotilha periodicamente, remettê-la por este jornal para a côrte e provincias, afim de publicar o que possa ser publicado, além do que já tenha sido, acompanhando o que dissermos das precisas observações e analyse, tal é o principal base do meu programma. Sabem todos que uma pacotilha em si comprehende mercadorias de differente genero e natureza, e assim fica entendido que variados assumptos terão de cahir debaixo dos bicos da penna do escriptor que ora submisso pede venia de se arrojar ás alturas, se bem já por outros devassadas.

Principiarei por alguns objectos ainda frescos e palpitantes na memoria do publico; são de alta monta, e portanto dignos de attenção.

A questão do trafico, as notas trocadas entre os Srs. Hudson e ministro de estrangeiros, de preferencia tem formado o ponto mais culminante das conversações dos circulos particulares e dos debates da imprensa. Ha uns que entendem a nota do Sr. Paulino como obra de mão de mestre, e não ha elogio que considerem superior ao merito da mesma; outros, porém, se bem a reconheção redigida com habilidade em uns pontos, em outros a reputão mal desenvolvida e contraria á verdade, e dando logar a respostas faceis e victoriosas. Fiquem sabendo os meus consignatarios da côrte e provincias que tambem sou do numero dos segundos; e se assim penso, é porque entendo que muitos dos factos allegados em a nota de 11 de janeiro pela legação britannica são verdadeiros, reconhecidos pelo testemunho publico; e contra factos não se póde questionar, por mais tratos que se deem ao intellecto, por mais rodeios e torcicolos que para isso se procurem. Hão de alguns dizer que somos só por isto um endemoninhado Bretão, merecedor de ser pendurado no laes da verga de algum navio, e se fôr negreiro ainda melhor; mas appellando de tão injusta sentença para o tribunal de minha consciencia, fico calmo e tranquillo; e tenho todo direito a averbar de suspeitos os que desse modo a meu respeito pensarem. E demais sou Brasileiro como *il faut*; e se bem não campe de valentão, ao meu paiz prestarei todo contingente que em mim estiver quando delle precise; mas nem por isso quero andar sonhando com almas do outro mundo, isto é, antolhando-se-me ferida a nacionalidade brasileira na guerra feita á pirataria negreira. Quem falla assim, por certo não deseja illudir ou vender bullas falsas.

De parceria com o que aqui na côrte e provincia do Rio de Janeiro tem acontecido sobre o trafico, andão muito falladas as noticias da Bahia sobre o mesmo objecto. Ali, como aqui, a mesma divergencia apparece sobre a maneira de encarar o procedimento do cruzeiro inglez; e para mim isto a olhos vistos demonstra que a questão não importa offensa de nacionalidade, porque, a ser assim, as opiniões se fundirião em uma só, os Brasileiros se levantarião como um só homem; pois é na hora critica das grandes necessidades de um paiz que se communica instantaneo, como a electricidade de uma ponta á outra da longa fileira de seus filhos o sentimento de nacionalidade, muito embora deturpado por causas de difficil remoção e de inveterada origem.

MUTILADO

Fonte: CORREIO MERCANTIL, 09/02/1851, n° 35, p.1. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

2.3 **A "Pacotilha" e as *Memórias*: uma questão de homologia**

De acordo com Jarouche (2016), como já mencionamos, havia uma relação de homologia entre o "Escritório da Pacotilha" e as *Memórias de um sargento de milícias*. Argumento também defendido por Ribeiro (2006), que ressalta a semelhança entre o "Escritório" e o romance no que tange à sátira, à ironia e ao humor. Dessa forma, a sátira que encontramos nas *Memórias* é oriunda da "Pacotilha", e a semelhança de estrutura se deve ao fato de Almeida ter sido escritor de ambas. É provável que, para compor o seu romance de folhetim, o autor tenha se valido da estrutura pacotilheira que já tinha em mãos. Além disso, a semelhança de estrutura tornaria o romance ainda mais aceitável dentro do universo da "Pacotilha".

À vista disso, para evidenciarmos a sátira presente nas *Memórias*, convém fazermos um estudo comparativo da estrutura do "Escritório da Pacotilha" e das *Memórias de um sargento de milícias*. Para tanto, analisaremos algumas situações e personagens, ressaltando a semelhança entre as publicações do "Escritório" e o romance de Almeida. No dia 5 de janeiro de 1852, por exemplo, publicou-se no "Escritório" o seguinte anúncio:

> Faça ciente àquele conegozinho que celebrou a missa no dia da festa do Menino Deus, que não pareceu muito próprio do seu estado estar ele de contínuo a alimpar o suor em finíssimo lenço de cambraia todo cheio de rendas e requififes, marcado com cabelo, e de quando em quando a sorrir-se para a parede fronteira, despertando destarte a curiosidade dos pios ouvintes que ali se achavam, e talvez mesmo perturbando-se S. Revma., a ponto tal que quando quis proferir orate fratres, um lapso de língua o fez dizer orate Eufrásia!, não se lembrando que ali se achava um amigo do Sr. Antonio, compadre do Sr. Gregório. (ESCRITÓRIO..., 1852, p.2).

O comentário acima é apenas um entre dezenas a respeito das autoridades eclesiásticas no "Escritório". Sem dúvida, a figura clerical era uma das mais criticadas pela "Pacotilha". Os motivos eram variados: negligência com os pobres que dependiam das esmolas das igrejas, vício de jogo, patuscadas, envolvimento com mulheres, etc. Semelhantemente ao cônego do irônico comentário destacado, percebemos, nas *Memórias*, um reverendo de conduta também pouco ilibada: o mestre de cerimônias. Valendo-se da ironia, o narrador comenta:

> O mestre de cerimônias era um padre de meia-idade, de figura menos má, filho da ilha Terceira, porém que se dava por puro alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fora era um completo São Francisco de austeridade católica, por dentro refinado Sardanápolo, que podia por si só fornecer a Bocage assunto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assunto a honestidade e a pureza corporal em

> todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectário de Mafona. (ALMEIDA, 2015, p. 75-76).

Possuindo uma vida dupla, o padre que na igreja era um exemplo de fé e dignidade, fora dela se rendia aos encantos da cigana. Isso porque muitos clérigos daquela época não eram (nem de longe) exemplos de virtude. Vale ressaltar que Marques Rebelo, ao falar sobre Dona Josefina (mãe de Manuel Antônio), observa que "Maneco foi para ela o tesouro de suas esperanças e talvez não fosse inteiramente suposição que ela quisesse fazê-lo clérigo [...], mas, tal como o herói das *Memórias*, Maneco também não foi padre" (REBELO, 2012, p. 30). Pelo contrário, Almeida possuía horror ao clero e "o Leonardo destinado à carreira eclesiástica é bem uma sátira inclusive nos processos de recrutamento dos padres (quando não das freiras) e que se processava longe por completo de qualquer sugestão mística..." (HADDAD, 1954 apud REBELO, 2012, p. 180-181). Esse assunto nos traz à mente outro romance: *D. Casmurro*. Na obra de Machado de Assis, a personagem Bentinho deveria ser padre por conta de uma promessa da mãe:

> Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na Igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes, nem depois de me dar à luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. (ASSIS, 2010, p. 34).

Mais adiante, contudo, Bentinho é liberado da promessa e esta é cumprida por meio de um órfão que foi posto em seu lugar. A questão é: será que esse órfão tinha vocação para padre ou foi forçado, assim como Bentinho, à vida eclesiástica? O romance não fornece a resposta, mas certamente suscita a pergunta.

Sem dúvida, o mestre de cerimônias, com sua conduta duvidosa, é uma das personagens mais satirizadas nas *Memórias*, de modo semelhante aos clérigos na "Pacotilha". Ainda em 5 de janeiro de 1852, um anúncio do "Escritório" criticava a péssima conduta de um padre, inclusive, o seu atraso para celebrar a missa natalina:

> Escreva ao padre Custódio, que por infelicidade está servindo de vigário de S. Gonçalo, que tem chegado ao meu conhecimento muitas queixas contra sua reverendíssima, como sejam de morar nos fundos de uma taverna, sendo aí as casas tão baratas; ser um dos membros de uma sociedade de víspora que lá há; deixar a igreja no dia de Natal entregue às moscas, estando ali algumas pessoas toda a manhã à espera da missa conventual, alguns inocentes para serem batizados, e nada de aparecer o reverendo [...]. (ESCRITÓRIO...,1852, p.3).

Esse anúncio é muito semelhante a um episódio do capítulo XIV das *Memórias*. Neste capítulo, o menino Leonardo, então um dos sacristãos da igreja, informa o horário do sermão de forma equivocada ao mestre de cerimônias. O menino fizera de propósito, para se vingar do reverendo, que por sinal se encontrava descaradamente na casa da cigana. Aquele sermão era o mais importante do ano, de modo que o mestre de cerimônias vinha se preparando há tempos. Contudo, chegara com uma hora de atraso para a missa. Em seu lugar, um capuchinho italiano começara a pregar. Quando o mestre de cerimônias, esbaforido, finalmente chegou à igreja, teve que dividir o púlpito com o capuchinho, que se negou a abandonar a sua pregação. Leonardo e o outro sacristão divertiam-se a valer. O mestre de cerimônias havia lhes dado uma grande bronca anteriormente, o que fez os meninos maquinarem a vingança.

> A festa seguiu os seus trâmites regulares; porém apenas se foi aproximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do pregador. Fez-se mais esta cerimônia, mais aquela, e nada de aparecer o homem. Despachou-se a toda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre; ele deu duas voltas pela vizinhança, e veio dizendo que o não tinha encontrado. Subiram os apuros; não havia remédio; era preciso um sermão, fosse como fosse. (ALMEIDA, 2015, p. 77).

Já no dia 1 de março de 1852, o "Escritório da Pacotilha" decidiu alertar um certo barbeiro da rua da Quitanda, para "que se deixe do péssimo costume de certa espionagem, pois ainda o podem tornar mais escangalhado do que é" (ESCRITÓRIO...,1852, p.2). O comentário irônico chama a atenção para uma atividade muito corriqueira "no tempo do rei": o mexerico. No capítulo II das *Memórias*, observamos o barbeiro, padrinho de Leonardo, em situação semelhante ao barbeiro da rua da Quitanda:

> Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios desse **belo** hábito. Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do ofício, o compadre presenciara os passeios do sargento por perto da rótula de Leonardo, as visitas extemporâneas do colega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. (ALMEIDA, 2015, p. 17, grifo nosso).

Foi dessa forma que o barbeiro descobrira a infidelidade de Maria, mãe de seu afilhado Leonardo e esposa de Leonardo-Pataca. O curioso é que o narrador, para satirizar a situação, além da ironia, também se vale da técnica da invectiva. Esta consiste em utilizar um discurso formal e elegante para exprimir injúrias. O adjetivo "belo", por exemplo, é proposital, uma vez que a intenção do narrador é ridicularizar o apreço das pessoas por mexericos. Além disso, ele sinaliza que o "belo" hábito ainda ocorria no período da publicação do romance, mostrando que as *Memórias* não eram uma sátira apenas do período joanino. Para Cecília de Lara, "muito da

época em que foi escrita a obra viria à tona, mostrando que não retratava apenas 'o tempo do rei', mas fatos contemporâneos à sua elaboração, apresentados de modo direto ou mais ou menos sutil [...]" (LARA, 1978, p. 288).

No "Escritório" também eram frequentes as queixas de vizinhos atormentados por patuscadas e desordens. No dia 19 de janeiro de 1852, por exemplo, foi publicado o seguinte anúncio:

> Avise da minha parte ao inspetor do décimo primeiro quarteirão da Freguesia de Santana, para que lance suas benignas vistas sobre aquela casa da rua de S. D., onde já uma vez o mesmo Sr. inspetor teve de acomodar uma desordem. A vizinhança amargamente se queixa do que se passa nessa casa, e quem a pode valer é a autoridade policial; e neste sentido escreva-lhe. (ESCRITÓRIO..., 1852, p.2).

Nas *Memórias*, a casa da cigana não era muito diferente da casa acima citada. Com festas frequentes, a cigana e suas amigas viam em tudo um motivo para patuscadas. No capítulo VI ("Primeira noite fora de Casa"), o narrador, ao se referir aos ciganos, observa: "Viviam em quase completa ociosidade; não tinham noite sem festa" (ALMEIDA, 2015, p. 36). Aproveitando-se desse excesso de festividade, o Leonardo-Pataca, sentindo-se desprezado pela cigana, resolve se vingar aprontando uma confusão para ela e seu atual namorado, o mestre de cerimônias.

Ainda no dia 19 de janeiro, o "Escritório" publicou um anúncio ameaçando alertar a polícia sobre um suposto desordeiro:

> Ao E... que foi muito reparado quando tirou aquela moça para dançar e depois brigar com o Carneiro, pois se continuar desta forma nós faremos o Sr. Gregório escrever ao chefe de polícia para que ponha os seus luzios sobre S.S. que sempre acaba as reuniões fazendo desordens. (ESCRITÓRIO...,1852, p.3).

O anúncio acima poderia perfeitamente servir para a personagem Chico-Juca, das *Memórias*. Foi Chico-Juca, aliás, com o seu "vício da valentia", que ajudou Leonardo-Pataca em seu plano contra a cigana. No capítulo XV ("Estralada"), Chico-Juca propositalmente se insinua para uma moça comprometida, provocando o ciúme de seu par e iniciando uma briga. Quando a casa estava numa completa confusão, o valentão desapareceu, dando lugar ao Vidigal, para desespero dos patuscos.

> [...] O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabelo cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinelas pretas e um chapelinho branco muito à banda; ordinariamente era afável, gracejador, cheio de ditérios e chalaças; porém nas ocasiões de sarilho, como ele

> chamava, era quase feroz. Como outros têm o vício da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, ele tinha o vício da valentia; mesmo quando ninguém lhe pagava, bastava que lhe desse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a fartar é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taverneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem. (ALMEIDA, 2015, p. 84).

Outro anúncio curioso, publicado pelo "Escritório" em 14 de dezembro, também requer atenção: "Ao inspetor da rua do Senado, diga-lhe que muito desejávamos saber o que significa certa casa que há em seu quarteirão que só se abre a certas horas marcadas do dia" (ESCRITÓRIO...,1852, p.1). O mesmo mistério que parece rondar a casa da rua do Senado, também se aplicaria à casa do capítulo IV ("Fortuna"), do romance de Almeida:

> Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia, ao pé de um charco, uma casa coberta de palha da mais feia aparência, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavam que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ela de uma pequena sala e um quarto; toda a mobília eram dois ou três assentos de paus, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de pau, que tinha muitos empregos; era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quase sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mistério. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara hedionda e imunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por ofício dar fortuna! (ALMEIDA, 2015, p. 26-27).

Mais uma vez o narrador faz uso da mordacidade, surpreendendo o leitor ao concluir que o caboclo da decadente casa do mangue se ocupava em dar fortuna, o que sem dúvida provoca o riso.

Os redatores pacotilheiros também não se cansavam de alfinetar o jeitinho brasileiro de conseguir as coisas, de modo que o favor imperava como estratégia de sobrevivência no dia a dia. Segundo Roberto Schwarz, o favor "esteve presente por toda a parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc." (SCHWARZ, 2000, p. 16). Em 16 de janeiro de 1853, publicou-se no "Escritório":

> Mande dizer ao administrador de certa oficina nacional que continuam as queixas contra S.S., a respeito do nenhum caso que S.S. faz da maioria dos operários desse estabelecimento, e do ilimitado patronato para com outros. Que S.S. nos informe se é verdade que há indivíduos aí senhores e possuidores da maior parte dos misteres necessários ao trabalho, quando outros sentem falta, e por isso deixam de trabalhar, e S.S. não dá providências [...]. (ESCRITÓRIO...,1853, p.2).

Na denúncia, é possível perceber a distinção feita pelo administrador da oficina, que favorecia um pequeno grupo de funcionários. No último capítulo do romance ("Conclusão feliz"), o major Vidigal também favoreceu o granadeiro Leonardo, que conseguiu dessa forma se casar com Luisinha. A "benevolência" do major se deu por conta de uma promessa de Maria-Regalada. Esta prometera que, se Leonardo fosse liberto da prisão, reataria o antigo romance com o major. O Vidigal, além de libertar o rapaz, "com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa na tropa de linha; outro, sua nomeação de sargento de milícias" (ALMEIDA, 2015, p. 260).

Em 2 de janeiro de 1853, um rapto é noticiado pelo "Escritório". Com ironia, é relatado que uma moça chamada Isabel teria sido raptada por um "nobre cavalheiro".

> Saiba que no dia 26, à 1 hora da noite, foi roubada a jovem Isabel, a qual dizia ao nobre cavalheiro que a levou: "Vamos depressa, que aí vem mamãe." Queira mandar dizer a esse cavalheiro que quem escapa da primeira e segunda, talvez não escape da terceira. (ESCRITÓRIO..., 1853, p.1).

Para Ribeiro (2006), esse anúncio teria correspondência nos capítulos II, III e IV do segundo tomo ("Trama", "Derrota" e "O mestre de reza" respectivamente). No capítulo II, por exemplo, após explicar ao leitor sobre o que ocorria no Oratório de Pedra no passado, o narrador acrescenta:

> No tempo em que se passavam as cenas que temos narrado ainda o Oratório de Pedra estava no galarim. Um ou dois dias depois do nascimento do segundo filho de Leonardo-Pataca correu pela cidade a notícia de um grande escândalo que se passara nesse lugar clássico dos escândalos: uma moça, que vivia em companhia de sua mãe, velha, rica e devota, indo com ela rezar junto ao Oratório, na ocasião da passagem da via-sacra, fugira, tendo levado consigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Falava-se muito no caso, não porque fosse aquele tempo coisa de estranhar-se, mas porque havia um mistério no sucesso: ninguém sabia com quem tinha fugido a moça. (ALMEIDA, 2015, p. 135).

Aproveitando-se do escândalo e da identidade desconhecida do raptor, a comadre mente, dizendo à Dona Maria que se tratava de José Manuel. Com o intuito de ajudar o afilhado Leonardo, a parteira cria uma trama, que será desfeita no capitulo IV com a ajuda do mestre de reza.

Figura 7 — O "Escritório da Pacotilha"

Portuguezes. 37
Prussiano 1
617 93

ESCRIPTORIO DA PACOTILHA.

Principiaremos hoje sem mais preambulos.

Comece por dar parabens ao José Joaquim da Ponte por haver escapado milagrosamente, são e salvo, do sabbado de Aleluia.

Declare que não foi de nossa intenção offender em uma das Pacotilhas passadas o irmão thesoureiro da irmandade de S. Miguel na freguezia do Sacramento; e igualmente declare que nenhuma parte tem elle tido no que se tem enfardado relativo á mesma freguezia.

Vai por conta de quem é:

Illms. Srs. Carijó e Comp. — Rogo-lhes o especial obsequio de enfardarem na sua proxima Pacotilha ao Sr. commendador director da companhia Macahé e Campos, para dar providencias afim de que se não engane os carregadores de Santos, que tratão e despachão para irem suas cargas em um vapor, e os seus empregados embarcão em outro, como me aconteceu ultimamente que julgando irem as minhas no *Paquete do Norte*, grande foi a minha admiração recebendo os conhecimentos emendados para o *Campista*, que estava annunciado para oito dias depois daquelle, não prevenindo as partes interessadas de tal transferencia para que providenciassem na sua correspondencia, e entregando os conhecimentos em hora que não se podia remediar! Creio que estas espertezas não honrão muito nem acreditão a companhia a cuja frente está o Sr. director condecorado com uma commenda estrangeira, salvo se elle se persuade que o Rio de Janeiro é algum porto d'Africa, donde residiu por muitos annos. Espero a publicidade deste communicado debaixo do artigo audiencia.

Sou com todo o respeito de VV. SS.

O carregad-r escandalisado.

Que me interessa eá saber se a partida da sociedade Eleusina esteve ou não ás moscas? Eu com isso não me importo; por conseguinte, Sr. Gregorio, nada escreva.

Nenhum apreço dou ao Theoria, por andar ladrando contra a Pacotilha e a nossa firma social; os seus precedentes estão no dominio do publico, sua incivilidade, etc.

Ha na rua de S. Christovão certo engraçado, morador na casa n... proxima ao largo de Mataporcos, o qual tem recebido não pequenos favores e obsequios dos moradores vizinhos, e que em deferencia desses favores e obsequios acaba de lhes dar a devida paga, que todo o vil ingrato costuma dar, e vem a ser: Na madrugada do dia 1º do corrente pregou o mesmo morador alguns pequenos cartazes em diversas portas das casas daquelles a quem deve favores, e esses cartazes trazião quadras bastante atacantes aos mesmos moradores, e por baixo dessas quadras caricaturas indecorosas por tal fórma que offendem a boa moral e a honra de quem é casado, sendo que parte dos taes cartazes ainda existem e podem ser vistos.

Sr. Gregorio, dirija-se ao arsenal de guerra de Enpenhopolis, e veja a maneira como se está fazendo o conselho de investigação por causa da queixa que deu o sargento da 2ª companhia contra um soldado, apresentando 5 testemunhas; agora se houve quem fizesse o soldado apresentar 8, não sei, nem quero saber (apezar de terem sido contraproducentes.) Portanto peça a S. Ex. o Sr. commandante das armas que disso tome conhecimento, a ver de que lado pende a justiça ..

Não ha um só dia em que as quitandeiras do largo da Sé não façáo desordens, proferindo palavras immoraes, fazendo ajuntar immenso povo, etc, etc A' noite, sendo Ave-Maria, os capoeiras ahi se reunem em grande numero, e depois de fazerem seus exercicios, percorrem as ruas da cidade sem soffrerem a menor punição das suas proezas, obrigão ás vezes a quem pacificamente vai passando a fazer dessa multidão e esconder-se no primeiro corredor que por felicidade encontra para poder salvar a sua vida. Por todas estas circumstancias peça mais esta vez providencias a este respeito, fazendo dessa fórma um serviço á humanidade.

Quando tiver occasião peça ao commandante de artifices que por effeito de sua bondade faça com que sejão pagos aquelles paletós que fez o soldado Vicente por occasião da festa de Paquetá. S. S. conhece perfeitamente quem é o tal cavalheiro de industria; portanto quanto antes...

Tenha paciencia, Sr. Gregorio, com os meus pedidos: ponha gravata de 7 palmos, 7 polegadas e 7 linhas; vista sobresasca de inverno, ponha bigodes postiços, chapéo de abas estreitas, calças ao rigor da ingleza, presilhas, botas de vaqueta com tacão de dous andares, ferradas á portugueza; finalmente, ponha-se assim trajado que não será conhecido: dirija-se ao arsenal de guerra, procure fallar ao 1º tenente G., e pergunte para onde mandou as cantoneiras que se achavão no estado-maior, que por causa dellas tenho andado em uma roda viva: espere resposta, e quando de cansas que mora na rua de Matacavallos, em frente á casa do Sr. Dr. subdelegado da dita freguezia, pois tem por costume deixar dormir da parte da rua um cão, ou antes uma fera! Diga-lhe que este seu criado, na noite de 12 do corrente, sahindo do theatro Provisorio, motivos imperiosos o obrigárão a subir a rua do Lavradio e depois a de Matacavallos, onde mora, e que ao passar pela casa do tal procurador, foi de fórma tal assaltado por essa fera, que a não ter velado por elle a Providencia Divina, teria sido dilacerado por ella. E prudente avisar ao dito fiscal, que não é só de noite que os viandantes são desfeiteados pelo tal caozinho, de dia muitos teem sido victimas delle.

Desde o anno passado que não havia lampeão nos fundos do hospital do Bom Jesus. Appareceu segunda-feira santa com a *verdadeira luz*. Será por contricção?... Até hoje tem continuado.

Bem fez a ordem do Bom Jesus do Calvario que abrio a sua nova rua, a qual lhe serve para armazem do vigamento, area, cal, pedras, e até os moleques aproveitão deitando toda a qualidade de cisco.

Sr. administrador da illuminação publica, veja que na nova rua do Bom Jesus ha moradores por baixo do hospital, e que precisão muito de um lapeão no centro, visto ainda existirem os fundos abertos da casa de um fundeiro da de S. Pedro, pois ali póde-se acoutar algum *bemfeitor*.

Quinta-feira santa appareceu de manhã em cima das pedras do fundo do hospital do Bom Jesus um monte com 39 arganazes (vulgo, ratazanas grandes.) Forão escrupulosamente contados! Donde sahiria esta raridade?...

Bibilhoteiras são as mulheres, dizem os homens, porque não querem esse nome. Eis a causa principal por que os nossos fiscaes não procurão ver entre outras muitas cousas o seguinte:

A rua dos Ourives em ambos os lados da da Alfandega está mais baixa, e por isso é uma completa lamaceira; além de em outros muitos logares ter immensos buracos.

A rua do Hospicio da da Quitanda para a Direita (torta) está calçada de novo, porém as lages tanto de um como de outro lado, por estarem ainda mais baixas, fazem engraçadas lagôas, proprias para pescar camarão.

O largo do Paço conserva um formidavel barracão com cantaria dentro, e ao lado um grande cercado, que por antigo já tem arbustos.

No mesmo largo ainda conservão o antigo parapeito que servia para impedir a batente da maré; hoje de nada serve e póde-se desmanchar.

Na rua do Fogo n. 33 ha 2 lages novas em cima das velhas ha mais de um mez. Muitas cancelladas ali se tem dado; porém hoje, por milagre de Deus, lá arrumárão um lampeão com luz.

Se não soube, soubesse, que a Santa Casa da Misericordia, na semana santa, só fez a ceremonia chamada de *lava pés*, e isso na sacristia, para ser mais á capucha. Fez muito bem o Sr. mordomo Silva, pois além de poupar livrou-se do trabalho *elementissimo*.

De que serve falquejar as grandes vigas que servem para formar o novo cáes do largo do Paço?... Não as poderião enterrar assim mesmo, e poupar esse dinheiro que se gasta com os falquejadores, visto que a nação tanto está gastando com a expedição do Rio da Prata?... O Sr. administrador das obras publicas poderá responder.

Indague quem é um sujeito dono da casa da rua dos Ciganos á direita, entre a do Nuncio e o Campo, pois hoje, 14, a sahir do espectaculo do theatro de S. Vicente de Fóra, muita gente tropicou em varias partes, principalmente n'uma grande cova; tudo isto porque estão lageando essa frente, e não tinha luz alguma.

Saiba do B., thesoureiro daquella irmandade em Macahé, se já deu cumprimento ao seu dever, como manda o compromisso, pois que já o devêra ter feito em novembro do anno passado, e igualmente em fevereiro deste anno.

Não acho bonito, fallo-lhe com o coração nas mãos, que esse inspector geral de Macahé, S. D. M., com seu collega E. L. T, queirão fazer policia em todos os quarteirões do districto da cidade. Não sabem elles que não podem sahir fóra de seu quarteirão e que se o fazem é tão sómente por odio ou vingança? Digalhes que contra elles tenho uma remessa, e será bom não continuarem.

Ataque umas boas agulhadas no fiscal da freguezia de Jacarépaguá, para informar á Illma. camara que a ponte do rio Pavuna, na estrada do Engenho d'Agua, está em estado de engulir os desapercebidos e incautos passageiros, pois já no dia 6 do corrente cahiu uma senhora e um homem, e desgraçados delles se fossem ao fundo do rio, que é horrivel, e habitado de enormes jacarés!!

Ao gato ruivo engatilhado, que mora naquella rua que é larga, diga-lhe que não atormente os vizinhos com o seu tacho velho de 120 rs., pois não faz senão estropear a *Chi dora vinci*: diga-lhe que é melhor pôr-se ao facto daquelles negocios. . . .

Escreva para a rua dos Ourives, aquella pessoa que mora no 2º andar, que deixe-se de lançar de suas

maior abuso da bondade do Sr. bispo, que, como é notorio, tem negado semelhante permissão a moços que gyrão em outra esphera, quanto mais a um simples estudante de latim como é, cuja dignidade não o habilita para subir a um logar que tanto recato deve merecer para não ser manchado com as fezes da mais supina ignorancia. Peça que lhe enterre a agulha sem piedade, e faça-lhe sentir o seu arrojo, afim de que, informado o Sr. bispo, não vejamos reproduzidos esses actos tão reprehensiveis. Diga-lhe tambem que não procure comprometter mais do que está o vigario daquella cidade, que com bastante pezar tem consentido esses abusos por ser patricio e não querer causar desgostos. Outrosim, que se deixe de dansar em bailes publicos com o mais inaudito escandalo, de corôa aberta, usando ainda mais de certos trejeitos e amaneiradas exquisitices. Faça-lhe ver que muito censurado foi ultimamente naquella cidade este seu proceder, e que as suas respostas a quem lhe pretendia advertir o seu escandalo não erão satisfactorias, pois dizer que não tem que dar satisfações ao povo não é nada compativel com seu estado. Recorde-lhe que o Principe dos Apostolos, pelo simples facto de sua entrada em uma casa de divertimentos profanos, não se póde esquivar ás censuras do povo, a quem teve de dar satisfações, mostrando o fim justo e piedoso que ali o tinha levado. Assim tambem que não continue a frequentar aquella taverna de certa esquina, pois sendo ahi a reunião de homens bandidos e ociosos, não lhe é isto assim decoroso; e que isto mesmo se levará ao conhecimento do Sr. reitor se virmos que as nossas admoestações não surtem o effeito desejado. Aconselhe-o tambem para que não queira passar naquella cidade por poeta, e para melhor o convencer escreva-lhe estes versinhos:

« Atrevido embora intentes
« Te elevar do Pindo ao cume,
« Não brilha d'Apollo o lume
« Em meás e curtas mentes.

« Da musa os dons excellentes
« Jámais partilhão casmurros. »

Diga lá ao Sr. Antonio, para que em nome da futrica do patrão agradeça ao governo a promptidão com que forneceu a bandeira para as fortificações de Macahé, exigida o anno passado; e aproveitando a occasião dará uma escovadela mestra no commandante das mesmas fortificações por ter embirrado em não querer fazer signaes quando chega qualquer navio de vela; e pergunte-lhe se é só privilegiado o vapor, para ser annunciado com os taes signaes, quando os mais navios do porto é que deverião ter a primazia. Dê-lhe os parabens pelo allivio que teve com a retirada do surucucú que se tinha aninhado na bandeira, indagando do mesmo commandante se ainda existe na sua fortaleza aquelle exercito de surucucús de que S. S. tanto fallava; e no caso affirmativo, será necessario pedir ao governo reforço de tropa para evitar que a cidade seja assaltada por semelhantes bichos, que estando familiarisados com a gente da fortaleza, não acontece o mesmo com a da cidade.

Sem dó nem compaixão enterre a sua agulha naquelle celebre proprietario do armarinho da rua do Catete. Diga-lhe que se cohiba de andar praticando certas acções com a vizinhança, e principalmente com aquella que lhe fica *au coté gauche*, porque é uma das casas aonde o tal carinha de *sum-es-fui* constantemente jaz nesta porta, fazendo mão ver ao publico. Se o meltro não se emendar, Sr. Gregorio, dê providencias mais energicas.

Peça ao Sr. alferes do 5º batalhão que, quando estiver de guarda, não seja tão rigoroso, pois um quarto de hora que S. S. concede aos guardas para jantarem é muito pouco tempo, principalmente nesse batalhão, aonde a maior parte dos guardas mora para as ruas do Livramento e Saude, pois S. S. deve-se lembrar que quando era furriel do 5º batalhão retirava-se da guarda para jantar á 1 hora da tarde, e que só regressava ás Ave-Marias, para tornar a voltar acompanhado, sem que seus commandantes usassem de tanto rigorismo como actualmente S. S. pratica.

Rogue ao fiscal da freguezia de Santa Rita, visto estar na sua alçada, e ser contra as posturas da camara, que haja de minorar os males daquelles que frequentão a rua da Imperatriz, mandando arrancar o degrão de pedra que existe no corredor contiguo á padaria sita nas lojas de uma casa nova, pois semelhante degrão, além de tomar parte do lagedo, tem sido causa de muita gente ir coseando para casa; e raro é o dia que isto não acontece: ainda outro dia uma menina que ia adiante de seus pais ver a procissão teve de ir em braços para casa, por se ter ferido na queda que deu, procedente do mencionado degrão. Diga mais que não se importe que o dono dessa casa seja rico, pois a lei é igual para todos.

A' autoridade competente, para providenciar sobre os abusos que praticárão os 3 guardas encarregados dos canos da Carioca para com o Francez morador na penultima casa, passando a igreja de Santa Thereza, pelo simples facto de estar apanhando grama

da capella
mais diga
Em ter
se já vierã
devota de
resa. Olhe
o tempo q
e em com
convenient
passe por
tender-nos
Dirija-s
a energia
Illma., fa
recommen
fim de q
Mataeava
para a ru
só enchar
da rua u
Gregorio,
corrigir i
posturas,
Sr. Gre
Srs. Auto
Vital, e o
outro que
guezia de
que se int
(hem com
zemos po
quanto p
quem tan
antes pelo
e já basta
teremos
devido ao
nossos co
peça e re
continuem
para S. S
numero d
para o ou
rado: que
tempo q
feiçoamen
porque pa
basto eu,
pregador
Escreva
gado de
leiras da
como diz
honorario
a quem S.
autor da
á bala na
dre T... s
que tanto
menção a
nel Franc
Francisco
deve dar
Dê os
Marianno
suas empr
rondas em
tes.
O Camp
cramento
a procissã
que a irm
nhar. Os
de procissão
com gera
Poem aq
fica empe
todas as
S na qui
celliente
prégadora
domingo
sermões d
se explica
penhada,
do Camp
milagres
zer ter est
boi, ama
gundo as
Ao cor
nal que
mo, que
bre sarge
terceira
não está
está pacifi
de Quitan
aguiha de
Aos ca
officio de
foi na ver
ra vez em

Fonte: CORREIO MERCANTIL, 18/04/1852, n° 108, p.2. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

Tratando ainda da personagem José Manuel, no capítulo XXI (“Contrariedades”), ao descrevê-lo, o narrador é enfático: “Se tinha uma virtude, era a de não enganar pela cara” (ALMEIDA, 2015, p. 114). Fazendo uso da ironia, ressalta também que a personagem possuía uma “virtude” comum aos fluminenses da época: a maledicência. No “Escritório”, eram inúmeras as reclamações de tipos como ele: fofoqueiros, interesseiros, ludibriadores de moças inocentes. Um anúncio do dia 26 de janeiro de 1852 é um bom exemplo de tipos como José Manuel e que proliferavam na Corte:

> Escreva em termos significativos àquele cigano, talvez pedestre, que a título de *camarista* e *muito rico*, depois de ter enviado uma ratazana de mantilha, foi ele próprio à casa de uma pobre e honrada viúva na travessa de Mato Grosso com o fim de reduzir-lhe uma inocente filha de 14 anos, a quem prometeu mundos e fundos, e por fim o casamento se a mãe a deixasse ir com ele para uma de suas chácaras. Intime a esse tratante que desista de semelhante perversidade, se não quer que alguém lhe mande correr os banhos e tomar os depoimentos. (ESCRITÓRIO..., 1852, p.3, grifo do autor).

É importante ressaltar o uso da redução em relação à “ratazana de mantilha”. Assim como havia um certo desprezo pelas mulheres de mantilha no “Escritório”, também havia nas *Memórias*. Isso porque as mantilhas constituíam um excelente disfarce para as mexeriqueiras, ocultando-as no ofício de cuidar da vida alheia. No capítulo VII (“A comadre”), ao se referir à mantilha, o narrador comenta:

> Este uso da mantilha era um arremedo do uso espanhol; porém a mantilha espanhola, temos ouvido dizer, é uma coisa poética que reveste as mulheres de um certo mistério, e que lhes realça a beleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a coisa mais prosaica que se pode imaginar, especialmente quando as que as traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais frequentadas então) tomava um aspecto lúgubre logo que a igreja se enchia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento. (ALMEIDA, 2015, p. 41).

No romance de Almeida, além da comadre, havia outra personagem adepta à mantilha e aos mexericos: a vizinha do barbeiro. Sempre implicando com o menino Leonardo, ela vivia profetizando um péssimo destino à criança. Bem ao contrário do barbeiro, que sonhava vê-lo padre. No capítulo XI (“Progresso e Atraso”), a personagem mais uma vez decide caçoar do barbeiro e de seu afilhado:

> Chegando [o barbeiro] por acaso à porta da loja, a vizinha que estava à janela disse-lhe em tom de zombaria: “— Então, vizinho, como vai o seu reverendo?”. Um velho que morava defronte, e que também se achava à janela, desatou a rir com a pergunta. [...] A vizinha continuou: “— Então ele já encarrilha o padre-nosso?”. O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injúria bem grande para responder, disse afinal: “— Já... Já... senhora intrometida com a vida alheia... já sabe o padre-

> nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando coices no inferno!... (ALMEIDA, 2015, p. 62).

Assim como o caso da vizinha do barbeiro, o "Escritório da Pacotilha" era repleto de situações envolvendo mexericos. O chefe Carijó, frequentemente, pedia para Antônio ou Gregório alfinetarem os amantes de novidades. Também cobrava providências dos inspetores:

> Com toda a instância chame a atenção do respectivo inspetor de quarteirão para que ponha debaixo de suas imediatas vistas aquela pessoa das Ilhas, moradora que foi da rua das Violas, que tem por costume e hábito pôr-se na sacada de sua casa da rua da Alfândega a implicar com certas pessoas e a falar dos nascidos no país. O inspetor que cumpra o seu dever, antes que alguém se faça justiça por suas mãos. (ESCRITÓRIO..., 1852, p.2).

Geralmente, ao se referir aos inspetores, Carijó utilizava a expressão "ponha debaixo das vistas". Obviamente, era uma forma irônica de chamar a atenção, uma vez que as autoridades viviam fazendo vista grossa aos problemas da cidade. Em outros momentos, Carijó debochadamente sugeria que utilizassem óculos, para visualizarem problemas tão gritantes.

Outro tema muito recorrente tanto no "Escritório" quanto nas *Memórias* era a súcia. Havia patuscos por toda a cidade. Os redatores pacotilheiros viviam alertando sobre a questão, visto que as patuscadas quase sempre terminavam em pancadaria. No entanto, a súcia estava tão arraigada aos costumes da cidade que parecia impossível contê-la. Uma publicação do dia 4 de abril de 1852 chama a atenção:

> No que me contam relativamente ao pagode que deu certo oficial da guarda nacional, por haver montado, em um dos dias do mês proximamente findo, guarda no paço, e também sobre a ocorrência que se deu entre uma sentinela e o oficial que estava de visita; convém tirar mais miúdas e exatas informações, para que melhor nos orientem sobre a censura, que aliás, segundo nos contam, injustamente foi feita à referida sentinela. Não ponha isto no rol do esquecimento, como tem feito com outras coisas. (ESCRITÓRIO...,1852, p.2).

Parece espantoso que um oficial, que deveria dar o exemplo, também participasse das algazarras. Contudo, isso também ocorria e era devidamente alfinetado pela "Pacotilha". Não apenas em relação às súcias, mas também a respeito da corrupção, morosidade e do abuso de poder. Esse anúncio tem correspondência com o capítulo XIX ("O granadeiro"), das *Memórias*. Neste capítulo, Leonardo, agora um granadeiro, está numa missão com o Vidigal. Enviado para observar a súcia em uma determinada casa, o granadeiro malandro simplesmente desaparece. Pouco tempo depois, é surpreendido imitando o major e fingindo-se de morto no meio da algazarra:

> [...] Procurou porém evadir-se por uma janela, conservando sempre a cabeça coberta: os granadeiros seguraram-no, e o major disse-lhe: "— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: fale primeiro com a gente". E tirando-lhe o pano da cara acrescentou: "— Ora vamos ver a cara do defunto...". Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do *morto*, reconheceu-se ser ele o nosso amigo Leonardo!... (ALMEIDA, 2015, p. 227, grifo do autor).

Novamente, o autor faz uso da mordacidade, surpreendendo o leitor e provocando o riso. Assim como os oficiais alfinetados pelo "Escritório", o granadeiro Leonardo não está preocupado em dar exemplo. Pelo contrário, ele percorre o romance sempre envolto em suas diabruras.

Ainda com o enfoque na patuscada, notamos um outro apelo, em 6 de junho de 1852, ao inspetor dos arredores da rua da Vala. Segundo Carijó, também havia súcia por aquelas bandas:

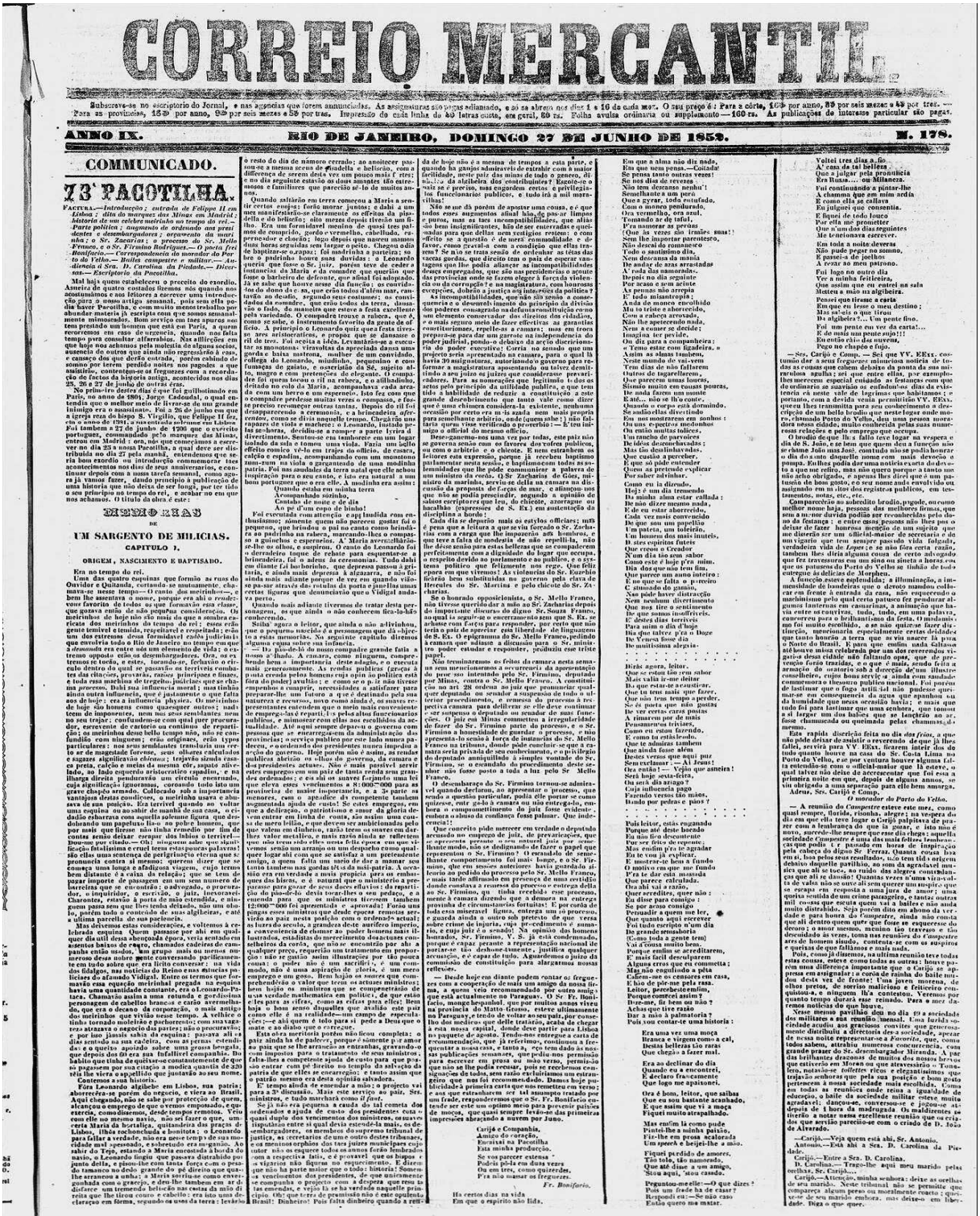
> Esta história que aqui conta esse correspondente sobre o ajuntamento que tem lugar a certa porta da rua da Vala (ponha os óculos e veja se é 102) em consequência de grande tocaia de viola, havendo por este motivo grande gritaria, leve ao conhecimento do respectivo inspetor [...]. (ESCRITÓRIO..., 1852, p.2).

A correspondência desse anúncio estaria no capítulo VIII ("Novos amores"), quando Leonardo, fugindo de casa, conhece Vidinha e sua turma. A mulata violeira, que se tornou a nova paixão de Leonardo, morava na rua da Vala e vivia fazendo patuscadas com as irmãs e os primos.

> Chegaram todos depois de longo caminhar, e quando já brilhava nos céus um desses lugares magníficos que só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da Vala. [...] Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adotaram o expediente das esteiras à porta, e continuaram assim pela noite em diante a súcia em que haviam gasto o dia, pois aquilo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que também tomara parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão comuns e tão estimadas. (ALMEIDA, 2015, p. 167).

Dessa forma, como bem ressaltado por Ribeiro (2006), podemos observar uma correspondência entre as publicações do "Escritório da Pacotilha" e as *Memórias de um sargento de milícias*. A mesma sátira presente na seção humorística também está presente no romance.

Figura 8 — 1° capítulo das *Memórias de um sargento de milícias*, na “Pacotilha”.



CORREIO MERCANTIL.

Subscreve-se no escriptorio do Jornal, e nas agencias que forem annunciadas. As assignaturas são pagas adiantado, e ao 1 e 16 de cada mez. O seu preço é: Para a côrte, 16$ por anno, 8$ por seis mezes e 4$ por tres. — Para as provincias, 18$ por anno, 9$ por seis mezes e 5$ por tres. Impressão de cada linha de 40 letras cada, em geral, 60 rs. Folha avulsa ordinaria ou supplemento — 160 rs. As publicações de interesse particular são pagas.

ANNO IX. RIO DE JANEIRO, DOMINGO 27 DE JUNHO DE 1852. N. 178.

COMMUNICADO.

73 PACOTILHA.

FACTURA.—*Introducção; entrada de Felippe II em Lisboa; dita do marquez dos Minas em Madrid; historia de um celebre meirinho ao tempo do rei.— Parte politica; augmento de ordenado aos presidentes e desembargadores; orçamento da marinha; o Sr. Zacarias; o processo do Sr. Mello Franco, e o Sr. Firmino Rodrigues.— O poeta frei Monjiffacio.— Correspondencia do morador do Porto da Velha.— Bailes campestre e militar.— Ausencia d'ella. D. Carolina da Piedade.— Diversos.— Exemplario da Pacotilha.*

Mal hoje quem estabelecesse o preceito do exordio. Ausiera de quatro costados lêrmos nós quando nos acostumamos e nos leitores a carregar uma pacotilha para o nosso artigo semanal, pois sem ella pedia haver Pacotilha, e com muito menos trabalho por abundar materia já escripta com que somos mensalmente mimoseados. Bom serviço em taes apuros nos tem prestado um lusitano que está em Paris, a quem recorremos em caso de urgencia, quando nos falta tempo para consultar alfarrabios. Nas afflicções em que hoje nos achamos pela molestia de alguns socios, ausencia de outros que ainda não regressárão á casa, e cansaço dos que dentro estrada, porém cahindo-lhe somno por terem perdido noites nos pagodes a que assistirão, contentem-se as freguezas com a recordação do factos da historia antiga, acontecidos nos dias 25, 26 e 27 de junho de outras éras.

No primeiro destes dias é que foi guilhotinado em Paris, no anno de 1801, Jorge Cadoudal, o qual entendeu que o melhor meio de livrar-se de um grande inimigo era o assassinato. Foi a 26 de junho em que a igreja reza do bispo S. Virgilio, que Felippe II fez, em o anno de 1581, a sua entrada solemne em Lisboa. Foi tambem a 27 de junho de 1706 que o exercito portuguez, commandado pelo marquez das Minas, entrou em Madrid; era, pois, que começámos a exercer no dia 25 a nossa Pacotilha, a qual deve ser distribuida no dia 27 pela manhã, entendemos que seria bom exordio ou introducção commemorar taes acontecimentos nos dias de seus anniversarios, e continuar depois com a nossa tarefa semanal, como agora já vamos fazer, dando principio á publicação de uma historia que não deixa de ser longa, por ter tido o seu principio no tempo do rei, e acabar no em que nos achamos. O titulo da obra é este:

MEMORIAS
DE
UM SARGENTO DE MILICIAS.
CAPITULO I.
ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISADO.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formão as ruas do Ouvidor e Quitanda, tortuando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo— O canto dos meirinhos—, e bem lhe assentava o nome, porque era ahi o rendez-vous favorito de todos os que formavão essa classe, que gozava então de não pequena consideração. Os meirinhos de hoje não cão mais do que a sombra ou relampago dos meirinhos do tempo do rei; esses erão gente temivel e temida, respeitavel e respeitada; erão um dos extremos dessa formidavel cadêa judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a *demanda* era entre nós um elemento de vida: o extremo opposto erão os desembargadores. Ora, se o extremo se tocão, e estes, tocando-se, fechavão o circulo dentro do qual se passavão os terriveis combates das chicanas, provas, razões, principios e theses, e toda essa machina de tregeitos judiciaes que se chama *processo*. Dahi sua influencia moral; mas dahi ainda outra influencia, que é justamente o que falta aos de hoje: era a influencia physica. Os meirinhos de hoje são homens como quaesquer outros; nada teem de imponentes, nem nos seus semblantes nem no seu trajar; confundem-se com qual quer procurador, serventes de carterio ou continuo de repartição; os meirinhos desse tempo não, não se confundião com ninguem; erão originaes, erão typos particulares: nos seus semblantes translusia mais ser de magestade forense, seus olhares calculados e suggez significativo *ehrenu*; trajavão sisuda casaca preta, calção e meias da mesma côr, sapato divelado, ao lado esquerdo aristocratico capadlio, e na illarga direita pendurava um circulo reservado, cuja significação ignorumus, corosando todo isto um grave chapéo armado. Collocado sob o importante vantajosas destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrivel quando ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com aquella solemne figura que desdobrando um papellucho ou pobre bonnete, que por mais que fizesse não tinha remedio por fim de contas senão deixar cahir dos hombros o terrivel rabicho. Bom-me par cindo — Oh! ninguem sabe que significação fatalissima e cruel teem estas poucas palavras! são ellas uma sentença de perigrinação eterna que se pronuncia contra si mesmo; querem dizer que se começa uma longa e afflictiva viagem, cujo termo bem distante é a caixa da relação; que se tem de passar inopeto de passagem em um seno sumido de barreiras que se encontrão: o advogado, o procurador, o inquisidor, o escrivão, o juiz, inexoraveis Charontes, estavão á porta do mais estendido, e ninguem passa sem que lhes tenha deixado, não um obolo, porém todo o contedo de suas algibeiras, e até a ultima parcella de sua pachoscia.

Mas deixemos estas considerações, e voltemos á celebrada esquina. Quem passasse por ahi em qualquer dia util dessa abençoada época, veria sentados em acentos hirtos de espera, chamados cadeiras de canna panha então usados, um grupo mais ou menos numeroso dessas sobre gente conversando pacificamente tudo sobre que ha direito conversar: na vida dos fidalgos, na noticia do Reino e nas anecdotas policiaes do afamado Vidigal. Entre os termos que formavão essa equação meirinhal pregada no esquinão havia uma quantidade constante, era o Louvado-Pataca. Chamavão assim a uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e cario avermelhado; do, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que vivião nesse tempo. A velhice o tinha tornado molestissimo e pachorrento; com sua vagareza atrazava o negocio das partes; não o procurassem e por isso jamais sahia da esquina: passava ali 4 dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas: e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos 60 era sua infallivel companhia. Do habito que tinha de estar sempre constantemente de que só pagassem por sua citação a modica quantia de 320 réis lhe viera o appellido que juntavão ao seu nome.

Contemos a sua historia.

Fôra Leonardo algibebe em Lisboa, sua patria; aborrecêra-se porem do negocio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado ao exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Veio com elle no mesmo navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da bortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, lôhda rochonchuda e bonitota: o Leonardo para faltar a verdade, não era moço tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era mugango. Ao sahir da Teja, estando a Maria encostada á borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distrahido por junto della, e pisou-lhe com tanta força com o pesdo tamanco no dedo grande do pé direito que quaslhe arrancou a unha; a Maria sorriu-se como envergonhada com o grande, e deu-lhe tambem em attdisfarce um tremendo beliscão nas costas da mão direita que lhe tirou couro e cabello: era isto uma declaração em fórma, segundo os usos da terra: levárão o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a palestra de filadella a beliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fi rtes: e no dia seguinte já todos os amantes ião entre nossos e familiares que parecião se-lo de muitos annos.

Quando sahirão em terra começou a Maria a serir certos esojos: forão morar juntos; e dahi a um mez manifestárão-se os effeitos da primeira pisadella e do beliscão; oito mezes depois tiverão um filho. Era um fadamel mestiço de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, resperveiro e doudo: logo depois que nascera mmeou lhes horas seguidas em uma janella. Chegou então de baptizar-se o rapaz; foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvidas: a Leonardo queria que fosse o Sr. juiz, porém teve de ceder a instancias da Maria e do comadre que queirão que fosse o barbeiro do defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia função; os convidados do dono da casa, que erão todos da terra, demasiavão o fado, do mesmo que esteve a festa excellente pelo vatidado. O compadre, o rabeca, que já, como se sabe, o instrumento favorito da gente de officio. A principio o Leonardo quiz que festa fosse ao ares aristocraticos, e propôz que se dansasse o rid de tres. Foi acceita a idéa. Levantárão-se a executar os monotonos viravoltas de pesciado dansa uma gorda e baixa mastrona, mulher de um convidado, collega do Leonardo, quitandeira, pequenino e com fumeças de gaiato, e osseriadão da Sé, sujeito alto, magro e com pretenções de elegante. O compadre foi quem tocou o rii na rabeca, e o alfinadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um berro e um espasmo. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse preciso recomeçar o outras tantas. Ao fim do rii foi desapparecendo a cermonia, e a brincadeira afrecentes, como se diz em portuguez. Chegárão uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lyrica d divertimento. Sentou-se em tamborete em que tinha lodado da sala e tomou uma viola. Fazia um bello effeito comico o vê-lo em trajos de officio, de meia calção e espadim, acompanhando com um monotono tamo-nem na viola a pungente canna de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom portuguez. Sentou-se e poz-se a modinha em bocca:

Quando estaba em minha terra
Acompanhado aziaho,
Contabo de noute e de dia
Ao pé d'um rego de linho!

Foi executada com attenção e applaudida com entusiasmo; sómente quem não pareceu gostar foi o pequeno, que tendou o pai no canto como brindeira a ao padrinho na rabeca, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. A Maria encrencalhára-se-lhe os olhos, e suspirou. O canto do Leonardo foi o derradeiro trapo de onte para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho, que depressa passou a grita, e dahi a nada depressa á pancada, e ainda nada adiante porque de vez em quando vião-se pasar atravez das rotundas da porta e janellas umas certas figuras que denunciavão que o Vidigal andava no perto.

Quando nada adiante tivermos de tratar desta personagem, os que ainda o não conhecem fica-lo-hão conhecendo.

Senão agora o leitor, que ainda o não adivinhou, que o pequeno afilhadado é o personagem que dá objecto a estas memorias. No seguinte capitulo diremos alguma coisa sobre o seu infantario.

— Da pão-de-lo do muso compadre grande falta a nossa cabeça de casal. Sem duvida, ninguem, empenhado bem a importancia deste adagio, e ensaia mais generosamente. As rendas publicas (graças á sua boa administração pela Sr. Firmino) não podem ser fóra do poder avultar; e como se o paiz não tivesse grandes necessidades a satisfazer, grandes melhoramentos a preparar-lhe um futuro a que é destinado pela sua natureza privilegiada, e bonanças ainda mais ricas e prosperidades, os nossos representantes entendem que o meio mais conveniente de empregar-lhe é repartir-lhe pelos altos funccionarios publicos, e augmentar-lhes consideração e as vantagens da sua ilustre posição. Até aqui sempre degarou o governo com pressões que se encontravão nas administrações das provincias; o serviço publico por este lado nunca padeceu, e o soberano nunca teve um motivo para arrependimento da sua generosidade. Hoje porém não é assim, as rendas publicas abrirão os olhos do governo, da camara e dos presidentes actuaes. Não é mais possivel servir estes empregos com um paiz de tanta renda sem grandes sacrificios, sem que o serviço publico soffra muito; que eleva estes vencimentos a 8:000$000 para as presidencias das provincias, e a 3:000$000 para os menores, com o apoadice do competente tambem augmentada ajuda de custo! Se estes empregos, em que a dedicação, o patriotismo e até gloria de servir entrar em linha de conta, são assim uma cousa de nada, que não seja uma administração como a que valeu em dinheiro, ranho teem os suares em dar. Vires valor medico, e nunca se reflectem que nos seus seio ellas nesta feita epoca em que vivemos sendo um arranjo ou um despacho como qualquer logar de cauda que se satisfaz a um pretencioso amigo, a quem falta um meio de dar a mamar seu lauto tambem na gordas ubres da patria. A necessidade era verdadeira a mesma propicia para os embaraçados ministros, e o governo não teve remedio senão parasse para gozar de seus doces effuvios: da repartição do pão-de-lo devia tocar-lhes o seu pedaço, e a vontade para que os ordenados e vencimentos de 12:000$000 foi apresentada e aprovada! Parão uns pingos esses minimalhos que desde epocas remotas se virão ao pasi nesta posição com o ordenado actual: os lurros são sensiveis, a grandeza desde sacrificou imperio, a conveniencia de chamar ao poder homens mais illustrados, estadistas de maiores dotações e conselheiros da corôa, que não se encontrão por ahi a qualquer preço, requerião um tratamento em proporção: não se gastão sommas importantes com uma cousa; o poder não o tem sacrificio, é um commando, não é uma aspiração de gloria, é um meio emprego e um gozo. Bem lojão os sonres que compreendem a sua posição, e bem lojão os ministros que se compenetrão de que verdade mathematica em politica, de que estão elles para as cifras, como as cifras para elles: Bem hoje o bom senso daquelles que avalião este pais como elle é na realidade—um campo de experiencias;—e ahi quem é tolo para si pode a Deus que o mais e a diabo que o carregue.

Esta obra meritoria portou não ficou completa: o paiz ainda ha de padecer, porque é simente por amor que se lhe faz o sacrificio de certas vantagens, gravando com impostos para o tratamento de seus ministros: falta-lhes a competente ajuda de custa para que possão entrar com pé direito no templo da salvação da gloria de que ellas e os presidentes tanto assim que o patrão mesmo era desta opinião salvadora.

E tempo ainda de emendar a mão; o projecto vai para a 3ª discussão. Mais uns dias ao paiz, aos ministros, e tudo marchará como *il faut*.

Se já não é tarde, porque a camara tem tomeia dos ordenados e ajuda de custo dos presidentes com o quasi dupto dos vencimentos ordinarios, os seus empregados entre si qual devia estender-la mais, os desembargadores, os membros do supremo tribunal de justiça, as secretarias de uns e outro destes tribunaes, e os meninos orphãos dos taes juizes municipaes cujo nome não os esquece todos os annos feitos lembrados com a respectiva fatia, e é provavel que os bispos e o vigario não figurem no esquecimento. E dizem que não ha parte maior que o todo: historia! Somente os vencimentos dos presidentes, de que unicamente se encarnha o projecto com a despeza que reza o tais emendas, e vejão lá se ha verdade naquelle principio. Oh! que terra de promissão não é este quadrilatero Brasil! Dinheiro! Pois falta dinheiro quando a rendada de hoje não é a mesma de tempos a esta parte, e quando os ganjos numerarios de repartição a outros facilidade, neste paiz das minas de todo o genero, dinheiro da algibeira dos contribuintes? Exageremos: sait se é preciso, nas engordem certos e privilegiados funccionarios publicos, e tudo irá a mil maravilhas!

Não se me dá porém de apostar uma cousa, e é que todos estes augmentos ahual hão de pas-se limpos e puros, mas as taes incompatibilidades, que aliás são bem inoffensivas, hão de ser exercidas e queridadas para que dellas nem vestigios restem: e com effeito se a questão é de mera commodidade e de favor, como negar-lhe com a condição que tem o governo? Se não se trata senão de ordenhar as tetas das vacas gordas, que direito tem o paiz de esperar que os logares que lhe podia allançar as incompatibilidades desses empregados, que não são precisamente o apoio das provincias onde se fazem elleger á força da violencia ou da corrupção? e na magistratura, com honrosas excepções, dobrão a justiça aos interesses da politica?

As incompatibilidades, que não são senão a consequencia e desenvolvimento do principio de que todos os poderes consagrado na defuturo constituição como um elemento conservador dos direitos dos cidadãos, e o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias constitucionaes, repellem-as a camara; nem os treze preparão-se para dar um garrote na independencia do poder judicial, pondo-o debaixo da acção discricionaria do poder executivo! Corria na senado que um projecto seria apresentado na camara, para o qual lá havia 30 assignaturas, autorisando o governo para reformar a magistratura aposentando ou talvez demittindo a seu juizo os juizes que considerasse prevaricadores. Para as nomeações que legitimão o dos actos pelo principio da utilidade publica, e que tem sido a habilidade de reduzir a constituição a este grande desenbramento que tanto vale como dizer que é uma chimera considera-la existente, nenhuma occasião por certo era mais propria para manifestar-se mais claramente que não ha mais propria para conselheiro ministerio, onde (quem sabe?) não falta quem viue verificado o proverbio? — E tem inimigo o official do mesmo officio.

Isso é geralmente sabido uma vez por todas, este paiz não se governa senão com os favores dos cofres publicos, ou com a arbitrio e o choque. E tem estabelecem os leitores esta expressão, porque já recebeu baptismo parlamentar nesta sessão, e baptismo-se todos as assemelhantes que lhe pode communicar a palavra de um ministro da corôa. O Sr Zacharias de Góes, ministro da marinha, servio-se della na camara na discussão da proposta de forças de mar, e alimpou-nos que não se podia prescindir, segundo a opinião de sabios escriptores que leu, do chicote, atorragate ou bacalhau (supressão de S. Ex.) na autoridade da disciplina a bordo!

Cada dia se depurão mais as estylos officiaes; mas é pena que a leitura a que se vio forçado o Sr. Zacharias com a cargo que lhe impuzerão aos hombros, e que teve a falta de moderação de não repellir-la, não lhe désse senão para estas bellezas que se compadecem perfeitamente com a dignidade do logar que occupa, o respeito devido ao parlamento e ao publico, e o systema politico que felizmente nos rege. Que feio epoca em que vivemos! Se a infamia do Sr. Euzebio fôrão bem substituidas no governo pela etava de Hercules do Sr. Martins e pelo chicote do Sr. Zacharias.

Se o honrado opposicionista, o Sr. Mello Franco, não tivesse querido dar a mão a Sr. Zacharias depois do importante discurso do digno Sr. Souza Franco, ao qual se seguio-se o encerramento do que S. Ex. se achasse com fucos para responder, por certo que não teria o pais de apreciar esa liberdade de linguagem de S. Ex. O epigramma do Sr. Mello Franco, pedindo que fosse dada a palavra para o Sr. ministro qualquer deputado ou senador a suspensão de todo o ulterior procedimento, e consesso do presidente a respectiva camara para deliberar se elle deve continuar e ser supenso o deputado ou senador de suas funcções. O juiz em Minas commetteu a irregularidade de fazer do Sr. Firmino parte do processo, e o Sr. Firmino parte do governo de quem é ministro, e nisi apresenta-lo senão á força de instancias do Sr. Mello Franco na ordinem, donde pode concluir-se que a camara seria privada de seu conhecimento, e o privilegio do deputado auniquilado á simples vontade do Sr. Firmino, se o conselho do procedimento deste senhor não fosse posto a toda a luz pelo Sr Mello Franco.

O desembaraço do Sr. Firmino tornou-se admiravel quando declarou, ao apresentar o processo, que sendo a questão particular, podia elle portar se como quizesse, entr gado á exmata ou não entregado, empregando o conhecimento do pai feito exclusivamente a abuso da confiança fosse palmar. Que independencia!

Que concreto pôde merecer em verdade o deputado que tem um emprego de juiz, de presidente, que se apresenta perante o seu natural juiz por semelhante motivo? Que valor pôde ter o testimunho que representou o Sr. Firmino? O escandalo de semelhante comportamento foi mais longe, e o Sr. Firmino que em nossos sentimentos não devia ao menos luzir ao pedido do processo pelo Sr. Mello Franco, e mais tarde ainda em presença de uma verdadeira donde constava a recusa do processo e entrega della ao Sr. Firmino, ou tinha recebido ou não processo, mente á camara dizendo que a demora na entrega provinha de circumstancias fortuitas! E por coróa de despezas com a mesma camara, que lhe havia negado, e guarda ainda o outro sob pretexto de que versa sobre crime de injuria, cujo procedimento é sommario, e cuja joi é o senado! Na opinião dos homens honrados, Sr. Firmino, V. S. já está condemnado, porque é capaz perante a representação nacional de portar-se tão desbocadamente, justifica qualquer censura, e até mesmo um castigo. A independencia e commodidade de constituição para alargarmos nossas reflexões.

— Desde hoje em diante podem contar os freguezes com a cooperação de mais um amigo da nossa firma, a quem vão recommendando os seus freguezes que está actualmente no Paraguay. O Sr. Fr. Bonifacio, mago benjamim, que por muitos annos viveu na provincia do Matto-Grosso, estreve ultimamente no Paraguay e tendo de voltar ao seu pais, pareceu-lhe dos medicos que delle tratárão, acaba de chegar a esta nossa capital, donde deve partir para Lisboa em paquete de agosto. Tendo-nos merecido a sua recommendação, que já referimos, continuou a frequentar a nossa casa, e tanta, que nos deu as nossas publicações semanaes, que pedio-nos permissão para as escrever em prosa ao mais verso, permissão que não se lhe podia recusar, pois se recebemos consignações de todos, sem razão exclusivamos um estrangeiro que nos foi recommendado. Damos hoje publicidade á primeira carta que nos remetteu em verso; e aos que estranharem ser tal assumpto tratado por um frade, respondemos que o Sr. Fr. Bonifacio encontrou-se em opinião muito para com os frades de moços, que quasi sempre levão-se das primeiras impressões abraçando a nuvem por Juno.

Carijó e Companhia.
Amigo do coração,
Encontrei na Pacotilha
Esta minha producção.
Se vos parecer extensa
Podeis pol-a em duas vezes
Ou em tres, como quizerdes,
Pra não massar os freguezes.

Fr. Bonifacio.

Ha certos dias na vida
Em que o espirito não lida.

Em que a alma não diz nada,
Em que seus ganjos assemelha-se-Coitada!
Se pensa tanto outras vezes!
Se nada diz de nescias
Não tem descanso senhu'!
Semelhante a um poeta
Que o pyrar, todo estufado.
Com o manco pendurado,
Ora vermelho, ora azul,
Tomando ar de tafuí,
P'ra numorar as gentes
(Que as vezes são irmães sua!)
Sem lhe importar parentesco,
Não descai de consonancia
Todo o sautissimo dia,
Sem descanso da manhã
De andar de azas arrastadas
A' roda da namorada.
Depois no dia seguinte
Por acaso o seu astro
As pernas não arrepia
E todo misantropia;
Anda só e amuchilado
Mu tu triste a aborrecido,
Com a mesma sorte
Não lhe apetecendo nada,
Nem a cousa decidir;
Imagina ter perdido,
Ou diz para a companheira:
« Tenu estas cousas ligadeira. »
Assim as almas tambem,
Neste mundo de vai-vem
Tem dias de não fallarem
Outros de tagarellarem,
Que parecem umas loucas,
Sismão muito em cousas poucas,
De anda fazer um nunte
E até... não se lh'a conte,
Quando o corpo está dormindo.
Se sadiacilas divertindo
Em nos assuterem em sonhos :
Ou uns espectros medonhos
Ou então muitas tolices,
Um rancho de parvoices
De idéas desencabeadas :
Mas fas desalinhadas,
Que custão a perceber,
E que só pode entender
Quem as pretende explicar
Por saber advinhar.
Como eu ia dizendo,
Hoje é um dia tremendo
Da minha alma estar calhada :
Be não dizer mesmo nada,
E de eu estar abrorecido,
Cada vez mais convencido
De que sou um papellão
Um patrão, um tolo feito,
Um homem dos mais inuteis,
D aies espiritos futeis
Que creem o Creador
N'um dia tão seu sabor
Como este hoje p'ra mim.
Dia dos que não tem fim,
Que parece uma cousa inteira :
E no que se falta o pereiro
E sinsadeiro do gansio,
Não pide haver distracção
Nem nenhum divertimento
Que nos tire o sentimento
De que somos inoffiveis.
E desles dias terriveis
Para mim o dia d'hoje
Dia que inicra p'ra o Doze
De Venesa fosse dia
De muitissima alegria.
. . . . . .
. . . . . .
Birds agora, leitor,
Que se estou tão vez sabor
Mais valia ir-me deitar
Do que estar a escrevinhar.
Que tu tens mais que fazer,
Que não tens tempo a perder.
Se és parte que não gostes
De ver certos cantos postos
A rimarem por de mais
Pensamentos triviaes,
Como eu estou sentindo.
E com tu estás lendo.
Que te admiras tambem
Que ainda fosse além
Destes versos que escrevi
Sem exclamar — Ai Jesus!
Ora entãa! — Vejão que ameira!
Será bom ou será ruim,
Ou será dia aviagro ?
Coja influencia papo
Fazendo versos tão maos,
Dando por pedras e paus ?
. . . . . .
. . . . . .
Pois leitor, eu estou rogando
Porque até deste bocado
Eu não fico descontente
Por ser feito em extemporanic:
Mas emfim p'ra te agradar
Eu te vou já explicar.
E mostrar-te bem a fundo
O motivo porque me poudo
P'ra te dar esta massada
Que porque o não sabia
Ou ahi vai a razão.
Que arredites, que não :
Eu disse para comigo :
Se por acaso consigo
Persuadir a quem ler,
Que quanto aqui escrever
Não tinha escripto n'um dia
De grande sensaboria
(Como toda a gente tem)
Vai a cousa muito bem.
Porque emfim se arreditarem,
E mais facil de acreditarem
Alguns erros que eu commetta ;
Mas não engulido a pita
Calem-se os censores em casa,
E não de pir-me pela asa.
Leitor, percebeu-me tambem,
Porque comtrei assim ?
Dize-me, lê bem ou não ?
Achas que tive razão
Dar a mão á palmatoria ?
Pois sou contar-te uma historia :

Era uma vez uma moça
Branca e rosada como a cal,
Bestas bellezas tão raras
Que chegão a fazer mal.

Era ao declinar do dia
Quando se vai recolhendo,
E declaro francamente
Que logo me apaixonei.

Ora é bom, leitor, que saibas
Que eu sou bastante acanhado,
E que nunca eu vi a moça
Fiquei muito atrapalhado.

Mas emfim lá como pude
Pintei-lhe a minha paixão,
Fiz-lhe em prosa acalorada
Um speech e beijei-lhe a mão.

Fiquei perdido de amores,
Tão tolo, tão namorado,
Que até disse a um amigo,
Sicus aqui, sicus casado.

Perguntou-me elle:—O que dizes ?
Pois um frade ha de casar ?
Respondi eu:—Se não caso
Então quero me matar.

Voltei tres dias a fio
A' casa da tal belleza
Que a julgar pela pronuncia
Era Rusia... ou Mallaneza.
Foi continuando a pintar-lhe
A chamma que em mim ardia
E como ella se callava
Eu julguei que consentia.
E fiquei de todo louco
Por ella me prometter
Que n'um dos dias seguintes
Me informava escrever.
Em toda a noite deveras
Não pude pegar no somno,
E passei-a de joelhos
A rezar ao meu patrono.
Foi logo ao outro dia
Ver a minha feiticeira,
Que assim que eu entrei na sala
Mettera um missivo na algibeira.
Pensei que tirasse a carta
Em que eu lesse o meu destino ;
Mas sai-sei-o que tirou
Eu então cris das nuvens,
Pego no chapéo e fujo.

— Srs. Carijó e Comp. — Sei que VV. EExs. costumão dar a seus freguezes a primeira noticia de todas as cousas que cahem debaixo da ponta da sua miraculosa agulha; sei que este ellos, por exemplo, lhes merecem especial cuidado as festanças com que de ordinario se suavisão os enfadonhos dias da existencia ria neste vale de lagrimas que habitamos ; e portanto, com a devida venia permittirão VV. EExs. que eu lhes transmitta para seu conhecimento a descripção de um bello brodio que neste logar onde moro, chamado Porto do Vello, deu uma grande mostra deste nesse estado, muito conhecido pelas suas numerosas relações e pelo emprego que occupa.

O brodio de que lhe falio teve logar na vespera e dia de S. João, e se bem que quem deu a funcção não se chame João nas bandas, costumão nisso as pedis honrar o dia do santo daquelle nome com mais devoção e pompa. Eolhes podia dar uma desculpa muito especiosa a que me refiro, mas não quero porque a tanto me não acho obrigado, e apenas lhes direi que é um patuscio de bom gosto, e se eu mesmo não estivesse ora assignado em os rios dos registros publicos, em testamentos, notas, etc, etc.

Compareceráo ao sobredito brodio, pegode, ou como melhor nome haja, pessoas das melhores firmas, que sem a menor duvida podião ser reconhecidas pelo dono da fantazia : e entre essas pessoas não lhes pos o deixar de fazer honrosa menção de um objecto que me disserão ser um official-maior de secretaria e do mui ygario que tem sempre passado vida folgada, verdadeira vida de *Lopez* : e se não fôra certa razão, tambem lhes diria alguma cousa de certo advogado que fez travessuras em um sino ou sineta a horas em que os patuscos do Porto do Vello se tinhão de todo entregue ás delicias de Morpheu.

A funcção esteve esplendida: a illuminação, a immensidade de bandeiras que o devoto mandou colocar em frente á entrada da casa, não esquecendo o marchinismo pelo qual certa patuscada fez pendurar algumas lanternas em canaurinhas, a animação que havia entre os convivas, tudo, tudo, em uma palavra, concorreu para o brilhantismo da festa. O mandamista foi muito escolhido, e se não quizerse fazer distincção, merecimento especialmente cabe aos deixados que tanto bonrão a terra que as vis nascer á pra o Norte do Brasil. E para que emfim nada faltasse até houve missa celebrada por um dos reverendos vigarios dessa cidade não faltando opse, que de proposição feito trazidos, e o que é mais, sendo feita a armação do oratorio sob a direcção de um illustre consilheiro, cujos bons dotes de gosto são mundialmente commemora o thesouro publico nacional. Foi porém de lastimar que o fogo que ardia em tão grande gráo marcasse em consequencia da agua que apanhou na humidade que nesse occasião havia; e mais que tudo foi para lastimar que uma senhora, que nunca a si largar um dos babeis que se lançárão ao ar, fosse namorado-se daquelle que queria ser namorado.

Esta rapida discrição feita no dia *dias frias*, a que não pôde deixar de assistir o reverendo de que já lhes falei, servirá para VV. EExs. ficarem inteir dos do todo quanto houve na casa do Sr. Cotia no Porto do Vello, e se por ventura houver alguma falta cuidado-se com o official-maior que lá esteve, o qual talvez não deixe de accrecentar que foi essa a primeira noite em que, depois de alguns annos, se vio obrigado a uma separação para elle bem amarga.

Adeus, Srs. Carijó e Comp.

O morador do Porto do Velho.

— A reunião do *Campestre* esteve este mez, como quasi sempre, florida e animada. *Alegre* na vespera do dia em que ella teve logar o Carijó palpitou-se de prazer com a lembrança de que ia gozar, e isto não é novo, sarcede-lhe sempre que esse dia chega; aquella sociedade *Campestre* é uma das mais felizes lembranças que podia ter passado em horas de inspiração pela cabeça do digno Sr. Ferraz. Quanta cousa boa essa lembrança tem resultado, não só para a origem debaixo daquelle parthido, ao som da agradavel musica que ali se toca, ao raiado das alegres contendadoras que ali se encontrão! Quantas vezes n'uma vira-volta de valsa não se ouve ali sem querer um suspiro que se escapa em resposta a uma jura de amor; uma queixa sentida de um crime passageiro, e tantas outras mil cousas que acaso passem vai a bulha e não anda muito distrahido. Seja porém dito em abono da verdade e para honra do *Campestre*, ainda não consta que ali tenha sempre que fosse se esquecesse do decoro : o amor mesmo, mesmo tão travesso e tão descuidado às vezes, toma as rasões de *Campestre* ares de homem sisudo, contenta-se com os suspiros e queixas de que falla-se e nada mais.

Pois, como já disemos, na ultima reunião teve todas estas cousas, estave como todas as outras: houve porem uma differença importante que o Carijó se apressa em assignalar: a corôa de rainha do baile mudou desta vez de fronte! Uma joven morena, de olhos pretos, de sorriso malicioso e feiticeiro conquistou-a, e naquella noite reinou. Veremos por quanto tempo durará esse reinado. Para o mez daremos noticias de que houve.

Vesse mesmo parthido dia no dia 19 a sociedade dos militares a sua reunião mensal. Uma lucida sociedade acudio aos gracioso convites que gentilmente distribuio a directoria dos a sociedade, apezar de nesse noite ter-se apresentado que é *Sonnambula*, que, como todos sabem, attrahiu numerosa concurrencia, e um grande prazer do Sr. desembargador Miranda. A par das brilhantes lembranças de muitos outros mezes que estiverão em Moran ou que atravessárão o Tonelero, notarão-se *toilettes* ricas e elegantissimas que trajavão senhoras que pela sua posição e bom gosto pertencem a essa sociedade e nella se escolhido. Como em todas as reuniões onde reina a igualdade de educação, o baile da sociedade militar esteve muito agradavel, e ninguem se retirou-se e que antes de depois de 1 hora da madrugada. Os maldizentes se tiverão a notar nesse excellente reunião que os dous que servião parecião-se com o crisado de D. João de Alencastro.

—Carijó.—Veja quem está ahi, Sr. Antonio.

Antonio.—Está ahi a Sra. D. Carolina da Piedade.

Carijó.—Entre a Sra. D. Carolina.

D. Carolina.—Trago-lhe aqui meu marido pelas orelhas, Sr. Carijó....

Carijó.—Attenção, minha senhora: deixe as orelhas de seu marido. Neste tribunal não se permitte que compareça algum preso ou moralmente reacto ; queira-se de seu marido embora, mas deixe-o em liberdade. Diga o que quer.

Fonte: CORREIO MERCANTIL, 27/06/1852, n° 178, p.1. Acervo: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

Em 27 de junho de 1852, a "Pacotilha" anuncia o primeiro capítulo das *Memórias*, "dando princípio à publicação de uma história que não deixa de ser longa, por ter sido o seu princípio no tempo do rei, e acabar no em que nos achamos" (ESCRITÓRIO,,., 1852, p.1). No decorrer de pouco mais de um ano, a história criada por Almeida representou um recorte dos três anos de existência da "Pacotilha".

Portanto, o mesmo intuito moralizante que há na sátira da "Pacotilha" também está presente na sátira das *Memórias*. Embora Antonio Candido (1978) argumentasse que a repressão moral no romance de Almeida não está na consciência das personagens e sim no major Vidigal, fazendo com que se torne apenas uma "questão de polícia", o que vemos na pessoa do narrador é uma postura diferente. Já expusemos aqui vários exemplos em que o narrador critica os mexericos, a infidelidade e o mau-caratismo das personagens. Talvez a diferença dessa crítica satírica feita pela "Pacotilha" e pelas *Memórias* esteja apenas na intensidade com que é evidenciada em ambas. Enquanto na seção humorística essa sátira possua um intuito moral claramente explícito, no romance esse intuito é mostrado de modo mais sutil, sendo atenuado pela questão da malandragem.

Candido (1978) também considerou, em "Dialética da malandragem", as *Memórias* como um romance "malandro", que representava parte da sociedade fluminense no período joanino. De modo análogo, as personagens e, principalmente, os acontecimentos no romance de Almeida também representariam parte de sua progenitora "Pacotilha". Contudo, vale a pena ressaltar que embora haja uma ligação direta entre as *Memórias* e a seção humorística, a obra de Almeida possui autonomia. Tanto que após estrear na "Pacotilha", o romance foi publicado em livro em 1854 e 1855.

Ademais, é importante lembrar que a "Pacotilha" tinha como missão criticar satiricamente os problemas da cidade e a conduta das pessoas. Embora essas denúncias pudessem ser inventadas, é certo que criticavam questões bem reais. Na maioria de suas publicações, há apenas "o inspetor", "aquela senhora", "o padeiro", "o sapateiro" etc. Isso porque o foco estava no que as pessoas faziam e não na descrição detalhada destas. Semelhantemente, nas *Memórias* também encontramos "a comadre", "o barbeiro", "a vizinha", uma vez que "os figurantes interessam, pois, na medida que contribuem para o acontecimento, não como unidades autônomas" (CANDIDO, 2017, p. 535).

3 AS *MEMÓRIAS* E O OLHAR DA CRÍTICA: UMA RETROSPECTIVA

De acordo com Terezinha Marinho (1969), foi José Veríssimo o primeiro crítico a descobrir o valor das *Memórias de um sargento de milícias* ao prefaciar uma edição da obra, em 1900, para a Livraria Garnier. A partir daí, outros críticos mostraram-se interessados no romance de Almeida. Contudo, Cecília de Lara pontua, em 1978, quando publicou a sua edição crítica das *Memórias*, que a fortuna crítica da obra ainda não era extensiva. Com o passar dos anos, porém, houve um aumento significativo dessa fortuna. Um exemplo seria a edição do romance publicada pela Ateliê Editorial, em 2000, organizada e apresentada por Mamede Mustafa Jarouche. Também *Transdisciplinaridade*: literatura brasileira e jornalismo/Correio mercantil, de José Alcides Ribeiro, que trata da correspondência entre o "Escritório da Pacotilha" e as *Memórias de um sargento de milícias*.

De sua publicação em livro, em 1854 e 1855, até 1970, o romance recebeu diferentes classificações: de costumes, pré-realista, picaresco e "malandro". Embora divergindo quanto à classificação e filiação do romance, a crítica convergia neste aspecto: as *Memórias* esboçavam um olhar diferenciado da capital fluminense no período joanino, sem floreios e sentimentalidade exacerbada.

> [...] É quase incrível que, em 1852, um carioca de vinte anos conseguisse estrangular a retórica embriagadora, a distorção psicológica, o culto do sensacional a fim de exprimir uma visão direta da sociedade de sua terra. E por tê-lo feito, com tanto senso dos limites e possibilidades da sua arte, pressagiou entre nós o fenômeno de consciência literária que foi Machado de Assis, realizando a obra mais discretamente máscula da ficção romântica. (CANDIDO, 2017, p. 535).

Segundo Marques Rebelo (2012), as *Memórias* fizeram sucesso em folhetim, mas o mesmo não ocorreu quando publicadas em livro. Para o biógrafo de Almeida, nem mesmo os amigos do autor se empolgaram com a obra. Um exemplo seria o próprio Bethencourt da Silva que, ao prefaciar a quarta edição do romance em 1876, afirmara que o talento de Almeida pouco se estampou nas *Memórias*.

Na tentativa de justificar o fracasso das *Memórias* em livro, Maria José da Trindade Negrão argumenta que havia uma "espécie de preconceito social refletido no nosso romance romântico". Dessa forma, poderíamos dizer que ele foi muito mais aristocrático que propriamente burguês e esse aristocratismo se refletia principalmente nas personagens. Como exemplos, Negrão cita Aurélia Camargo e Fernando Seixas (de Alencar) e Helena (de Machado

de Assis). Essas personagens, embora de origem humilde, buscaram se aristocratizar, ocultando essa origem. O mesmo se poderia dizer em relação ao indianismo, uma vez que Peri, por exemplo, representava muito mais um nobre cavaleiro que um homem comum.

> Romance de personagens e de episódios de cunho essencialmente popular, não havia nas *Memórias de um sargento de milícias* a personagem que afinasse com os sonhos e anseios das moças casadoiras; menos ainda, aquela exaltação das nobres e férreas virtudes românticas, em estilo grandíloquo, e nem lances de pretensões de alto coturno, que construíssem uma ilusão compensatória, ou agitassem de um frêmito a modorrenta vida das matronas. Existe nelas amor-dedicação e amor-paixão, lealdade, fidelidade, compaixão, e até sobre-humana justiça, disfarçada em Sorte, não apenas com relação ao Leonardo, mas a todos os outros personagens que tantas voltas deram e tantas aflições passaram por amor dele [...], mas tudo isso existe sem alarde, e nas dimensões cotidianas que têm as coisas comuns da vida. (NEGRÃO, 1966, p. 8-9).

Carlos Heitor Cony também ressalta a peculiaridade das personagens das *Memórias*, que não foram "coloridas pela palheta do romantismo". Foi através do romance de Almeida que surgiram "os primeiros tipos verdadeiros que delineariam a ficção nacional", tendo o padrinho e a comadre como grandes exemplos. Além disso, a figura do anti-herói também surge em nossa literatura por meio das *Memórias*, sendo muito bem representada por Leonardo.

> [...] Os heróis da safra romântica eram invariáveis no fundo e na forma: os bons, bons; os maus, maus; os belos, belos; as honestas, honestas. Manuel Antônio de Almeida evitou a banalidade dos modelos consagrados. Seus personagens são bons e maus ao mesmo tempo, velhacos e ingênuos na mesma proporção, o bem e o mal coexistindo em todos eles, pacificamente, sem gerar maiores conflitos que os do cotidiano de todos nós, donde podemos afirmar: nas *Memórias de um sargento de milícias* entrou o homem em nossa literatura. (CONY, 2012, p. 10-11).

Com personagens comuns e mostrando o cotidiano da cidade, as *Memórias* fugiram do padrão dos romances populares da época e fora do contexto da "Pacotilha" pareceram não agradar muito. Essa "peculiaridade" fez com que o romance recebesse o rótulo de deslocado dentro do movimento romântico. Marcus Vinicius Nogueira Soares lembra que dentro da fortuna crítica de Almeida há abordagens que caracterizam as *Memórias* como um romance deslocado, por não haver "um ponto de contato com o romantismo praticado à época de sua publicação".

> [...] Para os seus contemporâneos, esse deslocamento era perceptível em sua fragilidade formal (personagens caricaturais sem qualquer profundidade psicológica, ausência de sublimidade nacional, excessivas repetições, etc), razão pela qual a história de Leonardo foi relegada ao quase total esquecimento, só minimizado pela morte do autor em 1861. (SOARES, 2011, p.217).

A morte prematura de Almeida originou umas poucas críticas superficiais sobre o seu único romance publicado. Um exemplo foi a de Joaquim Manuel de Macedo na obra *Ano Biográfico Brasileiro*, de 1876. Além de esboçar uma breve biografia do autor, Macedo salienta que as *Memórias* foram "um estudo ameno e precioso de antigos costumes do país, e de coisas nele passadas, que mereceu aplausos gerais, e brilhou como aurora promissora de fulgurante dia" (MACEDO, 1991, p.145).

Quem observa as centenas de edições da obra atualmente não imagina que, até o Modernismo, ela tenha ficado tanto tempo na obscuridade. A partir da crítica de Mário de Andrade, em 1941, o romance que se passava "no tempo do rei" finalmente passou a ser considerado uma obra valorosa.

Já em 1970, Antonio Candido, em seu ensaio "Dialética da malandragem", observou a existência de uma dialética de ordem e desordem dentro do romance. Candido também viu nas *Memórias* um romance "malandro", sendo o protagonista Leonardo o primeiro malandro de nossa literatura. Este capítulo se propõe a mostrar, a partir de uma perspectiva temporal, a visão da crítica desde os contemporâneos de Almeida até o referido ensaio de Candido.

3.1 **Inicialmente, um romance de costumes.**

Como já mencionado, as *Memórias de um sargento de milícias* foram consideradas um romance de costumes à época de sua publicação. A "peculiaridade" da obra, no entanto, não agradou muito se comparada a outros romances de costumes contemporâneos, como *A moreninha*, por exemplo. De acordo com Rosália de Almeida Dias, a crítica do século XIX considerava "bons romances" aqueles que carregavam uma missão moralizante e instrutiva.

> Grande parte dos romances estrangeiros que circulavam no Brasil na época em que foram produzidas nossas primeiras narrativas possuía um caráter edificante. Nossos escritores e críticos, lendo esses chamados romances modernos europeus, acabaram tomando-os como modelo e estabelecendo que o romance, para ser considerado bom, deveria moralizar e instruir. O romance de estreia de Macedo, embora de uma maneira bem-humorada, parecia ter como missão básica moralizar e instruir estando, portanto, de acordo com o que era considerado, na época, um bom romance. (DIAS, 2012, p.4).

.

Antonio Candido não observa no romance um intuito moral. Na verdade, para o crítico as *Memórias* seriam um romance amoral, desprovido, portanto, de qualquer intenção moralizante. "A sua posição é um certo amoralismo tolerante e alegre, capaz de enxergar o

outro lado de cada sentimento e de cada ação, de maneira a apagar a divisão entre o bem e o mal, tão respeitada pelos românticos" (CANDIDO, 2002, p.62).

Com um posicionamento semelhante ao de Candido, Walnice Nogueira Galvão lembra que as personagens das *Memórias* "não são íntegras no sentido positivo", portanto, suas características e ações não carregavam a missão de instruir as mocinhas leitoras da época. Além disso, há uma permanência nessas características e atitudes. Não há, por exemplo, a redenção do herói que procura redimir-se de seu erro. Nas *Memórias*, não. As personagens começam e terminam de uma mesma maneira.

> [...] As personagens de Manuel Antônio de Almeida são personagens planas em baixo nível. Do ângulo interno, seus móveis são invariáveis e sempre primários: luxúria, cobiça, vaidade, ou simplesmente tolice e frivolidade. Do ângulo externo, sua caracterização é também constante e acentua os aspectos negativos, cômicos e grotescos. Nosso autor tem um olhar singular que anota imediatamente — e quase exclusivamente — o grotesco das personagens. E dentro dessa linha grotesca eles se mantêm. (GALVÃO, 1976, p.30).

Houve, contudo, quem tenha enxergado nas *Memórias* um instrumento de moralização: Eugênio Gomes. Para exemplificar o seu argumento, Eugênio ressaltou, em *Aspectos do Romance Brasileiro*, a crítica que o autor das *Memórias* fez aos casais que optavam por uma união ilegítima. No último capítulo do romance, "Conclusão feliz", o narrador observou: "Esse meio de que falamos, essa caricatura de família, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade" (ALMEIDA, 2015, p.258). Tal união seria inconcebível para um amor tão puro como o de Leonardo e Luisinha.

> Aí está a prova de que o romancista tinha um intuito moral quando escreveu as *Memórias de um sargento de milícias*. No episódio dos amores de Leonardo e Luisinha, no conduzir o idílio de maneira tão límpida, desde o primeiro momento de enleio até o recomeço do namoro com a moça já viúva, sobressai sempre essa coisa que parecia incompatível com a sociedade corrupta e viciosa em que eles viveram: a mais perfeita legitimidade de sentimentos. (GOMES, 1958, p.76).

Embora o romance de Almeida não carregasse a missão de moralizar e instruir, de acordo com Candido, para Eugênio Gomes havia sim um intuito moral na obra de Manuel Antônio de Almeida. Caminhando em direção a Gomes, Mamede Mustafa Jarouche vê nas *Memórias* uma sátira social, o que implicaria um intuito moralizante. Almeida busca criticar a sociedade do "tempo do rei". Curiosamente, os problemas criticados do período joanino eram os mesmos da época do romancista. Logo, a crítica do autor também valia para a sua própria época. "[...] Talvez, de forma irônica, ele estivesse insinuando que o Brasil de *seu* tempo (1852-

1853) não seria lá muito diferente do Brasil no tempo de Dom João VI" (JAROUCHE, 2016, p.33, grifo do autor).

Já no que tange à descrição dos costumes da época, o romance fornece, de acordo com Astrojildo Pereira, "uma série de documentos de primeira ordem, em nada inferiores às famosas aquarelas de Debret" (PEREIRA, 1973, p.40). Ajudado pelo companheiro de redação no *Correio Mercantil* e antigo sargento de milícias, Antônio Cesar Ramos, o jovem Maneco registrou com a sua pena a mesma riqueza de detalhes da capital fluminense e seus costumes que Debret imortalizara em suas telas.

> [...] Escrevendo pelos anos de 1852 e 1853, o autor recua no tempo, para poder recriar a vida na cidade, tal qual ele a imaginava e os fatos, relatos e reminiscências de todo o tipo permitiam, desde construções e estilos arquitetônicos, passando pelos costumes e formas de crenças religiosas, até palavras e expressões já em desuso ou com sabor de arcaico. (RONCARI, 2014, p.565).

Vale ressaltar, porém, que nenhuma descrição dos costumes da época estão presentes no romance por acaso. Todas estão diretamente ligadas aos acontecimentos, às ações das personagens. No capítulo III ("Despedidas às travessuras"), por exemplo, o narrador das *Memórias* descreve a via-sacra do Bom Jesus para deixar o leitor a par da fuga de Leonardinho, que escapara para acompanhar a tal procissão.

> Às quartas-feiras e em outros dias da semana saía do Bom Jesus e de outras igrejas uma espécie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruzes, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo. Este ato, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e ocasião a quanta sorte de zombaria e de imoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o desrespeito dos moços de agora. (ALMEIDA, 2015, p.24).

Mais adiante, no capítulo XX ("O fogo no Campo"), ao retratar as comemorações do Divino, o narrador descreve o cenário para mostrar o despertar de Leonardo em relação à Luisinha. Ali, assistindo aos foguetes e contemplando a lua, ele nota pela primeira vez a beleza da sobrinha de Dona Maria.

> [...] Grande parte do Campo estava já coberta daqueles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre eles, e ouvir aqui a anedota que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquele tom apaixonadamente poético que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquele movimento e animação que geralmente reinavam. [...] O Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus ombros aquela cabeça de menina iluminada

> pelo clarão pálido do misto que ardia, e ficou também por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jamais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se dela e achá-la feia. (ALMEIDA, 2015, p.110-11).

De acordo com Antonio Candido, Almeida preocupou-se em mostrar a norma, o padrão que havia na sociedade, "por isso os seus personagens-tipos são mais sociais do que psicológicos, definindo antes um modo de existir do que de ser" (CANDIDO, 2017, p.534). Dessa forma, o barbeiro, a comadre, o mestre de cerimônias não são conhecidos por suas singularidades, representando, na verdade, o grupo a que pertencem na sociedade. Candido também observa que a vasta descrição de lugares, procissões, danças e festas não servem apenas como pano de fundo para as personagens, algo corriqueiro em outros romances oitocentistas. O que se vê nas *Memórias* é o contrário.

> [...] O que no *Esaú e Jacó*, por exemplo, é essencial (a saber, a duração interior, o conflito moral), é aqui acessório, para não dizer inexistente. O essencial daqui, em compensação, é o acessório de lá: usos, costumes, episódios. Daí a composição do livro estar subordinada à lógica do acontecimento, que por sua vez obedece ao movimento mais amplo do panorama social. O que encontramos no fundo do romance é essa condição, de ordem sociológica. Manuel Antônio deseja contar de que maneira se vivia no Rio popularesco de d. João VI: as famílias mal organizadas, os vadios, as procissões, as festas, as danças, a polícia; o mecanismo dos empenhos, influências, compadrios, punições, que determinavam uma certa forma de convivência e se manifestavam por certos tipos de comportamento. (CANDIDO, 2017, p.534).

Na descrição das personagens, por exemplo, o narrador foca, como bem pontuou Walnice Nogueira Galvão, "no grotesco das personagens". Ainda assim, não há uma preocupação aprofundada de descrever características psicológicas ou conflitos interiores. O intuito principal está em evidenciar as atitudes. Por isso, a insistência no grotesco, já que era uma forma de satirizar (não uma pessoa apenas, mas um grupo) e um enfoque no acontecimento, na ação. Para exemplificar, vejamos, no capítulo XV ("Estralada"), a apresentação da personagem Chico-Juca:

> Entre os honestos cidadãos que nisto se ocupavam [do ofício de valentão], havia, na época desta história, um certo Chico-Juca, afamadíssimo e temível. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-no a princípio — Chico —; porém tendo acontecido que conseguisse ele pelo seu braço lançar por terra do trono da valentia a um companheiro que era no seu gênero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam — Juca, — juntaram este apelido ao seu, como honra pela vitória, e chamaram-no daí em diante — Chico-Juca. (ALMEIDA, 2015, p.83-84).

Se atentarmos para o trecho citado, notaremos que a descrição da personagem, inclusive o fato de se chamar Francisco, torna-se algo menos relevante quando comparado à ação que fez com que ganhasse o apelido de seu oponente. Como ressaltado por Candido, é a supremacia do acontecimento que permeia todo o romance. Algo de análogo ocorre no capítulo II ("Primeiros infortúnios"), quando o narrador descreve pela primeira vez o protagonista Leonardo. Há um uso bem maior de verbos em vez de adjetivos, o que sugere que a prevalência está na ação praticada por Leonardinho.

> [...] Atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colérico; tinha ojeriza particular à madrinha, a quem não podia encarar, e era estranhão até não poder mais. Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia de custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. (ALMEIDA, 2015, p.14-15).

Para Eliane Zagury, Almeida "conviveu bastante com uma cultura de cunho mais popular, dentro da sua própria época" (ZAGURY, 2002, p.6), o que facilitou a escrita do romance. Essa convivência com a cultura popular aliada aos relatos que obteve da sociedade fluminense do período joanino possibilitou uma riqueza de detalhes dos usos e costumes da época. Dessa forma, as *Memórias* tornaram-se, segundo Astrojildo Pereira (1973, p.40), um meio eficaz de compreensão da vida no Rio no começo do século XIX. O mesmo pontua Alfredo Bosi.

> É supérfluo encarecer o valor documental da obra. A crítica sociológica já o fez com a devida minúcia. As *Memórias* nos dão, na verdade, um corte sincrônico da vida familiar brasileira nos meios urbanos em uma fase em que já se esboçava uma estrutura não mais puramente colonial, mas ainda longe do quadro industrial-burguês. E, como o autor conviveu de fato com o povo, o espelhamento foi distorcido apenas pelo ângulo da comicidade. Que é, de longa data, o viés pelo qual o artista vê o típico, e sobretudo o típico popular. (BOSI, 2015, p.141).

E por compreender tão bem a cultura popular, Almeida escreveu uma obra que, de certa forma, se mantém atualíssima. O romance, embora ambientado na primeira metade do século XIX, possui um caráter popular que gerou e gera uma identificação com leitores de diferentes épocas. Isso porque o autor possuía, de acordo com Mario de Andrade, "a bossa do folclorista,

e estava consciente disso, pois confessa francamente, no livro, trazer entre as suas intenções a de fixar costumes" (ANDRADE, 1978, p.309).

3.2 **Romance pré-realista**

As *Memórias*, como já mencionado, destoaram dos romances sentimentalistas da época (populares entre as moças das classes altas), como *A moreninha*, de Macedo, por não apresentar floreios e sentimentalismo exacerbado. Vale lembrar, contudo, que dentro do contexto da "Pacotilha" e da imprensa satírica oitocentista a obra se encaixa perfeitamente. Alguns críticos, possivelmente, por ignorar esse contexto enxergaram um pré-realismo na obra. José Veríssimo, por exemplo, ao escrever o prefácio da quinta edição do romance, titubeia e observa:

> [...] Eu ficaria embaraçado se houvesse de classificar este romance em uma das escolas em que se dividem as concepções e as maneiras literárias. Se o realismo não tivesse em arte uma significação definida, eu o chamaria realista; se o naturalismo não pretendesse possuir uma estética própria e processos distintos, eu o taxaria de naturalista. Desprezadas as definições e as pretensões das escolas, este romance é, em todo o rigor do termo, realista e naturalista, e, se os nossos naturalistas de hoje quisessem justificar-se por uma filiação histórica não precisavam ir às margens do Sena; o minúsculo Carioca lhes ofereceria um pai. Ele é realista, porque nos conta fatos reais e nos fala de coisas, "res", verdadeiras, com verdade; é naturalista, porque na representação dessas coisas cinge-se estreitamente ao natural, sem exagerar ou deturpar, por processos de estilo ou singularidade de concepção, a chata realidade das coisas. (VERÍSSIMO, 1978, p.297).

Parecer semelhante foi escrito por Agripino Grieco ao relatar que Almeida possuía "um dom realista simplesmente divinatório, se considerarmos que, em 1854, Flaubert ainda não havia publicado a *Madame Bovary* e o Naturalismo de Zola ainda levaria umas duas décadas para tomar seu lugar nas letras francesas" (GRIECO, 1973, p.37). Contrariando, porém, o argumento de Grieco sobre o suposto realismo de Almeida, Afrânio Coutinho escreve: "Nada há no brasileiro [Almeida] da arte impessoal, objetiva, fria, pessimista, da análise psicológica quase científica, que seriam características da arte flaubertiana" (COUTINHO, 1999, p.7). Citando também Balzac e "seu naturalismo para a classificação das famílias como espécies animais", Coutinho deixa claro que a obra de Almeida nada possui de realista, sendo equivocada, portanto, qualquer classificação nesse sentido.

Ademais, seria bastante duvidoso supor que as *Memórias* representassem um documento fiel de sua época. Candido, por exemplo, em "Dialética da malandragem", lembra uma observação de Darcy Damasceno: que o panorama que a obra de Almeida traça não é

amplo, de modo que as personagens se concentram nas áreas centrais da cidade e uma ou duas vezes o autor nos leva ao subúrbio. Candido também pontua que:

> [...] socialmente a ação é circunscrita a um tipo de gente livre e modesta, que hoje chamaríamos pequena burguesia [...]. Havia, porém, um elemento mais antigo e importante para o quotidiano, que formava a maior parte da população e sem o qual não se vivia: os escravos. Ora, como nota Mário de Andrade, não há gente de cor no livro, — salvo as baianas da procissão dos Ourives, mero elemento decorativo, e as crias da casa de Dona Maria [...]. (CANDIDO, 1978, p.326).

Em seu prefácio sobre as *Memórias*, em 1900, José Veríssimo também ressaltou que o romance de Almeida era um dos mais nacionalistas de nossa literatura, embora não chegasse a ser uma obra-prima. Uma das imperfeições apontadas pelo crítico era a escrita. Para Veríssimo, Almeida escrevia de forma natural, sem planejamentos ou estética pré-concebida. Além disso, a linguagem coloquial utilizada na obra destoava completamente dos romances da época, possuidores de uma escrita primorosa.

> [...] Esse estilo incorreto, descosido e solto, de uma simplicidade que é trivial, de um caráter sem feição, nem relevo, não é à época imputável e sendo próprio ao seu autor é o maior demérito de um livro que, e nenhuma ironia encobre o meu pensamento, para ser um dos mais belos da nossa literatura só lhe falta ser bem escrito. (VERÍSSIMO, 1978, p.296).

O que Veríssimo pontuou como uma escrita deficiente na verdade consistia numa documentação da língua falada na época. De acordo com Eliane Zagury, "seus diálogos, ao contrário dos de outros escritores seus contemporâneos, não sofrem nenhum amaneiramento, impondo-se por um coloquial filtrado e pitoresco" (ZAGURY, 2002, p.5). Zagury recorda, por exemplo, a personagem Vidinha, que foi caracterizada por sua maneira de falar. No capítulo VIII, "Novos amores", o narrador comenta: "Além do costume das risadas tinha Vidinha um outro, e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito acentuado" (ALMEIDA, 2015, p.169, grifo do autor).

Antônio Houaiss também vê nas *Memórias* uma expressão da linguagem popular, algo que foi irreverente para os romances da época, mas que mostrava, sem dúvida, coerência. Se a intenção do autor era retratar as classes mais populares do Rio joanino, nada mais natural que expressar a linguagem coloquial dessas classes. Houaiss salienta ainda que há uma visão objetiva no romance, proveniente de um realismo. Este, porém, não seria paternalista ou documental, e sim uma forma de mostrar a sociedade de modo natural, sem floreios.

> A língua das *Memórias*, dos personagens das *Memórias*, da atitude mental do autor das *Memórias* é preciosa: primeira tentativa não sofisticada (por conseguinte não

> "estilizada") de incorporar à literatura brasileira aspectos do falar já então principal no Brasil — o da área carioca, quer dizer, ao tempo, fluminense, nas suas camadas mais espontâneas. (HOUAISS, 1973, p.49-50).

Antonio Candido também salienta que a "impressão de realidade" evidenciada no romance não provém essencialmente das descrições do narrador acerca dos usos e costumes da sociedade da época. Na verdade, ela está atrelada à função das pessoas dentro desta sociedade. Candido observa que há duas etapas distintas na narrativa da obra. Na primeira etapa, há uma descrição de "tipos curiosos e pitorescos". Na segunda, esses "tipos" são subordinados à dinâmica dos acontecimentos.

> [...] É possível e mesmo provável que a redação tenha sido feita aos poucos, para atender à publicação seriada; e que o senso da unidade fosse aumentando progressivamente, à medida que a linha mestra do destino do "memorando" se consolidava, emergindo da poeira anedótica. Por isso, a primeira metade tem mais o aspecto de crônica, enquanto a segunda é mais romance, fortalecendo a anterior, preservando o colorido e o pitoresco da vida popular, sem situá-la, todavia, num excessivo primeiro plano. (CANDIDO, 1978, p.328).

Por se tratar de uma publicação folhetinesca, as *Memórias* também necessitavam de meios para manter a unidade, algo que verificamos através da narração. Em vários momentos, o narrador utiliza de artifícios para situar o leitor sobre determinado assunto, desculpa-se por estar sendo repetitivo às vezes, relembra situações relevantes etc. Isso se dava não porque o leitor precisasse de um amparo do narrador para compreender devidamente o romance, mas pela estrutura da publicação seriada. De acordo com Marcus Vinicius Nogueira Soares:

> É importante ressaltar que apelar constantemente à memória do leitor não resulta do esforço do narrador para controlar a dispersão ou instaurar a permanência. Na verdade, ambos os traços, o dispersivo e o efêmero, é que tornam realizável a interlocução, pois diante da possibilidade de rompimento da comunicação estabelecida, o narrador pode apelar ao leitor e saber se ele ainda está ali. O inevitável silêncio, que não deve se tornar definitivo, decorrente do limite de cada dia, consiste em compromisso no qual, por um lado, o narrador não se esquece do caráter provisório da suspensão — ele tem de estar sempre retomando o texto — e, por outro, o leitor deve lembrar-se do que até então foi dito. E desse compromisso, em que o leitor não é figurado como alguém que pode vir a ler o texto, mas como alguém que o lê efetivamente, no transcurso da interlocução estabelecida, é que se instaura a performatização. (SOARES, 2011, p.229).

O intervalo de tempo entre a publicação de um capítulo para outro gerava essa necessidade de interlocução. No capítulo XVIII ("Amores"), por exemplo, o narrador comenta: "Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito" (ALMEIDA,

2015, p.100). Dezessete capítulos foram publicados sem que o leitor conhecesse o nome do protagonista!

Marques Rebelo comenta em sua biografia sobre a criação das *Memórias*. Ao lado de amigos como Bethencourt da Silva, Laurindo Rabelo e Domingos Jacy Monteiro, Almeida costumava participar de discussões acaloradas sobre literatura, ciência e política. Entre uma discussão e outra, aproveitava para escrever mais um capítulo de seu folhetim:

> [...] E era no meio desse alarido que Manuel Antônio de Almeida ia compondo muitos capítulos das *Memórias*, em posição bem extravagante — esticado numa marquesa, com preguiça de mudar a horizontal atitude, punha o chapéu alto sobre o ventre e em cima dele ia enchendo a lápis as suas tiras de papel, indiferente às risadas dos companheiros, sem dar grande importância ao seu trabalho, que nem era assinado, cujos capítulos muitas vezes traziam a numeração errada ou repetida, e cujas últimas linhas, em outras vezes, sem nenhuma separação, se misturavam com as mais cruéis mesquinharias políticas de que "A Pacotilha" era fértil. (REBELO, 2012, p.59-60).

Convém lembrar que a escrita utilizada na "Pacotilha" era bastante similar à das *Memórias*. A linguagem coloquial era comum em ambas. Portanto, descontextualizar o romance de seu primeiro veículo de publicação seria um equívoco. Ademais, o realismo evidenciado na obra não consiste numa antecipação do Realismo, apenas uma expressão natural da sociedade, sem excesso de sentimentalidades.

3.3 **As *Memórias* e a classificação picaresca**

Em 1941, ao escrever a introdução de uma edição das *Memórias* publicada pela editora Martins Fontes, Mário de Andrade comenta que Almeida "transferia a sua vida de aventureiro muito disponível, tanto de espírito como de existência, numa crônica semi-histórica de aventuras, em que relatava os casos e as adaptações vitais de um bom e legítimo 'pícaro', o Leonardo" (ANDRADE, 1978, p.303). Mário observa semelhanças entre a vida de Manuel Antônio de Almeida e de seu protagonista Leonardo, sugerindo que as travessuras e infortúnios de Leonardinho poderiam ser reflexos da infância do próprio Maneco. Além disso, ao descrever o romance, observa:

> As *Memórias de um sargento de milícias* não são um livro romanesco à maneira com que se concebem e se enredam os romances sérios do século dezenove, quer românticos quer realistas ou psicológicos. São bem um romance de aventuras que se

> contam por capítulos; e não será por mero acaso que Manuel Antônio de Almeida escolhe para traduzir os seis volumes de um Paul Féval. Nem falta sequer às *Memórias* a história solta, entremeada no enredo, o caso pândego dos potes, que funciona dentro do livro com a mesma desenvoltura e técnica da anedota da matrona de Éfeso em Petrônio, o conto de Cupido e Psiquê em Apuleio, e os casos de Cervantes, cuja bíblia, se reagiu contra os livros de cavalaria, é bem a técnica e o espírito do romance picaresco espanhol que ergue ao sublime. (ANDRADE, 1978, p.314).

A partir dessa observação de Mário de Andrade, iniciou-se um novo posicionamento acerca da filiação das *Memórias*: a de romance picaresco. Um dos críticos a defender rigorosamente tal posicionamento foi Josué Montello, pontuando que há semelhanças entre o comportamento do herói Leonardo e o do pícaro espanhol. Ademais, ressalta que outras situações aproximam o romance de Almeida da novelística picaresca. "Nos capítulos de *La Vida Del Buscón*, de *Estebanillo González*, de *Lazarillo de Tormes*, para citar algumas obras fundamentais dessa novelística, poderemos rastrear pontos de contato que aprofundam as raízes do romance brasileiro" (MONTELLO, 1973, p.50).

Candido (1978), porém, lembra que há mais diferenças que semelhanças entre a obra de Manuel Antônio de Almeida e a novela picaresca. O próprio Leonardo, inclusive, se por um lado provém de uma origem humilde como os pícaros, por outro não sofre o abandono e as adversidades que eles enfrentam ao ponto de corrompê-los.

> [...] Tanto assim que lhe falta um traço básico do pícaro: o choque áspero com a realidade que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das "picardias". Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um atributo adquirido por força das circunstâncias. (CANDIDO, 1978, p.319).

Já Eugênio Gomes não demonstra o mesmo rigor em seu posicionamento como Josué Montello. Ele até reconhece algumas semelhanças entre as *Memórias* e o *Lazarillo de Tormes*, pontuando que em ambos o clero e o povo são satirizados e vistos "por uma ótica deformante" (GOMES, 1958, p.63). Além disso, as personagens são marginais e pretendem apenas "viver a vida". Também ressalta a figura do "cego rezador", presente no *Lazarillo* e no romance de Almeida.

No capítulo II de *A vida de Lazarillo de Tormes*, Lázaro narra o seu relacionamento com o cego, que o "adotara" ainda muito jovem. Muito afamado por suas rezas e conhecedor de "mil maneiras e ardis para conseguir dinheiro", o cego rezador muito ensinara ao protagonista sobre a vida. "Em seu ofício era uma águia. Sabia de cor cento e tantas orações. Rezava em tom grave,

pausado e sonoro, fazendo ecoar sua voz na igreja" (A VIDA, 2019, p.23). De modo similar, no capítulo IV das *Memórias*, encontramos a figura do Mestre de Reza, profissão corriqueira naquele tempo e exercida por cegos idosos. Sempre em posse de uma palmatória, eles percorriam as casas para ensinar a rezar aos filhos e aos escravos. No capítulo em questão, o Mestre de Reza é encontrado em casa de dona Maria, ensinando as escravas de sua casa.

> Fazia o mestre em voz alta o pelo-sinal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavam em coro todos os discípulos. Quanto a fazerem os sinais era ele quase sempre logrado, como facilmente se concebe, porém, pelo que toca à repetição das palavras, tão prático estava que, por maior que fosse o número de discípulos, percebia no meio do coro que havia faltado esta ou aquela voz, quando alguém se atrevia a deixar-se calado. Suspendia-se então imediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a reputação de que goza a pancada de cego. (ALMEIDA, 2015, p.145-147).

Contudo, embora apresente semelhanças entre *A vida de Lazarillo de Tormes* e as *Memórias de um sargento de milícias*, Eugênio Gomes (1958, p.64) salienta que a analogia de certos personagens e costumes, como o do cego rezador, é importante para lembrar que às vezes pode haver coincidência e não imitação.

Opondo-se à teoria de novela picaresca defendida por Josué Montello, Walnice Nogueira Galvão recorda dois pontos relevantes que sugerem que as *Memórias* são "muito mais romance que novela picaresca": o herói e o tempo. Na novela picaresca, o herói está presente em todos os capítulos, não fazendo sentido um episódio em que ele não apareça. Citando o próprio Lázaro, Walnice lembra que o pícaro "atravessa os meios mais diversos", mostrando ser "o esteio do enredo". Já nas *Memórias*, o protagonista Leonardo aparece em apenas 30 capítulos dos 48 do romance. Embora os 18 capítulos restantes possam refletir de alguma forma o herói, não há a necessidade de tê-lo como figura central e indispensável.

Já o tempo, segundo Walnice, mostra-se sempre igual na novela picaresca. Mesmo que haja saltos no tempo narrado, não há alteração rítmica, algo bem diferente do que ocorre nas *Memórias*.

> [...] Nas *Memórias* é [o tempo] um fator mais trabalhado, embora não nas relações entre os diversos episódios intercalados de quadros, mas dentro de cada episódio em si mesmo. O ritmo se altera muito, em certos episódios se precipita e adquire grande vivacidade. Vejamos o trecho em que Leonardo foge do Vidigal: o capítulo é todo narrado no imperfeito do indicativo, com exceção da reflexão interior de Leonardo, feita no presente ("É agora; *quebro* por ali fora, e *barafusto* por ali a dentro e *sumo-me*".) . No momento em que realmente empreende a fuga, o narrador troca o imperfeito pelo presente outra vez ("... *sai* dela Leonardo e *ganha* a rua"), conseguindo com isso um grande efeito de atualização. (GALVÃO, 1976, p.29, grifo do autor).

Além disso, Antonio Candido ressalta que geralmente é o próprio pícaro que narra as suas aventuras, de modo que toda a narração está restrita à ótica dele. No romance de Almeida, a história é contada na terceira pessoa por um narrador anônimo e que diversifica a ótica segundo os seus propósitos. Dessa forma, "o herói [Leonardo] é um personagem como todos os outros, apesar de preferencial; e não o instituidor ou a *ocasião* para instituir o mundo fictício, como o Lazarillo..." (CANDIDO, 1978, p.319, grifo do autor).

Por fim, Candido (1978) também observa que o pícaro evidencia os mais variados costumes e grupos sociais, de modo que a sociedade é retratada amplamente, embora essa retratação seja por meio da sátira. Nas *Memórias*, por outro lado, apenas uma parte da sociedade é retratada: a pequena burguesia. Também há sátira, mas sem a presença de palavrões e obscenidades, características comuns à novela picaresca.

3.4 **Um romance "malandro"?**

Em 1970, Antônio Candido, em "Dialética da malandragem (Caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)", aponta o protagonista Leonardo como o primeiro malandro da literatura brasileira, fazendo das *Memórias* um romance "malandro". A origem dessa malandragem possivelmente remontaria ao folclore e personagens como o padrinho, a comadre e a vizinha agourenta pertenceriam ao universo de fadas boas e más. Além disso, havia a "sina" de Leonardo, um destino que parecia justificar os acontecimentos na vida do protagonista. Candido, inclusive, ressalta que por conta desta "costela folclórica":

> [...] Pertenceria também o anonimato de vários personagens, importantes e secundários, designados pela profissão ou a posição no grupo, o que de um lado os dissolve em categorias sociais típicas, mas de outro os aproxima de paradigmas lendários e da indeterminação da fábula, onde há sempre "um Rei", "um homem", "um lenhador", "a mulher do soldado", etc. Pertenceria, ainda, o Major Vidigal, que por baixo da farda historicamente documentada é uma espécie de bicho-papão, devorador de gente alegre. (CANDIDO, 1978, p.323).

De igual modo, sobre essa possível filiação folclórica, Roberto Schwarz (1987, p.130) comenta que a malandragem presente nas *Memórias* é oriunda da colônia, manifestando-se em figuras folclóricas como Pedro Malasarte. Também estaria presente em Gregório de Matos e na imprensa satírica da Regência, culminando em *Macunaíma*, no século XX.

A partir da descoberta da malandragem no romance de Almeida, Candido intui a existência de uma dialética de ordem e desordem, "que manifesta concretamente as relações humanas no plano do livro, do qual forma o sistema de referência" (CANDIDO, 1978, p.329). Em outras palavras:

> [...] Acompanhando a circulação das personagens, Antonio Candido nota que elas vão e vêm entre as esferas sociais da ordem e da desordem, e que estas idas e vindas são consideradas com imparcialidade pelo romancista, isto é, sem aderir às valorações positiva e negativa que o campo da ordem costuma estipular para si mesmo e para o seu oposto. (SCHWARZ, 1987, p.131-132).

Candido ressalta, inclusive, a figura do próprio major Vidigal, no capítulo XXIII ("As três em comissão"). Neste capítulo, Leonardo está preso. A comadre, dona Maria e Maria-Regalada vão à casa do Vidigal em busca de auxílio. O major, ignorando quem eram as visitantes, não se veste adequadamente. Ao reconhecer as senhoras, no entanto, retorna para colocar a farda.

> Partiram pois as três para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivilidade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. (ALMEIDA, 2015, p.245).

Neste momento, o Vidigal, que personificava a lei e a ordem, passa a evidenciar simultaneamente a ordem e a desordem contidas no romance. Dessa forma, mostra que nas *Memórias* nada é inflexível. Além disso, a movimentação constante das personagens entre as esferas sociais de ordem e desordem evidencia outro ponto relevante no romance: o movimento. Nas *Memórias*, a ação é primordial e as personagens estão subordinadas aos acontecimentos. Candido vê a obra como um "romance em moto-contínuo", fazendo referência à ação e à rapidez com que os acontecimentos ocorrem no romance.

Sendo assim, a força das *Memórias* está no movimento, isto é, no deslocamento entre os hemisférios de ordem e desordem, gerando a malandragem que caracteriza a obra. Mais do que um simples desejo de haver uma movimentação constante, o romance traz um deslocamento que exemplifica tanto a estrutura formal da obra quanto da sociedade do período joanino. Vale ressaltar, no entanto, que a malandragem presente nas *Memórias* apresenta duas facetas: a de sobrevivência e a de traço cultural do brasileiro.

3.4.1 A malandragem como forma de sobrevivência

Como já mencionado, as *Memórias* retratam apenas um grupo social do período joanino: os brancos livres e pobres. Não é difícil de imaginar que em uma sociedade onde a maioria da população seja de escravos (responsáveis pela mão de obra) e a parte nobre seja responsável pelo mando, os brancos livres e pobres encontrem dificuldades de subsistência. Como sobreviver nesse contexto então? Uma alternativa seria o favor.

> [...] nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens dependem materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. (SCHWARZ, 2000, p.16, grifo do autor).

Sobre a figura do agregado, no capítulo X das *Memórias*, o narrador comenta que "era uma verdadeira parasita que se prendia à arvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar os frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela" (ALMEIDA, 2015, p.179).

A chegada de D. João VI, em 1808, só reforçou a sobrevivência por meio do favor, uma vez que a cidade foi obrigada a sofrer transformações de uma hora para outra. Foi criada a Guarda Nacional, que tinha a responsabilidade de garantir a segurança e a ordem. Além disso, a polícia tinha a incumbência de fazer obras para a melhoria da cidade, zelar pela limpeza e alimentação.

A questão da alimentação, por exemplo, tornou-se bastante problemática, já que "os habitantes do Rio de Janeiro sofreram com o aumento dos gêneros alimentícios devido ao grande fluxo de pessoas para a cidade" (ARAÚJO, 2008, p.88). Dessa forma, não era uma tarefa fácil ser um homem livre, contudo, pobre no "tempo do rei". O favor tornou-se, dessa forma, algo indispensável na primeira metade do século XIX. Tanto que ele "esteve presente por toda a parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte, etc" (SCHWARZ, 2000, p.16).

Nas *Memórias*, podemos encontrar o favor em diferentes episódios, por exemplo, no capítulo XV ("Caldo entornado"). Após escapar das garras do major Vidigal, Leonardo encontrava-se em sérios apuros. Precisava de uma ocupação, caso contrário, não escaparia do Vidigal novamente. A comadre lembrou o afilhado da possibilidade do major transformá-lo em um soldado. Leonardo exasperou-se, pois "ser soldado era naquele tempo, e ainda hoje talvez,

a pior coisa que podia suceder a um homem" (ALMEIDA, 2015, p.205). Entretanto, era comum, "no tempo do rei", a polícia pôr as mãos nos jovens ociosos que "eram recrutados nas camadas de homens pobres e livres da sociedade, muitas vezes contra a própria vontade [...]" (GONÇALVES, 2013, p.16). Por isso, Leonardo aceitou de bom grado o emprego que a madrinha conseguira para ele na ucharia real.

> [...] o zelo da comadre pôs-se em atividade, e poucos dias depois entrou ela muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excelente arranjo que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro, e o punha perfeitamente a coberto das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e atendendo só ao adjetivo real, todos os interessados e o próprio Leonardo regalaram os olhos com o achado da comadre. (ALMEIDA, 2015, p.205).

Podemos citar também como exemplo a atitude do próprio major Vidigal, como já mencionado, que após passar todo o romance caçando vadios e patuscos, acaba cedendo aos apelos de Maria-Regalada. Esta prometera reatar o antigo romance em troca da liberdade de Leonardo. O major, que até aquele momento personificava a lei e a ordem, aceita a troca de favores.

> Depois disto, entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em consequência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo alcançou; e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de sargento de milícias. (ALMEIDA, 2015, p.260).

Dessa forma, notamos que "numa sociedade na qual uns poucos livres trabalham e os outros flauteavam ao Deus dará [...]" (CANDIDO, 1978, p.336), o favor era uma alternativa malandra de sobrevivência. Alfredo Bosi (2015, p.140-141) também ressalta que essa capacidade de tentar driblar as adversidades e gozar os momentos de boa sorte é o que move as personagens do romance, fazendo-as praticar pequenos engodos.

Ademais, segundo Edu Teruki Otsuka, enxergar a malandragem apenas como um traço cultural do brasileiro seria diminuir a relevância de "Dialética da malandragem", visto que a malandragem está além de uma simples característica brasileira. Mais do que isso, ela seria o resultado de um problema histórico-social e "entendida exclusivamente como traço cultural brasileiro, a malandragem tende a ser desvinculada do quadro determinado da organização econômico-social" (OTSUKA, 2007, p.107).

3.4.2 A malandragem como traço cultural brasileiro

Pudemos notar que a malandragem "no tempo do rei" pode ser vista como uma forma de sobrevivência. Além disso, ela também pode ser considerada um traço cultural de nosso povo. Em "A malandragem em perspectiva crítica", Thiago Moraes Fernandes Cruz salienta que "o malandro enquanto importante chave de interpretação nacional encontra na crítica literária, a partir de um recorte preciso que é o das *Memórias*, uma perspectiva histórica e outra, positivada, culturalista" (CRUZ, 2013, p.7).

Candido, ao analisar e qualificar as *Memórias* como um romance "malandro", ateve-se a uma visão universalista, atribuindo a malandragem a um traço cultural brasileiro. Busquemos, então, analisar a malandragem sob esse aspecto de característica brasileira. Tomemos, primeiramente, o compadre, que aparenta ser a mais amável de todas as personagens do romance. De coração terno, dedicou seus últimos anos ao afilhado Leonardo. Por ter uma ingenuidade que beira a tolice, vê inocência até nas piores diabruras de Leonardinho, ganhando assim a simpatia dos leitores. Porém, até o ingênuo compadre esconde um passado obscuro. No capítulo IX ("O - arranjei-me - do compadre"), o narrador nos conta sobre a traição ao capitão do navio, o que possibilitou o compadre a iniciar o ofício de barbeiro.

> Quanto às ordens do capitão... histórias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os únicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma coisa era os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa. O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez. (ALMEIDA, 2015, p.52).

A sua malandragem de ficar com as moedas de outro e de prata da filha do capitão do navio o faz "descer" para o hemisfério da desordem. Porém, sua benevolência para com Leonardo o faz retornar ao hemisfério da ordem e ali permanecer até a sua morte. "As pessoas fazem coisas que poderiam ser qualificadas como reprováveis, mas também fazem outras dignas de louvor, que as compensam. E como todos têm defeitos, ninguém merece censura" (CANDIDO, 1978, p.338).

Lembremos também da madrinha de Leonardo: a comadre. Esta é descrita como "uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonachona, ingênua ou tola até certo ponto, e finória até outro [...]" (ALMEIDA, 2015, p.40). Além de afamada parteira e papa-missas da cidade, é uma das personagens que mais ajuda o protagonista. Provavelmente, sem os seus empenhos, Leonardo não chegaria ao posto de sargento de milícias. Contudo, apesar de suas boas atitudes,

no capitulo II (“Trama”), cria uma grande intriga em relação a José Manuel. Tudo porque a comadre queria ajudar o afilhado Leonardo em seus amores, afastando o pretendente de Luisinha.

> José Manuel saiu completamente corrido e cismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga. Quanto a d. Maria, ficou muito satisfeita, pois tendo no seu caráter um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa ação rompendo com José Manuel, que ficara com efeito, como o calculara a comadre, perdendo muito no seu conceito. (ALMEIDA, 2015, p.143).

Essas duas personagens, o compadre e a comadre, exemplificam satisfatoriamente a malandragem como traço cultural do brasileiro oitocentista. Embora sejam vistas como pessoas ingênuas, boas e solidárias, também utilizaram de artifícios malandros para alcançar o que desejavam. Dessa maneira, notamos que todas as personagens das *Memórias* cometem erros e acertos. Se por um lado fazem algo de ruim, por outro fazem algo de bom, provocando assim um equilíbrio. Isso porque “o princípio moral das *Memórias* parece ser, exatamente como os fatos narrados, uma espécie de balanceio entre o bem e o mal, compensados a cada instante um pelo outro sem jamais aparecerem em estado de inteireza” (CANDIDO, 1978, p.338).

Desse modo, o romance de Almeida busca mostrar de forma divertida “o homem como ele é”, um misto de bem e mal, oscilando sempre entre o universo da ordem e o da desordem por meio da malandragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise do lirismo e da sátira presentes na obra de Manuel Antônio de Almeida. O intuito era comparar os poemas de Almeida com os de poetas contemporâneos a ele, de modo a apontar o lirismo por meio de um estudo comparativo. Já em relação à sátira, a proposta era analisar a homologia existente entre a seção humorística "Pacotilha", do jornal *Correio Mercantil*, e as *Memórias de um sargento de milícias*, de Almeida, publicadas na mesma seção. E dessa forma evidenciar a sátira presente em ambas.

Primeiramente, iniciamos com a análise do lirismo na obra de Almeida. Poetas como Gonçalves Dias, Francisco Otaviano e Casimiro de Abreu foram escolhidos para um estudo comparativo. Notamos também a forte influência de Gonçalves Dias nos primeiros poemas de Almeida, escritos ainda na adolescência. Os poemas "A uma jovem espanhola", de Almeida, e "A leviana", de Gonçalves Dias, são extremamente semelhantes tanto do ponto de vista estrutural quanto temático.

Também evidenciamos os principais temas da poesia de Almeida: a figura feminina casta e bela, além do amor inalcançável. Essa temática do amor inacessível foi analisada através de uma comparação entre os poemas "Amor e medo", de Casimiro de Abreu, e "Escuta", de Almeida. Tanto em Abreu como em Almeida, o eu lírico rejeita a concretização do amor, já que para os românticos a expectativa da concretização do amor é mais relevante que a concretização em si.

A lírica amorosa de Almeida não apresenta grandes inovações ou singularidades. Longe de apresentar a qualidade poética de um Gonçalves Dias ou de um Álvares de Azevedo, por exemplo, seus poemas são medianos, o que gerou uma frustração em seu biógrafo, Marques Rebelo. Este esperava encontrar na lírica de Almeida a mesma genialidade das *Memórias*. Vale ressaltar, no entanto, que seus poemas o colocam na posição de um romântico genuíno. O que desconstrói a ideia de Almeida ser um antirromântico, opondo-se ao movimento romântico propositalmente.

No segundo capítulo, buscamos analisar a homologia existente entre a "Pacotilha" e as *Memórias*. Publicadas na "Pacotilha", as *Memórias de um sargento de milícias* apresentavam a mesma veia satírica da seção humorística. À vista disso, comparamos a estrutura da seção humorística do *Correio Mercantil* com o romance de Almeida. A sátira presente nas *Memórias* é fruto da sátira existente na "Pacotilha". Tanto o "Escritório da Pacotilha" quanto as *Memórias*

utilizaram a sátira com o intuito de criticar problemas sociais. Além disso, alguns acontecimentos do romance são muito similares aos da seção humorística, havendo uma correspondência significativa. Mostramos que técnicas da sátira como a redução e a ironia estão presentes tanto em publicações do "Escritório" quanto nas *Memórias*. Do exposto, pudemos concluir que a sátira presente nas *Memórias de um sargento de milícias* é oriunda da "Pacotilha", seu primeiro meio de veiculação.

Já no terceiro capítulo, abordamos a visão da crítica acerca das *Memórias de um sargento de milícias*. Desde sua publicação, em 1852 e 1853, a obra de Almeida já foi classificada de diferentes formas: romance de costumes, pré-realista, picaresco e "malandro". Procuramos retratar cada classificação e os críticos que mais se destacaram em cada uma delas. Destacamos o equívoco da classificação pré-realista, com ensaios de José Veríssimo, que viu nas *Memórias* uma antecipação do Realismo e do Naturalismo. Também destacamos a classificação de romance "malandro", de Antonio Candido, colocando a malandragem sob dois aspectos distintos: como um traço cultural brasileiro e como uma forma de sobrevivência dos homens livres e pobres no período joanino.

Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e de internet. Utilizamos as edições críticas de Terezinha Marinho e de Cecília de Lara sobre as *Memórias*, bem como a biografia de Manuel Antônio de Almeida, de Marques Rebelo. Ademais, as obras de Marcus Vinicius Nogueira Soares e José Alcides Ribeiro sobre as *Memórias* no *Correio Mercantil*; e de Mamede Mustafa Jarouche sobre Manuel Antônio de Almeida e as *Memórias*, foram relevantes na compreensão da imprensa oitocentista.

Por fim, pudemos concluir que a figura de Manuel Antônio de Almeida é parte importante de nossa cultura popular. Seu único romance permanece tão atual quanto era em 1852. Isso porque as *Memórias de um sargento de milícias* exprimem uma essência tipicamente brasileira, dando a elas uma longevidade que Almeida nunca imaginou alcançar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. Amor e medo. *In:* SECCHIN, Antonio Carlos (org.). *Roteiro da poesia brasileira*: romantismo. São Paulo: Global, 2007. p.169-171.

A CARAPUÇA, jornal satírico para recreio das famílias. Introdução. Rio de Janeiro, ano1, n.1, p.1, 19 abr. 1857.

ACTAS da Sociedade contra o tráfico de africanos e promotora da colonização e civilização dos indígenas. *O Philanthropo*, Rio de Janeiro, ano 3, n.127, p.4, 13 fev. 1852.

ACTAS da Sociedade contra o tráfico de africanos e promotora da colonização e civilização dos indígenas. *O Philanthropo*, Rio de Janeiro, ano 4, n.134, p.3, 30 abr. 1852.

ALGUMAS palavras. *O Mágico*, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.1, 23 nov. 1851.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. Amor de criança. *In*: MENDONÇA, Bernardo de (org.). *Obra Dispersa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p.179-180.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. A uma jovem espanhola. *In:* MENDONÇA, Bernardo de (org.). *Obra dispersa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p.173-174.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. Civilização dos Indígenas: duas palavras ao autor do "Memorial Orgânico". *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 8, n.307, p.1-2, 13 dez. 1851.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. Escuta. *In:* REBELO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2012. p.35-36.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Panda Books, 2015.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. O morrer da virgem. *In*: MENDONÇA, Bernardo de (org.). *Obra Dispersa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p.175-176.

ANDRADE, Mário de. Introdução. *In*: ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p.303-315.

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. O duplo cativeiro: escravos e prisões na corte joanina (Rio de Janeiro, Ca. 1790-1821). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, RJ, n.2, p.81-100, 2008. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/o-duplo-cativeiro-escravos-e-prisoes-na-corte-joanina-rio-de-janeiro-ca-1790-1821/. Acesso em: 06 maio 2020.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 9. ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

A VIDA de Lazarillo de Tormes. São Paulo: LeBooks, 2019. Disponível em: https://pt.scribd.com/read/419636590/A-Vida-de-Lazarilho-de-Tormes#. Acesso em: 19 abr. 2021.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil (1800-1900). Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Osmar. Prefácio. *In*: BARBOSA, Osmar (org.). *Os mais belos poemas de amor do romantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

BONSUCESSO, Anastácio Luiz de. À morte de uma jovem. *Marmota Flumimense*, jornal de modas e variedades, Rio de Janeiro, ano 2, n. 598, p.4, 10 jul. 1855.

BROCA, Brito. *Horas de leitura*: Primeira e segunda séries. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*). *In*: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p. 317-342.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*: Momentos Decisivos. 16. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/SP, 2002. Disponível em: https://docero.com.br/doc/cn8cee. Acesso em: 28 jan. 2020.

CAPELOTTI, João Paulo; LOBO, Judá Leão. Humor e liberdade de imprensa em *O Mequetrefe*. *Revista Direito e Práxis*, [*S.l.*], v.5, n.2, p.176-206, dez. 2014. ISSN 2179-8966. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/11564. Acesso em: 3 ago. 2020.

CONY, Carlos Heitor. Manuel Antônio de Almeida. *In:* REBELO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 9-21.

CORRESPONDÊNCIA especial para O Mequetrefe. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, ano 3, n.105, 6 jul. 1877, p.1.

CRUZ, Thiago Moraes Fernandes. A malandragem em perspectiva crítica. *Revista Crioula*, São Paulo, SP, n.13, nov. 2013. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2013.64219. Acesso em: 17 jun. 2021.

DIAS, Gonçalves. A leviana. *In:* GARBUGLIO, José Carlos (org.). *Melhores poemas de Gonçalves Dias*. 7. ed. São Paulo: Global, 2011.p. 32-33.

DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. *In:* GARBUGLIO, José Carlos (org.). *Melhores poemas de Gonçalves Dias*. 7. ed. São Paulo: Global, 2011. p.18.

DIAS, Rosália de Almeida. O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de *A moreninha*. *Cadernos do Instituto de Letras UFRGS*, Porto Alegre, n.45, p.19-38, dez. 2012.

ESCRITÓRIO da "Pacotilha". *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 6, n.142, p.2, 15 jun. 1851.

ESCRITÓRIO da "Pacotilha". *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 8, n.89, p. 3, 13 abr. 1851.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 8, n.107, p.4, 4 maio 1851.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.5, p.2, 5 jan.1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.5, p.3, 5 jan. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.19, p.2, 19 jan. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.19, p.3, 19 jan. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.26, p.3, 26 jan. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.61, p.2, 1 mar. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.75, p.2, 15 mar. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.95, p.2, 4 abr. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.157, p.2, 6 jun. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.178, p.1, 27 jun. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.304, p.2, 31 out. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 9, n.348, p.1, 14 dez. 1852.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano 10, n.2, p.1, 2 jan. 1853.

ESCRITÓRIO da “Pacotilha”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano10, n.16, p.2, 16 jan. 1853.

FACIOLI, Valentim. Pátria, natureza e sentimentos. *In:* FACIOLI, Valentim; OLIVIERI, Antonio Carlos (org.). *Poesia brasileira*: romantismo. 12. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 9-24.

FERROS, Constância Soraia Maciel. *A sátira e o jornalismo em Portugal*. 2017. 85f. Dissertação (mestrado em Jornalismo) – Universidade da Beira Interior, Artes e Letras UBI, 2017. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/9461. Acesso em: 30 ago. 2020.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de Gatos*: ensaios críticos. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. As mulheres salamandras. *O Carapuceiro*, periódico sempre moral, e só *per accidens* político, Recife, ano 6, p.1-4, 22 abr. 1837.

GARBUGLIO, José Carlos. Introdução. *In:* GARBUGLIO, José Carlos (org.). *Melhores poemas de Gonçalves Dias*. 7. ed. São Paulo: Global, 2001. p.7-12.

GOMES, Eugênio. *Aspectos do Romance Brasileiro*. Bahia: Ed. Progresso, 1958.

GONÇALVES, Leidiane de Castro. As transformações urbanas e o papel da Intendência de Polícia no Rio de Janeiro joanino. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 37., 2013, Natal. *Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: [*s.n.*], 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371305837_ARQUIVO_TextoAnpuhNatal-2.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

HODGART, Matthew. *La sátira*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

HOFFMANN, Rachel. *O bestiário humano*: a ironia em "A república dos corvos", de José Cardoso Pires. 2008. 116f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94186/hoffmann_r_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 ago. 2020.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. Galhofa sem melancolia: as *Memórias* num Mundo de Luzias e Saquaremas. *In:* ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016. p.13-59.

J.M.O.P. A pensativa. *O Mágico*, Rio de Janeiro, ano 2, n.16, 7 mar. 1852, p.6.

LARA, Cecília de. *Memórias de um sargento de milícias* e a crítica. *In:* ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição crítica de Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p.287-289.

LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Humor e política na Corte do Império do Brasil: os periódicos ilustrados e a elite política no século XIX. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA UFRGS, 10., 2015, Pelotas. *X Encontro Nacional de História da Mídia UFRGS*. Pelotas: UFRGS, 2015. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/humor-e-politica-na-corte-do-imperio-do-brasil-os-periodicos-ilustrados-e-a-elite-politica-no-seculo-xix/view. Acesso em: 24 ago. 2020.

MACEDO, Joaquim Manuel de. O elogio dos protetores. *In:* MENDONÇA, Bernardo de (org.). *Obra Dispersa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p.145-146.

MALERBA, Jurandir. *A Corte no exílio*: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARINHO, Terezinha. Prefácio. *In:* ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição crítica de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

MENDONÇA, Bernardo de. As musas da iniciação. *In:* MENDONÇA, Bernardo de (org.). *Obra Dispersa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1991. p.173-176.

MONTELLO, Josué. A literatura no Brasil. *In:* REBELO, Marques. *Para conhecer melhor Manuel Antônio de Almeida*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. p.50-51.

NEGRÃO, Maria José da Trindade. *Manuel Antônio de Almeida*: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1966.

NENU – Núcleo de estudantes Negras e Negros da UFBA. Fundação Palmares Cultural, 2008. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?p=2540#:~:text=A%20cultura%20negra%20%C3%A9%20para,inclusive%20sob%20legitima%C3%A7%C3%A3o%20pretensamente%20cient%C3%ADfica. Acesso em: 2 set. 2020.

NOTICIÁRIO. *O Mequetrefe*, Rio De Janeiro, ano 6, n.198, p.5, 10 jan. 1880.

O BEIJA-FLOR. *O Beija-Flor*: Jornal de Instrução e Recreio, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.1, 7 abr. 1849.

OTSUKA, Edu Teruki. Espírito Rixoso: para uma reinterpretação das *Memórias de um sargento de milícias*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, SP, n.44, p.105-124, fev. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i44p105-124. Acesso em: 23 maio 2021.

PALMATOADAS. *A Carapuça*, jornal satírico para recreio das famílias, Rio de Janeiro, ano 1, n.21, p.1, 24 out. 1857.

PEREIRA, Astrojildo. Interpretações. *In:* REBELO, Marques (org.). *Para conhecer melhor Manuel Antônio de Almeida*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. p.40.

PERIOTTO, Marcília Rocha. O jornal *O Carapuceiro (1832-1845)*: uma leitura na perspectiva da história da educação. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem05pdf/sm05ss16_07.pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.

REBELO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RIBEIRO, José Alcides. Correio Mercantil do Rio de Janeiro: modos jornalísticos e literários de composição. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO UERJ, 28., 2005, Rio de Janeiro. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação UERJ*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/52299316788677491622775106705398388218.pdf. Acesso em: 6 mar. 2020.

RIBEIRO, José Alcides. *Transdiciplinaridade*: Literatura Brasileira e Jornalismo/Correio Mercantil. Botucatu: Ed. Fernando Bilah, 2006.

ROSA, Francisco Octaviano de Almeida. Recordações. *In:* OLIVEIRA, Alberto de (org.). *Páginas de Ouro da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911. p.140-141.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Percursos da poesia brasileira*. Belo Horizonte: Autêntica/UFMG, 2018.

SECCHIN, Antonio Carlos. Romantismo. *In:* SECCHIN, Antonio Carlos (org.). *Roteiro da poesia brasileira*: Romantismo. São Paulo: Global, 2007. p.7-15.

SILVEIRA, Elza Maria Gonçalves da. *O Carapuceiro*: um periódico satírico na primeira metade do século XIX. 2007. 188f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-74QKCP. Acesso em: 25 jul. 2020.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *Memórias de um sargento de milícias* no *Correio Mercantil*. *Floema*: Caderno de Teoria e História Literária, Bahia, n.9, p.217-247, jan./jun. 2011. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1824/1555. Acesso em: 16 out. 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ZAGURY, Eliane. Retrato divertido do Brasil. *In:* ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. 31. ed. São Paulo: Ática, 2002. p.3-6.